



**MARIA HELENA ANDRÉS**  
**VIAGENS À INDIA E AO ORIENTE**



(Foto: José Israel Abrantes)



Este capítulo é parte da Autobiografia completa da autora. Está atualizado até outubro de 2015. Os textos foram publicados nos blogs: [www.memoriaseviagensmha.blogspot.com.br](http://www.memoriaseviagensmha.blogspot.com.br) e [www.mariahelenaandres.blogspot.com.br](http://www.mariahelenaandres.blogspot.com.br).

## **Maria Helena Andrés e a integração oriente-ocidente**

Maria Helena Andrés é a artista plástica brasileira que mais se empenhou em promover a integração entre o Oriente e o Ocidente e que mais contribuiu para o conhecimento, no Brasil, sobre a cultura indiana. Ela o fez pioneiramente, a partir da década de 70, numa época em que, no Brasil, pouca atenção era dada às relações culturais com a Ásia e especialmente com a Índia.

Essa integração e intercâmbio têm um significado especial nesse momento de crise da civilização ocidental industrial, nessa etapa da história em que a Ásia readquire centralidade e importância globais e na qual a perspectiva oriental, no mundo póscolonialista, passa a ser novamente valorizada.

Maria Helena identificou-se com a cultura da Índia, para onde viajou inúmeras vezes. Ali, por meio de imersão no cotidiano, desbravou o país, estudou a filosofia e a arte numa perspectiva ampla, absorvendo o espírito e a postura cosmológica dos orientais.

Tal intercâmbio resultou em textos e reflexões teóricas e conceituais publicados em seus livros. No livro *Encontro com Mestres no Oriente* (1993), discorre sobre suas viagens e reflexões no Japão, Tailândia, Nepal e Índia, focalizando mestres e pensadores como Mahatma Gandhi, Sri Ramakrishna, Sri Aurobindo, Sri Ramana Maharishi, Jiddu Krishnamurti, Swami Dayananda, Vimala Thakar, sendo que com os dois últimos teve convivência pessoal. No livro *Os caminhos da Arte* (3ª edição em 2015) aproxima a arte moderna da arte oriental, enfatizando a importância da intuição, da liberdade de criação e da arte estendida à vida na prática da caligrafia, pintura, poesia, fotografia, música, teatro e dança.

Realizou ainda as ilustrações do livro *Pepedro nos Caminhos da Índia* (1984 e 2007), de autoria de Aparecida Andrés, que relata a viagem de um menino brasileiro naquele país. Desse investimento no Oriente resultaram também contribuições, por meio de desenhos, do álbum *Oriente-Occidente, integração de culturas* (1984).

As inúmeras viagens ao Oriente e à Índia em busca da integração Oriente e Ocidente refletiram-se na obra teórica e plástica de Maria Helena Andrés. Ao fazê-lo, seguindo sua intuição e sua atração pessoal por aquela cultura, ela renunciou a uma inserção mais agressiva no mercado de arte nacional, a uma presença mais intensa em acontecimentos sociais e eventos artísticos e aos interesses econômicos e comerciais, em prol do desenvolvimento da consciência.

Ao buscar inspiração no Oriente, fez a trajetória inversa à de pintores japoneses que migraram para o Brasil, tais como Tomie Ohtake, Kazuo Wakabayashi, Tomoshige Kusuno

e Manabu Mabe. Mas seu abstracionismo lírico tem afinidade com a obra desses artistas, na medida em que revelam a gramática icônica dos japoneses, através da pintura gestual. Essa gramática icônica é apropriada pela propaganda e pela publicidade ao conceber logomarcas e outros signos gráficos de forte apelo comunicativo. Não por acaso, a própria logomarca do Instituto Maria Helena Andrés, criado em 2005 para desenvolver trabalhos de educação pela arte, identifica ao mesmo tempo os traços da artista e sua assinatura, que tem similaridades com a caligrafia oriental.



Logomarca do Instituto Maria Helena Andrés

Esse pioneirismo na reaproximação com o Oriente, pouco valorizado no Brasil, um país que ainda se liga prioritariamente à cultura ocidental, seguiu um pensamento semelhante ao do crítico de arte Mario Pedrosa que, ao retornar de uma viagem feita ao Japão, redigiu o ensaio denominado: *A caligrafia sino-japonesa moderna e a arte abstrata no Ocidente*, na qual revela ter encontrado respaldo para discorrer sobre a pintura informal ou lírica. Em uma sequência de matérias publicadas no Jornal do Brasil, em 1959, Pedrosa afirmava: "toda a arte chinesa, e mesmo a japonesa é iconográfica, isto é, feita em função de uma ideia ou símbolo".

Temos a oportunidade de mostrar, nessa coletânea de textos, algumas reflexões sobre as viagens ao Oriente, realizadas por Maria Helena Andrés, com a colaboração de Ivana Andrés Ribeiro, que foram publicadas em seus blogs *Minha Vida de Artista* e *Memórias e Viagens*: [www.mariahelenaandres.blogspot.com](http://www.mariahelenaandres.blogspot.com). Fizemos um recorte daqueles blogs que focalizam a temática do Oriente e entendemos que esse é um *work in progress*, que está aberto à inserção de novos textos, na medida em que forem publicados por Maria Helena Andrés<sup>1</sup>.

Maurício Andrés Ribeiro  
Novembro de 2015

---

<sup>1</sup> Esse texto teve a formatação e a revisão final feita por Marília Andrés Ribeiro e Fernanda Granato.

## SUMÁRIO

1. MEU CAMINHO DA ÍNDIA
2. ENCONTRO COM MESTRES NO ORIENTE
3. ÍNDIA, PASSADO E PRESENTE
4. TAJ MAHAL
5. TAJ MAHAL II
6. POR QUÊ INDIA
7. CAMINHANDO PELO DESERTO DO RAJASTHAN
8. MOUNT ABU I
9. MOUNT ABU II
10. MOUNT ABU III
11. FESTIVAL DE CHANDIGARH
12. CAMINHO DA LIBERTAÇÃO
13. O YOGUE E O FOTÓGRAFO
14. MAHATMA GANDHI
15. INFLUÊNCIAS CULTURAIS INDO-PORTUGUESAS NO BRASIL: BRASIL E ÍNDIA, FRUTOS DOS TRÓPICOS
16. A CHEGADA DOS PORTUGUESES NA ÍNDIA E NO BRASIL
17. EXPANSÃO DO ORIENTE, FUSÃO DE CULTURAS
18. ORIENTE E OCIDENTE, FUSÃO DE CULTURAS
19. MINAS BARROCA E TEMPLOS HINDUS
20. ARTESANATO FAMILIAR
21. MÚSICA INDIANA E MÚSICA OCIDENTAL
22. BRASIL E ÍNDIA – FESTIVAIS E CARNAVAL
23. INFLUÊNCIAS E TROCAS ENTRE O BRASIL E A INDIA
24. A ROTA DE NAVEGAÇÃO DAS ÍNDIAS
25. A EXPERIÊNCIA DA INSEGURANÇA
26. VIAJANTES CONSUMISTAS

27. DESENHANDO A ÍNDIA
28. A CRIAÇÃO DO LIVRO “PEPEDRO NOS CAMINHOS DA ÍNDIA”
29. PEPEDRO NOS CAMINHOS DA ÍNDIA
30. CASAMENTOS NA ÍNDIA
31. O BARQUEIRO E O MACACO
32. MEMÓRIAS DE BENARES
33. KRISHNAMURTI FOUNDATION VARANASI
34. VISITANDO ESCOLAS DE KRISHNAMURTI
35. ENCONTROS NA INDIA
36. KALAKSHETRA, UMA ESCOLA DE DANÇA
37. VISITA AO ASHRAM DE RAMANA MAHARISHI
38. SRI AUROBINDO, ARTE E EDUCAÇÃO NA ÍNDIA
39. ARTE E EVOLUÇÃO HUMANA NO ASHRAM DE SRI AUROBINDO
40. TEILHARD DE CHARDIN, UM CAMINHO PELO ESPAÇO
41. MUSEU SHANKAR
42. ESCOLA DOS OLHOS PERFEITOS
43. MEU ENCONTRO COM O MONGE BENEDITINO BEDE GRIFFITHS
44. MOTHER TERESA DE CALCUTÁ
45. RAMAKRISHNA
46. TEATRO COMO EXTENSÃO DE VIDA
47. RAMAN RESEARCH INSTITUTE
48. MUSEU DE TECNOLOGIA DE BANGALORE
49. SUBINDO OS HIMALAIAS
50. VISITA A UM ASHRAM EM RISHIKESH
51. UM RETIRO NOS HIMALAIAS
52. O GURU
53. PROBLEMAS DE VIAGENS I
54. PROBLEMAS DE VIAGENS II

55. ENSINAMENTOS TIBETANOS

56. THRANGU RINPOCHE

57. NEPAL

58. MEMÓRIAS DO NEPAL

59. LIÇÕES DE VIDA E MORTE

60. O ZEN E A ARTE DE VIAJAR

61. THOMAS MERTON, CRISTIANISMO E BUDISMO

62. CELEBRAÇÃO BUDISTA AOS MORTOS

63. REFLEXÕES SOBRE O JAPÃO

## MEU CAMINHO DA ÍNDIA



(Fotos de Maurício Andrés)

Incentivada por meu marido, que sempre me deu apoio nas minhas iniciativas, embarquei em 1970 rumo ao Oriente. Visitei o Japão, a China, a Tailândia e a Índia, integrando um grupo turístico que se dirigia à Expo 70.

Chegando à Índia, fui convidada pelo então embaixador do Brasil, Wladimir Murtinho, para permanecer em Nova Delhi. A Índia deixou de ser um ponto a mais no meu roteiro turístico. Alguma coisa me atraía àquele país como se fosse um reencontro com um passado longínquo. Visitei um templo em Delhi e um monge percebeu o meu interesse, presenteando-me com uma pilha de livros de Ramakrishna e Vivekananda, que me desvendaram pela primeira vez o mistério dos logues. Entre eles estava um pequeno exemplar do Bhagavad Gita, livro sagrado da Índia.

Voltando ao Brasil, ingressei no curso de Yoga do Professor George Kritikos e frequentei seu grupo de meditação. Mergulhei na leitura dos mais variados livros de filosofia oriental, do Zen Budismo aos mestres de Vedanta, da Teosofia a Krishnamurti. Tomei consciência de que realmente pertencemos a um Todo, que viemos de uma Essência e a Ela vamos retornar.

A partir de 1977, comecei a visitar a Índia, procurando desenvolver pesquisas no campo da arte, da educação e da história, com base na filosofia oriental: “Deixa o senhor cuidar de ti”. Essa frase, escutada no silêncio de uma madrugada, foi de certo modo a minha bússola durante as diversas viagens. Procurei seguir a intuição sem traçar planos. Visitei escolas, comunidades, anotando, em forma de diário, as minhas impressões e experiências. Meu caminho da Índia é uma reconquista da sabedoria que perdemos pelo excesso de materialismo. Aprendi escutando a voz do povo, participando de congressos,

pronunciando palestras, realizando estudos comparativos entre o Brasil e a Índia e observando os diferentes costumes das diversas regiões por onde passei.

Os ensinamentos orientais não me acenavam como uma nova religião, mas significavam a redescoberta de conhecimentos que já existiam dentro de mim. Esses ensinamentos não são privilégio de um só país ou de uma só raça. Eles existem dentro de todo ser humano e estão guardados no silêncio de nossa consciência. Meu objetivo era redescobri-los através da minha própria experiência de vida.

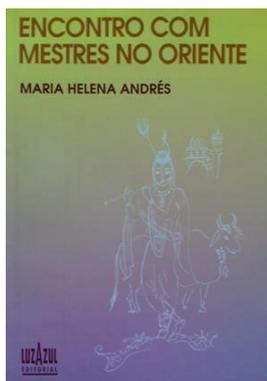
O encontro das diversas mensagens nos campos da arte, da filosofia, da religião e da ciência soava nos meus ouvidos como uma única voz. O oriental busca, antes de tudo, através da meditação, experimentar dentro de si mesmo sua Realidade Interna, que ultrapassa os conceitos da mente. Ao percorrer várias comunidades espiritualistas, desde os monges budistas no alto dos Himalaias até os mais variados ashrams da Índia, sentia a mesma verdade fluindo de diversas formas. Existem inúmeros mestres e caminhos, mas a minha abordagem focaliza apenas os que tive a oportunidade de conhecer de perto ou que me tocaram através de seus ensinamentos.

19 de agosto de 2009



(Fotos de Maurício Andrés)

## ENCONTRO COM MESTRES NO ORIENTE



Uma das características mais pronunciadas da civilização oriental é a busca de uma realidade Interior, de um plano espiritual de vida que reúne todas as coisas numa Totalidade.

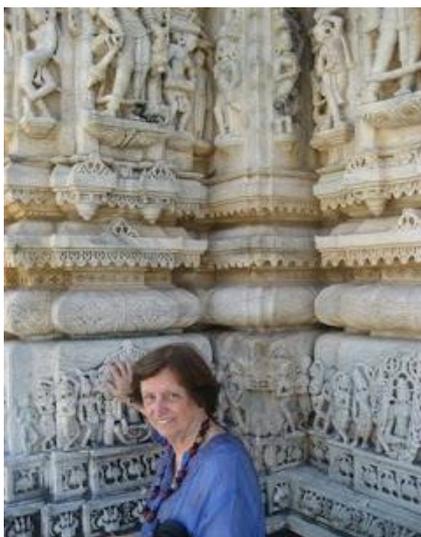
O oriental procura através da religião, da filosofia ou da arte, a integração do homem à natureza e ao cosmos, buscando encontrar além do tempo e do espaço o valor intrínseco das coisas. Para isto serve-se de guias, mestres e filósofos. Alguns renunciam à vida familiar, recolhendo-se às comunidades espiritualistas ou ashrams. Outros aproximam-se da natureza, buscando no silêncio das florestas ou no interior de grutas afastadas a resposta para suas indagações. Há também aqueles que se aperfeiçoam como chefes de família, transmitindo aos filhos os ensinamentos dos mestres.

Buscam o encontro com o Ser Interno através da meditação e do autoconhecimento. Essa realidade interna, quando reconhecida, liberta a mente das inquietações provocadas pela agitação do mundo. A tranquilidade mental, visada por toda a filosofia do Oriente, não conduz à apatia, mas à serenidade do homem superior.

O homem realmente integrado é aquele que se liberta não somente do conforto material, mas também da ambição, egoísmo, inveja, ciúme e todos os impulsos negativos que encobrem a Realidade Interna. Para nós, ocidentais, acostumados ao progresso material, à concorrência e à competição, essa atitude nos parece estranha e profundamente apática. No entanto, ela nos desperta para outros aspectos da vida e nos mostra o caminho aberto a um progresso necessário ao equilíbrio do homem do século XXI: o progresso espiritual e a redescoberta da nossa origem Divina.

25 de maio de 2009

## ÍNDIA, PASSADO E PRESENTE



(Foto de Maurício Andrés)

Estamos a caminho do Taj Mahal, uma das maravilhas do mundo. Procuramos entrar em contato com o povo que vive nas cercanias do grande monumento histórico. Sabíamos que o mausoléu fora construído pelo imperador mongol Shah Jahan, em memória de sua esposa Mumtaz Mahal (Favorita do Palácio).

Nossa peregrinação está sendo realizada com o intuito de documentar o momento presente. Os arredores do Taj Mahal vão nos oferecendo uma visão panorâmica da Índia.

Os campos estendem-se, em verdes macios. Ao longo da estrada, vão desfilando bicicletas, camelos, caminhões enfeitados de desenhos e cores. “Horn please” (Buzine, por favor) está escrito por detrás dos caminhões. Os indianos apreciam a buzina e nós, ocidentais, seguimos viagem debaixo de sons e cores. Paramos para ver um campo de flores amarelas, onde camponesas indianas, com véus transparentes, lembram quadros de Renoir e de Monet.

Na Índia, a simplicidade da vida nos possibilita apreciar a cada instante um novo quadro.

O transporte rural é feito de forma primitiva. O camelo segue vagaroso carregando sacos e os burrinhos enfileirados transportam cimento. Tudo respira a harmonia natural daqueles que estão ligados com a natureza.

Debaixo de tendas de piaçava, uma família de artesãos fabrica o giz para as escolas. O pó branco é misturado com água nas bacias de argila, depois manufaturado de forma primitiva. O processo de empacotar é simples, sem requintes. Paramos o carro para conversar com os artesãos e pudemos admirar a textura do giz de diversas cores, colocado

a secar dentro de esteiras.

A Índia é um exemplo de arte estendida ao cotidiano. Há graça e leveza nas mulheres que lavam as varandas e preparam as casas para a festa do holi. Nesse dia, fecham-se as lojas e em todas as vilas e cidades o povo se pinta de pós coloridos e joga tinta sobre os carros e as pessoas na rua. Os rapazes cantam celebrando o festival e as moças preparam as casas para as comemorações. Nos becos estreitos da vila as casinhas coloridas parecem cenários de teatro. Ali pudemos sentir a espontaneidade da arte nas ruas e os personagens também somos nós, vindos do Ocidente, com câmeras fotográficas a tiracolo. As crianças nos rodeiam, curiosas, insistentes, e o povo na calçada vem admirar os estrangeiros.

20 de maio de 2012



(Foto: Álbum Oriente /Ocidente)

## TAJ MAHAL



(Foto: Maurício Andrés)

Um guia à frente indicava o caminho, contando fatos históricos, mas eu preferia observar sozinha o trabalho do mármore. Parece incrível que mãos humanas tenham esculpido e vazado a pedra dura, até formá-la numa janela de renda! Enxerga-se, por entre as frestas, a paisagem, lá fora, os jardins e lagos que circundam o prédio.

Estávamos no Taj Mahal, uma das maravilhas do mundo. O Taj Mahal é um grande mausoléu em mármore branco, construído pelo imperador Shah Jahan em homenagem à sua amada esposa Mumtaz Mahal, falecida em 1630.

De repente um som estranho, cristalino encheu o recinto. Parecia o coro de muitas vozes, mas era a voz de um indiano magro, que entoava o canto sagrado dos hindus. A grande torre circular parecia captar o som e devolvê-lo em forma de eco, e o mantra OM subia em espiral como uma revoada de pássaros e trombetas tocando. Meus ouvidos continuaram escutando por muito tempo esse canto estranho e suas vibrações se expandiam através das janelas de mármore rendado. OM é a palavra sagrada dos iogues; segundo acreditam, tem repercussão cósmica. Entoadado dentro do Taj Mahal, ele ressoava com a força de uma orquestra misteriosa, cujos acordes se perdiam no infinito. A música, de todas as artes, é realmente a que mais emociona. Atinge imediatamente a alma, provocando adesão instantânea. Sua comunicação é rápida: sensibiliza e conduz à ação. Desperta no homem o sentimento de amor ou de violência, de serenidade ou agressividade, de pureza ou erotismo. Ela dá impulso e faz mover o mundo. A intensidade mística do OM, rompendo o silêncio do Taj Mahal, puseram-me imediatamente em contato com a espiritualidade dos iogues. Neste momento, percebo claramente o papel da arte como purificadora da humanidade que se massifica. A música é a forma de expressar a saudade que temos do absoluto. Ela nos eleva a um plano superior, além das coisas criadas,

iluminando-nos com a pureza dos santos e a alegria das crianças. Devolve-nos o sentimento de Amor Universal, integrando-nos ao mundo e ao cosmos.

1 de junho de 2009



(Foto: Memorial a Gandhi, Nova Delhi. Maurício Andrés)

## TAJ MAHAL II



(Foto: Maurício Andrés)

O Taj Mahal é conhecido internacionalmente como o mais belo monumento dedicado ao amor. Uma das maravilhas do mundo, o Taj Mahal é um grande mausoléu em mármore branco, construído pelo imperador Shah Jahan em homenagem à sua amada esposa Mumtaz Mahal. Falecida em 1630, por ocasião de seu décimo quinto parto, o Taj guarda os restos mortais do casal. Nele trabalharam artesãos e artífices vindos de várias regiões do planeta. O arquiteto que planejou o conjunto arquitetônico veio do Irã e, sob sua orientação trabalharam artesãos vindos da Itália e da França, que se aliaram aos artistas locais. Sua construção teve início em 1631 e só ficou completa em 1653. O Taj Mahal representa a Índia, assim como a Torre Eiffel representa a França.

Shah Jahan tinha a intenção de construir um segundo Taj Mahal em mármore negro, uma imagem negativa do Taj branco, onde ele próprio desejava ser sepultado. Antes que ele embarcasse nesta outra construção, foi deposto por seu filho Aurangzeb. Shah Jahan passou o resto de sua vida no Forte de Agra, construído defronte ao Taj. Dali podia contemplar o Taj Mahal, onde estavam sepultados os restos mortais de sua amada esposa.

Um guia à frente indicava o caminho, contando fatos históricos, mas eu preferia observar sozinha o trabalho no mármore. Parece incrível que mãos humanas tenham esculpido e vazado a pedra dura, até transformá-la numa janela de renda! Enxerga-se por entre as frestas, a paisagem lá fora, os jardins e lagos que circundam o prédio.

De repente um som estranho, cristalino encheu o recinto. Parecia o coro de muitas vozes, mas era a voz de um indiano magro, que entoava o canto sagrado dos hindus. A grande torre circular parecia captar o som e devolve-lo em forma de eco, e o mantra OM,

subia em espiral como uma revoada de pássaros e trombetas tocando. Meus ouvidos continuaram escutando por muito tempo esse canto e suas vibrações se expandiam através das janelas de mármore rendado. OM é a palavra sagrada dos iogues, e segundo acreditam, tem repercussão cósmica. Entoadado dentro do Taj Mahal, ele ressoava com a força de uma orquestra misteriosa, cujos acordes se perdiam no infinito. A música, de todas as artes, é realmente a que mais emociona. Atinge imediatamente a alma, provocando adesão instantânea. Sua comunicação é rápida: sensibiliza e conduz à ação. Desperta no homem o sentimento de amor ou de violência, de serenidade ou agressividade, de pureza ou erotismo. Ela dá impulso e faz mover o mundo. A intensidade mística do OM, rompendo o silêncio do Taj Mahal, colocou-me em contato com a espiritualidade dos iogues. Naquele momento, percebi claramente o papel da arte como purificadora da humanidade que se massifica. A música é a forma de expressar a saudade que temos do absoluto. Ela nos eleva a um plano superior, além das coisas criadas, iluminando-nos com a pureza dos santos e a alegria das crianças. Devolve-nos o sentimento de Amor Universal, integrando-nos ao mundo e ao cosmos.

2 de junho de 2012



(Foto: Casamento Hindu – 2007. Maurício Andrés)

## POR QUÊ INDIA



(Foto: autor desconhecido)

Os fatos vão se encadeando, à medida que o tempo passa.

Agora posso tomar consciência de que eles estão interligados. Desde a infância, eu sonhava conhecer o outro lado do mundo e as histórias de Marco Polo e de Simbá, o marujo, que me fascinavam.

Depois, na adolescência, aquele veleiro colocado em minha casa, em BH, foi me revelando a aventura dos navegantes. Era um vitral colorido, transparente, que brilhava à luz do sol como um chamado. Ficava no meio da escada e eu sempre parava para contemplá-lo. Hoje o vitral, transportado para a minha casa no Retiro das Pedras, de frente para as montanhas, continua sendo a bússola na minha vida de artista plástica e pesquisadora. O símbolo da cruz me conduzia.

Um dia, a cruz da Via sacra se transformou num poste de luz e surgiram as “cidades iluminadas”, Foi preciso que a cruz mergulhasse nas águas para dali surgir o primeiro barco. Os barcos sempre estiveram associados à ideia das viagens.

O gestual começou em 1960, com o prêmio de desenho, quando deixei a linha e comecei o gesto. Meu gesto se estendeu para um espaço maior, deixou a terra para flutuar nas águas. A linha cedeu lugar a uma mancha mais larga e os postes de luz das cidades se transformaram em mastros dos veleiros.

Em 1961, uma viagem de estudos para os EUA foi me desvelando aos poucos o outro lado do mundo. De um lado o Oceano Atlântico, voltado para o mundo ocidental, de outro lado o Pacífico, trazendo do Oriente mensagens de paz. Muitos artistas faziam meditação, dentro do Yoga ou do Zen Budismo e o automatismo psíquico era incentivado na arte. O movimento hippie crescia na Califórnia. Alan Watts acenava para uma vida fora do consumismo e ele próprio morava num barco. Em 1970, fiz a volta ao mundo movida por uma forte intuição. Integrei um grupo de 60 assistentes sociais que se destinavam ao Oriente com a finalidade de visitar a Expo-70.

Nada é por acaso. Quando cheguei à Índia fui convidada a ficar mais uns dias, na embaixada do Brasil. Eu não viajava com o espírito de turista, levava comigo um caderno onde anotava tudo o que via com os olhos e o coração abertos para descobrir o novo em cada cidade, cada aldeia, cada estrada, cada pessoa humana.

Voltei à Índia várias vezes – associei o meu caminho das Índias aos navegantes portugueses. Particpei em 1983 do III Congresso Indo-Português, passei por educandários pesquisando formas criativas de educação pela arte, registrei o colorido das ruas, os templos, descobri semelhanças e contrastes nas duas civilizações. Cada viagem me trazia de volta ao Brasil um pouco mais enriquecida.

As oportunidades aparecem para quem está aberto para realizar um trabalho voluntário, comandado pela intuição.

Às vezes, na Índia eu chegava no aeroporto e perguntava: “Para onde tem passagem?” Aquilo me permitia descobrir o inesperado, o não planejado.

Os planejamentos eram feitos a curto prazo, a partir das descobertas ou aparentes acasos. Esse aparente acaso me levou a Goa, parte da Índia colonizada pelos portugueses, onde desenvolvi um trabalho sobre a influência cultural entre o Brasil e a Índia, com a ajuda de um historiador goês, Dr Antônio Menezes e alguns historiadores brasileiros. Daí surgiram publicações e palestras e até uma entrevista com Rajiv Gandhi, filho de Indira.

Outra oportunidade que a vida me ofereceu foi o contato com Rukmini Devi, diretora da Escola de Arte Kalakshetra. Desse contato resultou um convite para dar aulas de desenho naquela universidade. A experiência de dar aulas na Índia foi muito importante para mim.

Daí parti para palestras na Krishnamurti School de Madras e aulas de criatividade realizadas na Sociedade Teosófica. O contato com as crianças também me enriquecia.

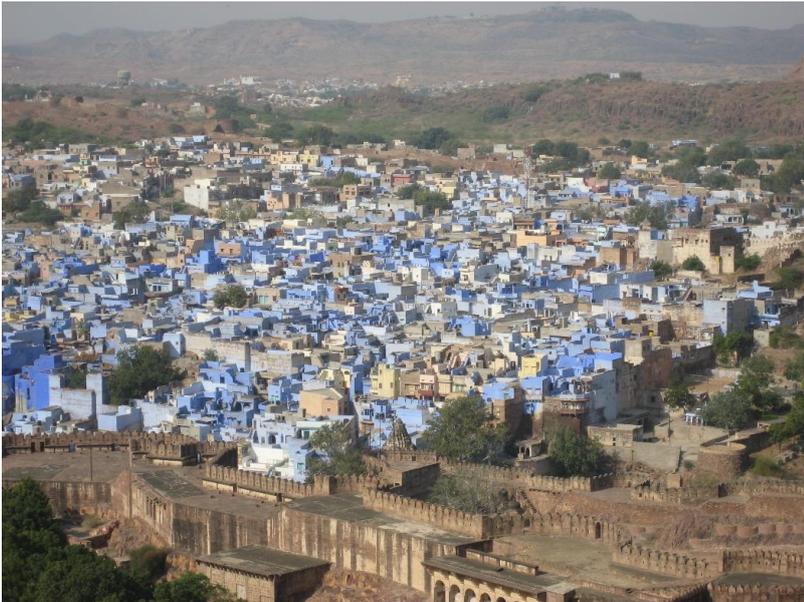
O livro “Pepedro nos caminhos da Índia”, foi uma experiência muito positiva, de desenhar na rua, com crianças em volta querendo as canetas coloridas. Pepedro, na ocasião era uma criança de dois anos e se misturava alegremente com os indianos morenos.

Em 2007, Pepedro voltou à Índia e foi visitar os lugares onde o Maurício fez um trabalho comparativo entre o Brasil e a Índia. Lá chegando, aproximou-se das crianças da escola da aldeia de Kenchankuppe e doou uma biblioteca de livros infantis para a escola. Na foto, vemos o Pepedro cercado de crianças.

A vida é sempre transformação e reinvenção do que foi feito no passado.

“Nada se perde, tudo se transforma”.

## CAMINHANDO PELO DESERTO DO RAJASTHAN



(Foto de Maurício Andrés)

Sáimos de madrugada a caminho do deserto. Alugamos um táxi. Eram 5 horas de viagem de Jodhpur até Jaisalmer. A estrada cortava dunas de areia amarela e o verde surgia de vez em quando em pequenos arbustos retorcidos. O carro buzina e as rolinhas pousadas nos fios de luz voavam assustadas. Caminhões do exército indiano com soldados vestidos de verde anunciavam a fronteira com o Paquistão. Há sempre um estado de alerta nessa região.

Quase não se viam mulheres e quando elas apareciam, trabalhando na estrada, estavam vestidas com sáris de algodão vermelho, todas iguais, como se tivessem comprado a mesma peça de pano e a dividido aos metros para cada uma. Às vezes um camelo aparecia balançando a corcunda em passos lentos. Pavões coloridos destacavam-se sobre a areia amarela.

O deserto consegue ser cultivado e as plantações de pimenta insistem em surgir no meio da aridez. Casas de adobe, cobertas de palha, mostravam a presença de famílias na região. Depois o asfalto esticava-se por cima da areia como uma enorme passarela cinzenta. Passamos por homens agachados na estrada, turbantes vermelhos como as saias das mulheres, bigodes enormes, retorcidos. Ali tinha acontecido, poucos dias antes, um concurso de bigodes e turbantes.

Durante todo o percurso, as pedras do caminho cortadas em forma de retângulo anunciavam uma cidade: Jaisalmer. Chegamos com o sol a pino. Percorremos a fortaleza dourada construída no alto do morro, protegida por enormes muralhas de pedra. A sandstone ou pedra de areia, como é conhecida no deserto, serviu de matéria prima para

os artesãos construírem palácios. A influência chinesa é uma constante. Ela foi estimulada por mercadores trazendo objetos do Extremo-Oriente, nas penosas jornadas das caravanas.

O deserto era o ponto de encontro dos mercadores da rota da seda e da rota do ópio. Nessa região as caravanas de camelo paravam para descansar e negociar. Atualmente, o tráfico de ópio está proibido pelo governo da Índia e as caravanas seguem carregando artesanato. Contemplamos a beleza das sacadas rendadas, sentindo a presença da arte chinesa e a lembrança da igreja N. Sra. do Ó de Sabará. Através do comércio, do sistema de trocas e da coragem de afrontar o calor do deserto, essas caravanas trouxeram a cultura da China para a Índia.

O camelo cujo organismo é perfeitamente adaptado à vida do deserto, é um animal que pode passar até mesmo várias semanas sem comer e sem beber. Aguenta o sol a pino do verão e carrega às costas o peso das mercadorias, a ambição das riquezas e a curiosidade das descobertas.

As histórias de infância, as viagens maravilhosas de Marco Polo afluíam à minha memória. Entardecia e, à luz do poente, um grupo de crianças acercou-se de nós, tocando um instrumento musical feito de cabaça. Cantaram e dançaram frente ao templo, enquanto o sol muito vermelho se escondia por detrás das torres. O vento cobriu tudo de poeira e a noite apagou a nossa visão do deserto.

30 de agosto de 2011

## MOUNT ABU I

Descemos as escadarias de pedra com nossa bagagem. O taxi nos espera em baixo. Seguimos hoje para Mount Abu.

Lá vem um camelo carregando palha, figuras sentadas no mercado, vendendo coisas coloridas. A despedida de Udaipur é a certeza do retorno um dia.

A paisagem do Rajastão anuncia a proximidade do deserto, vegetação rasteira, cactus, terra amarela, montanhas de pedra. Há lagos na redondeza que fertilizam a terra e o verde rasteiro do trigo se estende como um tapete.

“Please horn”, “Por favor, buzine”, estamos subindo a montanha.

Em Udaipur não pudemos marcar o voo de volta. Defeito no computador. Um defeito no computador faz parar os voos, agora estamos parados na estrada, alguma coisa aconteceu pelo caminho. Escuto o vozerio e o barulho do caminhão, na curva, carregando canos. O caminhão é imenso, os canos devem ser pesados e a curva é fechada. O caminho foi bloqueado. Letreiros coloridos em caligrafia híndi passam através das vidraças do carro. Nosso carro parou para deixar passar um rebanho de carneiros conduzidos por um jovem pastor, os carneiros seguem o comando dos pastores.

Há 10 anos aqui estive com Cláudia e Ferolla. Estou me lembrando das curvas, do ônibus apinhado, a gente sufocada na bagagem. Ferolla providenciou tudo e nós o seguimos como carneiros. Não tínhamos de pensar em nada, apenas segui-lo. Ele providenciou passagens, hotéis, era o nosso guia. Quando chegamos a Goa resolvi parar.

“Vocês seguem sozinhos, eu fico.”

Foi em Goa que iniciei meu trabalho.

Aqui estou de novo, em Mount Abu, o sol a pino, sofrendo os atropelos da viagem. Buracos no caminho, curvas e mais curvas...

Chegamos exaustas no alto da montanha.

“Queremos um lugar de paz, sem aglomerações, sem rickshaws.”

O motorista nos conduziu para este recanto. Veio nos receber um velhinho moreno, magro, bigodes enormes, sorriso franco. Os galhos das árvores e as mãos do velho se harmonizavam no mesmo impulso, pareciam alimentados com a mesma seiva. O velho era parte integrante daquela natureza. Gostamos do lugar.

Mr. Thakur é o encarregado deste pequeno recanto residencial, casa de campo do Marajá de Jodhpur, agora transformada em hotel. Na casa de baixo os quartos são mais caros e nas salas, os retratos da família nos contam a história da nobreza e decadência

dos marajás.

“Os Maharajás reinavam sobre os estados da Índia. Indira Gandhi destituiu-lhes o poder. Agora eles conservam a propriedade, mas, para sobreviverem, têm de transformá-las em hotéis e museus.”

Interessei-me pela vida dos marajás porque esta palavra foi muito usada no Brasil. As histórias do velhinho são baseadas em sua própria experiência. Mr. Thakur trabalhou para três gerações de marajás.

“Meus patrões eram ótimas pessoas, tratavam o povo como uma única família. Percorriam as vilas para socorrer os necessitados, estimulavam as artes.”

Mr. Thakur tem 81 anos e ainda trabalha, batendo papo com os visitantes que chegam, tomando um chazinho na varanda e contando histórias do passado.

“Estou aqui para fazer os hóspedes se sentirem em casa.” Na realidade, o ambiente acolhedor de Mount Abu é um oásis no meu cansaço das viagens.(diário de viagem, 1993)



(Foto: Álbum – Oriente/Ocidente)

## MOUNT ABU II

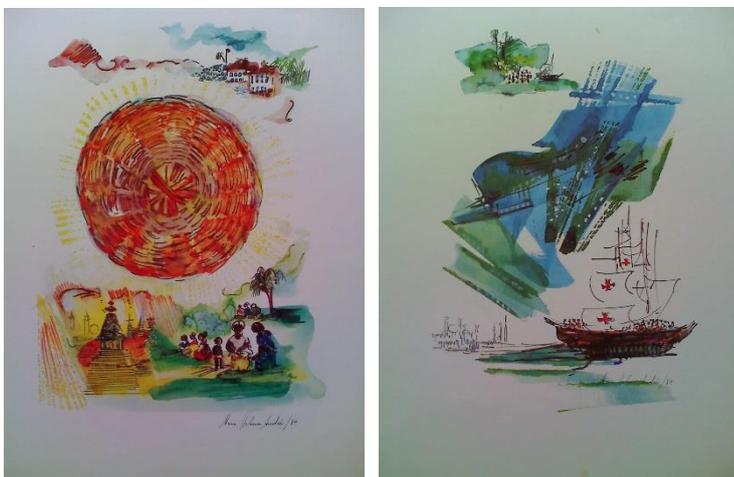
Mr. Thakur toma conta da casa de campo do marajá de Jodhpur, 20 anos neste espaço maravilhoso, lugar de repouso e meditação. A casa de hóspedes foi construída sobre uma montanha de pedra. O velhinho sentado em minha frente suspende os bigodes para tomar chá. Conhece yoga, faz meditação e quer nos levar ao templo para conhecermos dois swamis com grande conhecimento de sânscrito e escrituras antigas. As coisas mais preciosas quase sempre estão discretamente veladas ao público, à curiosidade turística das lentes fotográficas. Repousam em silêncio, e a energia vem deste silêncio.

Subimos a rua do hotel, onde as casas são construídas em cima das pedras, até um recanto rodeado de árvores e flores. Um swami vestido de alaranjado regava o jardim. As montanhas de pedra sempre têm uma energia própria, e esse templo, encravado na pedreira, de uma singeleza comovente, nos ofereceu um momento de paz e serenidade. O telhado do templo tem a forma de Shiva Lingam, união da energia masculina e feminina. Os hindus reverenciam esta polaridade que existe na natureza e no universo. Em várias partes da Índia, Shiva é representado em esculturas de bronze ou de pedra.

“Estes símbolos têm força e nos conduzem ao nosso próprio centro. O culto a Shiva é o mais antigo da Índia, anterior à invasão ariana. Ele nos faz reconhecer nossas origens, sem a especulação intelectual. A cultura antiga da Índia, em sua autenticidade e singeleza, se faz presente neste templo escondido entre árvores e pedras.

“A força de Shiva Lingam traz benefícios para quem passa na estrada”, nos diz o swami.

Um enorme sino de bronze anuncia os horários de puja: quando o sol nasce e quando o sol se põe. Nesse horário, os devotos chegam para cantar mantras. (diário de viagem, 1993).



(Fotos: Álbum – Oriente/Ocidente)

## MOUNT ABU III

A “banyan tree” é uma árvore muito conhecida na Índia. Em Madras, na Sociedade Teosófica, ela cresceu tanto que atualmente é objeto de turismo. Ocupa o espaço de uma grande praça.

Hoje estou sentada em frente a uma banyan tree aqui em MoUnt Abu, no hotel onde estou hospedada. O cansaço das várias viagens tirou minha energia, e a comida apimentada atacou meu fígado. Procurei um lugar onde a natureza pudesse me refazer. O velhinho veio atrás de mim com uma cadeira. A banyan tree se desdobra em várias árvores, vindas do tronco principal – as raízes se enroscam nas pedras, continuam por debaixo delas, surgindo novamente da terra, num abraço compassivo da natureza. Aqui, cercada de árvores vindas da mesma árvore central, eu me sinto dentro de um templo. Os galhos se multiplicam, vindos da mesma terra, e abrigam as pessoas que chegam. A fonte é a mesma e a natureza nos ensina a cada instante que viemos do mesmo tronco... cada um de nós encontra o seu templo em qualquer lugar do mundo.

Vimala Thakar nos recebeu em sua casa em Mount Abu. Viemos até aqui atraídas por sua vibração. Há muitos anos desejava encontrá-la. Não é fácil encontrar uma pessoa cuja presença seja realmente transformadora. Os seres espiritualmente adiantados nos recebem, estão prontos a nos ajudar, mas nada fazem para nos prender. Vimala já percorreu vários países do mundo fazendo palestras sobre a necessidade de uma transformação completa do ser humano. O toque incisivo, penetrante, de Krishnamurti se faz notar em seus escritos. Vimala foi profundamente marcada pelos ensinamentos desse grande pensador indiano. Ela não fala para multidões. Recebe em sua casa pequenos grupos interessados no crescimento interior. Pessoas chegam de diversas partes do mundo para este recanto isolado de Mount Abu, longe do burburinho da cidade. Vimala iniciou seu trabalho como seguidora de Gandhi. (diário de viagem, 1993)



(Foto: Álbum – Oriente/Ocidente)

## FESTIVAL DE CHANDIGARH



(Foto de Maurício Andrés)

Estamos rodando pelas estradas em direção ao estado de Punjab, considerado o celeiro da Índia. A paisagem vai se desenrolando pelas vidraças do ônibus cheio de turistas, juntamente com um filme indiano projetado na TV em frente. Os campos dessa região são férteis e a maioria da população é sikh. Aqui está localizado o famoso templo dourado onde os sikhs se refugiaram durante um conflito.

Fomos convidadas a apresentar nossos trabalhos de arte em Chandigarh, capital do Punjab, cidade projetada por Le Corbusier. Esse grande arquiteto francês trouxe uma forte contribuição do modernismo europeu para a Ásia. Senti a síntese oriente-ocidente de forma explícita no coração da Índia. Aos poucos a cidade foi se desvendando para nós como uma Brasília.

Os prédios se assemelham pois Le Corbusier foi a grande referência para Oscar Niemeyer. Nossa chegada já estava no programa do festival e o guia nos conduziu pelas ruas da cidade, mostrando os principais pontos de atração. Outros artistas vieram para o festival tais como Hari Prasad, considerado o maior flautista da Índia e o percussionista Zakir Hussain, um jovem tablista indiano que residia nos EUA. Girija Devi e orquestra também estavam na programação.

Ivana anotou em seu diário: “Cada frase musical era nova, surpreendente, num crescendo de ritmos, gemidos e sons de harpa. Vemos que tudo é criado na hora, improvisado como no jazz. Às vezes a cantora faz um gesto imperceptível para acelerar o ritmo, o tablista entende, tudo se acelera. Às vezes ele toma a frente, muda o ritmo, divide, cria, solta o corpo, os demais ouvem atentos, acompanham no fundo. Tentamos, de fora, entrar nesse mundo criado entre aquelas pessoas sentadas na mesma posição durante três horas. Conseguimos às vezes compreender um pouco, receber uma parcela de toda aquela energia.”

Aqueles músicos me recordaram o grupo UAKTI e os sons da flauta e percussão ainda podem ser escutados aqui no Brasil.

A música, arte do tempo, se prolonga pelo espaço e a Índia, separada geograficamente por muitos mares, está sempre presente em nossa casa: os sons realmente aproximam os povos.

A programação incluía música, artes plásticas, dança e teatro, recordando os nossos festivais de inverno. A melhor propaganda de um país é a divulgação de sua arte. A arte aproxima as pessoas, e foi cantando “London, London” de Caetano Veloso para uma multidão de 20 mil sikhs, que Ivana pôde apresentar o Brasil aos indianos. Naquele momento, ao ar livre, ela cantava para um mar de turbantes coloridos.

No dia seguinte era Carnaval na Índia e seguimos de carreta cantando marchinhas brasileiras e canções que lembravam a missão de levar a harmonia e paz ao mundo.

Nossa missão estava cumprida e no dia seguinte nos sentimos livres para visitar as obras de arte do Punjab e fotografar esculturas recobertas de cacos de vidro ou louça do Rock Garden que lembram a nossa conhecida “Casa de Cacos” de Contagem.

Realmente, cada vez mais, tomo consciência da interdependência ligando pessoas, natureza, ideias, sensações, sonhos. A nossa unidade com a natureza e o Universo vai se tornando cada vez mais uma realidade. Não somos separados, somos Um!

18 de julho de 2011



(Foto: Maurício Andrés)

## CAMINHO DA LIBERTAÇÃO



(Foto de Maurício Andrés)

O carro parou na estrada e descemos 300 degraus de uma escada de pedra.

O rio Ganges corria sereno, entre patamares e praias de areia branca.

Debaixo de árvores, no meio de pedras, existe um *ashram* escondido.

Dois homens vêm nos receber. Estão enrolados em panos acinzentados. Escolheram uma vida simples, inteiramente ligada à natureza. Crianças se acercam de nós. Uma delas me põe um pozinho de sândalo na testa para dar sorte e clarear os pensamentos.

Ali viveu durante muitos anos Swami Purushottamenendgi, o eremita de Rishikesh. Meditava dentro de uma gruta com uma lamparina de óleo junto à imagem de Shiva. Quando queria comer ia à aldeia próxima e lhe davam fogo para cozinhar. Não usava fósforo nem tirava o fogo das pedras, mas conservava sempre acesa a sua lamparina. Até hoje podemos vê-la acesa, como o fogo sagrado que nunca se apaga.

O velho eremita era uma espécie de São Francisco da Índia. Conversava com tigres e cobras, dava comida aos peixes. Sua vida estava ali, junto ao rio muito verde, escondido no meio da floresta. As lendas a seu respeito correm de boca em boca.

“Eu estava junto dele quando se aproximou uma cobra; tive medo, mas o Swami ordenou que ela se retirasse. A cobra, que preparava o bote, afastou-se de nós tranquilamente”, isto nos informou seu jovem discípulo.

O velho swami um dia chamou os discípulos para avisá-los de que sua hora chegara e morreu, sentado em postura de lótus.

Hoje seu retrato é homenageado com colares de flores, junto à entrada da caverna.

Um menino de oito anos me segura as mãos e vou andando devagarinho, sem enxergar nada, só a lamparina brilhando no escuro. Aos poucos, das sombras vão surgindo

formas, silhuetas.

O menino toca um sino e canta mantras. “Om namah shivaya”.

Os cânticos ressoaram dentro da gruta, fazendo coro com a flauta de Patrícia, a jovem brasileira que nos acompanhava. Filha da adida cultural do Brasil na Índia, andava sempre com uma pena de índio na cabeça, em homenagem aos índios brasileiros.

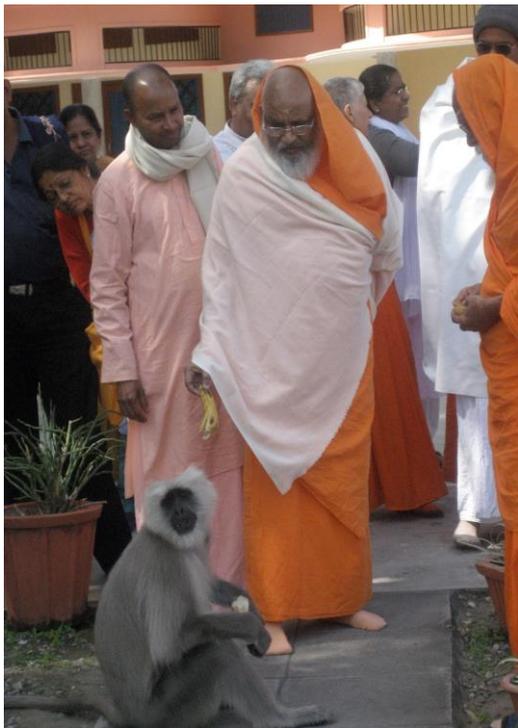
À saída, eles nos forneceram *prasad*, um doce feito com leite e coco, muito comum na Índia. Significava uma atenção para com o visitante, uma forma de saudá-lo. Todos os lugares sagrados oferecem *prasad*.

“Namaste – (O Deus em mim saúda o Deus em ti). As mãos se juntaram em reverência e a imagem do eremita nos acompanhou enquanto subíamos a escadaria.

A morte serena do Eremita de Rishikesh foi para mim um toque de consciência.

30 de julho de 2011

## O IOGUE E O FOTÓGRAFO



(Fotos de Maurício Andrés)

Ganges é o rio sagrado da Índia. Nascendo nos Himalaias, suas águas percorrem cidades, vales e campos. Sua história está ligada às antigas culturas da Índia, com seus deuses e mitos. Anos atrás, os tigres desciam da floresta para beber água no Ganges.

Antes da chegada dos ingleses, aquela região era povoada pelos sadhus. Sadhu em sânscrito significa pessoa boa, santa, inofensiva que dedica sua vida ao estudo dos vedas, a meditação, a repetição de mantras e ao desapego das coisas materiais. Peregrinam de cidade em cidade, vivendo o momento presente, sem guardar nada para o futuro. A tradição hindu respeita o renunciante, oferecendo-lhe apoio para subsistência. Os ingleses, também respeitando o tipo de vida dos sadhus legalizaram a permanência deles na região. Hoje, Rishikesh, (região onde passa o rio Ganges) está povoada de ashrams (comunidades espiritualistas), cada um procurando divulgar a sua própria mensagem. As pessoas costumam banhar-se no rio sagrado como purificação da alma e do corpo. “O rio é a imagem de nossa própria vida”, escrevi um dia em meu diário.

O rio Ganges corre por detrás do Dayananda Ashram em Rishikesh, numa região que antigamente era uma floresta. Do outro lado do rio pode-se ver a montanha coberta de florestas onde se escondem mosteiros e praias de areia duras cobertas de pedras.

O barulho das águas vai conduzindo a mente para um estado de quietude e paz. Um iogue vestido de branco permanece estático em estado de êxtase. Os yogues buscam esse estado de união com o universo todo através da meditação, dos rituais, da entrega e do

autoconhecimento. Sentir a própria vida passando como um filme, oferecê-la ao Deus onipotente e onipresente era a experiência que o Ganges nos oferecia.

Nas águas do Ganges as imagens se refletiam como num espelho; observei um sadhu concentrado em suas práticas; junto um fotógrafo, máquina a tiracolo, registrava a paisagem através das lentes.

As lentes do fotógrafo descobriam texturas nas pedras, reflexos nas águas trazendo à tona sua vivência do momento. Seu objetivo era documentar o aqui e o agora. O sadhu buscava em silêncio um mergulho no seu mundo interno. Ele abandonara a família, deixara crescer os cabelos e usava roupas exóticas. No ocidente seria taxado de doido, mas na Índia os Sadhus são respeitados.

Naquele momento muitos sadhus estavam concentrados na cidade de Haridwar, morando debaixo de tendas, sobre a proteção do governo, ali celebrando o festival de Kumbha Mela. O fotógrafo não perdia as cenas: “Olha aqueles patos em cima da pedra!” Patos amarelos, com a cabeça escondida debaixo das asas, também pareciam meditar. Enquanto isso, os esquilos subiam em uma árvore bem perto de nós. Eles não se assustam com o ser humano, pois sabem por instinto que naquele lugar não se matam animais. Do outro lado do rio, pequenas choupanas em forma de iglus pareciam escondidas no meio das árvores. Ali viveram os Beatles acompanhando seu guru Maharishi Mahesh logue. Naquele lugar suas composições de caráter internacional uniram-se aos sons do oriente, numa síntese oriente-ocidente através da música. A partir da experiência na Índia, George Harrison realizou o concerto de Bangladesh e Paul McCartney se tornou vegetariano. John Lennon conscientizou o mundo sobre os problemas da violência e da guerra.

29 de junho de 2009



(Fotos de Maurício Andrés)

## MAHATMA GANDHI



(Foto de Maurício Andrés)

Para entrar no Memorial de Gandhi em Delhi, o visitante deve tirar os sapatos em sinal de reverência. Vem gente do mundo inteiro prestar homenagem ao grande líder indiano. O fogo aceso dia e noite dentro de um receptáculo de metal anuncia a presença do mestre.

A figura de Gandhi é a grande referência que temos da Índia no mundo ocidental. Sua coragem de conduzir todo um povo, segurando como estandarte o ideal de Paz e Não-Violência, é um exemplo vivo que não pode ser esquecido. Gandhi nasceu em 1869, no estado de Gujarat, no oeste da Índia.

Gandhi estudou Direito em Londres e formou-se em 1891. Na África do Sul, para onde se transferiu no início de sua carreira, dedicou-se de corpo e alma à defesa dos imigrantes indianos. Ali desenvolveu o seu trabalho de resistência pacífica contra a injustiça social, gerada pelos colonizadores. A todos os atos de violência armada respondia com jejuns até que a luta terminasse. Os jornais noticiavam o sacrifício de Gandhi por seu país e o mundo inteiro comovia-se com seu exemplo. Através da resistência pacífica, Gandhi libertou a Índia do Império Britânico. Em janeiro de 1948, aos 79 anos, Gandhi foi morto por um fanático hindu quando se dirigia ao templo para rezar.

“Não sou um visionário”, dizia Gandhi. “Considero-me um idealista pragmático. A religião da não violência não se destina exclusivamente aos rishis e aos santos. Está destinada também às pessoas comuns. A não violência é a lei da nossa espécie, assim como a violência é a lei dos brutos. O espírito está adormecido nos brutos e ele não conhece

qualquer outra lei que não a da força física. A dignidade do homem exige a obediência a uma lei superior...a força do espírito”.

7 de julho de 2009



(Foto: Maurício Andrés)

## INFLUÊNCIAS CULTURAIS INDO-PORTUGUESAS NO BRASIL



(Foto: Internet)

O texto abaixo foi apresentado em 1983 num seminário Indo-Português em Goa, Índia. Naquele seminário eu fui a única representante do Brasil.

“Este trabalho é uma tentativa de uma síntese oriente-ocidente por meio de um estudo comparativo entre a colonização portuguesa no Brasil e na Índia. Os portugueses, no tempo das descobertas, anexaram à coroa portuguesa parte do território indiano e o domínio português em Goa, Damão e Diu, na costa oeste da Índia, durou até 1961, quando a Índia anexou de volta a seu território as terras ocupadas pelos portugueses.

## BRASIL E ÍNDIA, FRUTOS DOS TRÓPICOS



(Fotos de Maurício Andrés)

Introduzindo esse estudo comparativo dos paralelos e contrastes entre culturas ocidentais e orientais que focaliza o caso específico do Brasil e da Índia, criado pela expansão do império Português, citamos as palavras de Fernando L. Gomes, escritas na base do monumento em sua homenagem em Pangim, Goa: “ Se dependesse de mim a fusão de todas as raças, todas as castas, todos os privilégios, numa única família, compacta e unida, eu sacrificaria tudo para alcançar isso. Esse dia seria para meu coração um dia de ventura real.”

Sentindo as semelhanças que existem entre povos e os contrastes derivados de diferentes culturas, observando como essas culturas se comunicam, começamos a compreender que os seres humanos pertencem realmente a uma única família. Há ocasiões que promovem as semelhanças entre países que as vezes estão muito distantes, como a Índia e o Brasil. Esses países parecem ser irmãos. Quando estávamos no vale do Jequitinhonha em Minas Gerais, pudemos sentir uma ligação que ligava ambas essas culturas, na dança, na música, nos duelos cantados, no artesanato, na organização familiar e nas festividades populares. Por quê tal semelhança?

Isso eu deixo aos pesquisadores, antropólogos e historiadores. Com artista, tudo o que faço é perceber as afinidades que ligam os povos. Há calor humano, afetividade, comunicação e religiosidade no povo simples, ligado à terra e as tradições e usando suas mãos em seu trabalho, mais frequentemente do que as máquinas.

Há espontaneidade e alegria nas boas vindas ao visitante que chega, a mesma sinceridade que pude testemunhar no sul da Índia, onde estive muitas vezes nos últimos anos e, de modo especial, em Goa, ex-colônia portuguesa, uma terra irmã do Brasil, não

somente em seus aspectos geográficos mas também em suas manifestações culturais e humanas.

Essas duas regiões da Terra se assemelham sob o sol dos trópicos, misturando-se sob a mesma intensidade de luz e de cor. No Vale do Jequitinhonha o verão aquece cidades e vilas, ralentando o ritmo do sertanejo. Na Índia, também, o sol escaldante do verão brilha sobre os campos e aldeias, trazendo o mesmo comportamento aos seus habitantes.

Todo o nordeste brasileiro e o sudoeste da Índia têm os mesmos traços de vegetação. Na Índia, como no nordeste brasileiro, os coqueiros são a riqueza da região. Famílias pobres fazem suas choupanas de folhas de coqueiros, usam os cocos para muitas finalidades, bebem a água de coco. Houve uma troca de sementes por meio dos portugueses. Os conquistadores espalharam por terras distantes muitas flores e frutos.

O caju foi do Brasil para a Índia, a manga veio da Índia para o Brasil. Diferentes continentes se comunicaram entre si por meio de sementes, flores e frutos que desabrochavam em diferentes regiões do globo terrestre, promovendo a integração que cresceu da terra.

Mas foi nos mares que as culturas oriental e ocidental foram capazes de se encontrar. As várias colônias sob o domínio português se conectaram por meio das caravelas que cruzavam os oceanos e mares, colocando em contato diferentes culturas e civilizações.

Foi o espírito aventureiro e a paciência para suportar longos meses no mar, foi a busca de riquezas e a necessidade de expandir o credo cristão e assegurá-lo com o poder terreno que intensificaram no passado a síntese do oriente e do ocidente.



(Foto: Arquivo Pessoal)

## A CHEGADA DOS PORTUGUESES NA ÍNDIA E NO BRASIL



(Foto de Maurício Andrés)

A expansão comercial do império português trouxe um movimento de conquistas marítimas, começando pela África, com a tomada de Ceuta em 1415. Em menos de meio século a Índia era pensada como “ de onde vem as especiarias, pérolas e pedras preciosas, caixas belas e madeiras raras muito ambicionadas na Europa e cujo comercio enriqueceu genoveses e venezianos. O tráfico da Índia é o objetivo principal de todos os esforços lusitanos, e seus navegadores seguem um depois do outro em busca da rota que a ela levaria os mercadores portugueses”<sup>2</sup>

Se temos a intenção de desenhar em linhas gerais um paralelo entre a colonização portuguesa na Índia e a colonização portuguesa no Brasil, devemos recuar cinco séculos, quando os portugueses se lançaram ao mar em direção as Índias. A história conta que Pedro Álvares Cabral foi conduzido por uma tempestade para a costa do Brasil. A descoberta do Brasil é, assim, intrinsecamente relacionada com a Índia e com a busca por riquezas orientais.

A ocupação do interior do Brasil não teve as mesmas características da ocupação do solo indiano. No Brasil, os portugueses encontraram uma compacta massa territorial “ limitada a leste por uma linha de costa extremamente irregular sem sinuosidades proeminentes ou obstáculos, e assim, em geral, não desfavorável à abordagem humana e à utilização por comunidades marítimas; e no oeste por territórios rudes, de difícil penetração e ocupação ( e por essa razão ainda sub-habitada no presente), espalhados ao longo dos pés dos Andes e assim, bloqueando as conexões com a costa do Pacífico no

---

<sup>2</sup> Caio Prado Junior, Evolução Política do Brasil.

continente.”<sup>3</sup>

Toda a costa brasileira banhada pelo oceano Atlântico era habitada por tribos de índios considerados selvagens, sem a necessária tecnologia para se defenderem. A ocupação portuguesa foi alcançada pouco a pouco, por meio de lutas e massacres de tribos indígenas, sobre a ampla área territorial que é agora o Brasil.

Na Índia, os portugueses eram limitados a alguns pontos da costa oeste pelo mar da Arábia, tendo encontrado ali uma civilização já organizada, com suas próprias descobertas nos campos da tecnologia, ciência e artes.

Os índios brasileiros tinham uma religião mágica, conectada à natureza. Eles viviam em comunidades e sua cultura era transmitida oralmente. Assim, era fácil alcançar um sincretismo religioso e converter em cristãos os índios e os negros que vieram depois da África, como escravos.

Os hindus tinham uma religião baseada nos ensinamentos dos Vedas, transmitida na forma de ritos e cânticos e estruturada num passado de cinco mil anos. A terra ocupada pelos portugueses tinha sido previamente invadida pelos mouros, que também tinham sua filosofia e religião. A expansão do cristianismo na Índia portuguesa foi alcançada por meio de conversões, casamentos misturados e a imprensa criada em Goa e usada pelos jesuítas para “expandir o reino de Cristo no reino de El. Rey de Portugal no oriente e para revelar posteriormente ao Ocidente o misticismo e a essência filosófica das teogonias orientais, traduzindo em linguagens europeias a literatura clássica da espiritualidade sino-indiana.”<sup>4</sup>

A transmissão escrita, assim, constituiu um importante fator não somente para espalhar os ensinamentos de Cristo na Índia, mas também a sabedoria da Índia no mundo ocidental.

---

<sup>3</sup> Caio Prado Junior, *Evolução Política do Brasil*. capítulo I.

<sup>4</sup> Boletim do instituto Vasco da Gama, n.73, p.149.

## EXPANSÃO DO ORIENTE, FUSÃO DE CULTURAS



(Fotos da internet)

Goa teve o papel de unificar duas civilizações. Navios vinham da China, trazendo coisas fantásticas do extremo oriente; porcelanas chinesas de diferentes tipos, caixas, arcas de madeira, telas elaboradas. Esse comércio aumentou a síntese e a construção de templos promoveu a integração no campo artístico.

Aludindo a isso, o historiador português Carlos de Azevedo comenta: “Quase todos os retábulos nas igrejas indianas são colocados diante de um fundo decorativo de entalhes ricamente trabalhados, onde a noção do uso do espaço é puramente oriental, o que aumenta o interesse e a originalidade de toda essa arte indo-portuguesa”

Símbolos hindus foram substituídos por símbolos cristãos, mas as decorações, os arabescos “preenchimento do vazio” mantiveram características orientais. As manifestações e símbolos artísticos, transcendendo as palavras, capturaram em linha direta a integração de diferentes povos, desvendando sua origem comum, que é a origem do ser humano na Terra.

As ideologias separam os homens porque são conceitos mentais. A mente resiste à invasão de suas verdades pessoais. Mas a verdade é única, indivisível, e brilha sobre tudo como o sol do meio dia, iluminando a Terra como um todo.

Interessa-me, no presente estudo, a documentação da influência indiana na arte portuguesa que, por seu turno, veio ecoar no Brasil alguns anos mais tarde, através do Barroco.

Buscamos nossas origens, nossos pontos de contato com a Índia, como se pudéssemos retomar por meio dos dados históricos e das manifestações artísticas,

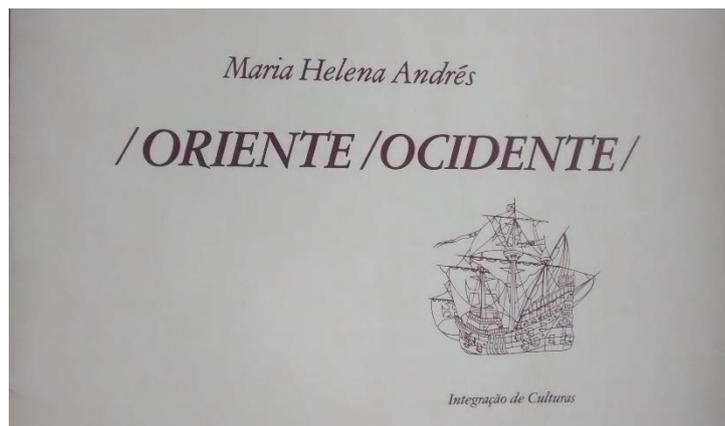
religiosas e culturais, o caminho das Índias, gerador da energia das grandes descobertas, da intensificação do comércio e do florescimento das artes. (Segunda parte do estudo comparativo apresentado no Seminário em Goa, 1983)

19 de outubro de 2015



(Fotos da internet)

## ORIENTE E OCIDENTE, FUSÃO DE CULTURAS



Quando pela primeira vez estive em Goa, senti-me como no Brasil, em pleno coração da Índia. Ali estiveram os portugueses, deixando sua presença nas construções barrocas, na língua e nos costumes do povo. Nas aldeias goesas existe a tradição de se cantar serenatas, como em Diamantina.

Em Goa eu me sentia em casa. As pessoas são amáveis, acompanham os visitantes, convidam-nos para jantar, levam-nos aos concertos e recepções.

Fiquei conhecendo de perto a vida de uma aldeia goesa. O governo de Goa, naquela época, era socialista e a divisão de terras propiciava muitas desavenças. O sistema de castas, de origem hindu, prevalecia até nas famílias católicas.

O Dr. Antonio de Menezes, renomado historiador indiano, me contava a história de Goa e da Índia. Aprendi muito sobre a música indiana e a sua relação com o canto gregoriano dos cristãos, que se originaram de uma fonte comum. Ambos se expressam de forma circular, repetitiva, elevando as vibrações para um plano mais sutil. Todas as tardes, ele me ensinava um pouco da história de Goa e eu fazia a ponte com a história do Brasil. Através desse diálogo, soube que um dos maiores arquivos da história colonial do Brasil encontra-se em Panjim, a capital, merecendo, da parte dos brasileiros, um estudo mais aprofundado sobre esse assunto. Segundo o historiador, quando Afonso de Albuquerque chegou a Goa, encontrou o ensino elementar ministrado à sombra de árvores. Para efeito de maior expansão do Cristianismo e da cultura portuguesa, o conquistador português incentivou a criação de escolas para crianças e adultos. As cartilhas escolares vinham da metrópole e o ensino foi confiado aos religiosos.

A influência de Portugal na cultura goesa durou quatro séculos e meio, de 1510 a 1961. Ali foi criada a primeira imprensa do Oriente com o objetivo de expandir o Cristianismo e, ao mesmo tempo, divulgou a espiritualidade da Índia na Europa. Depois da retomada de Goa pelo governo da Índia, em 1961, os portugueses regressaram a Portugal e a ex-colônia

perdeu o intercâmbio com o continente europeu.

As pessoas acima de 60 anos ainda falam o português, mas os jovens já perderam o contato com essa língua, desde que o governo da Índia decretou sua substituição pela língua local.

Quando o passado é lembrado, sua vibração nos chega intensa. Goa tornou-se a porta de entrada da Índia para o mundo ocidental, mas também foi palco de conflitos sangrentos como a Inquisição. Mas a paisagem redime o passado sangrento das batalhas e das mortes e a beleza das praias se impõe como uma benção, levando para longe os conceitos, as ideias e o fanatismo religioso. O mar assiste a tudo sereno, banhando de paz a costa indiana.

Muitas vezes, as igrejas cristãs erguiam-se nas ruínas das mesquitas e dos templos hindus, mas eram conservados detalhes da antiga construção. O historiador Antonio de Menezes nos ensinava que a arte de Goa deixou-se influenciar por motivos da arte hindu e muçulmana, integrando-se muito bem com a arquitetura barroca. Primeiro houve a fusão de raças, incentivada por Afonso de Albuquerque, depois a fusão e a combinação de vários estilos de arte. Nos entalhes feitos em teca, árvore da região, o rendado dos arabescos alcança um estilo próprio criado pelos famosos entalhadores de Goa.

“Goa, devido ao número e à monumentalidade dos edifícios religiosos de inspiração Cristã, ganhou justamente o título de Roma do Oriente e seus monumentos começam a mostrar um tratamento original de elementos decorativos, onde elementos de origem clássica se ordenam ao gosto do espírito oriental, numa fusão poderosa, que constitui uma das mais originais características da arte cristã no mundo.”<sup>5</sup>

Essas palavras do Dr. José de Azevedo Perdigão confirmam mais uma vez a influência da Índia na arte cristã de Goa. A arte indiana também influencia a arte de Portugal e floresce em templos manuelinos. Nos maiores monumentos manuelinos de Lisboa, o mosteiro dos Jerônimos, e na igreja do Santo de Belém, construída entre 1502 e 1519, podem ser vistas as tumbas dos reis da dinastia de Avis, com os sarcófagos sobre as costas dos elefantes, como evidência da influência indiana na arte portuguesa renascentista.

A famosa janela da igreja de Cristo em Tomar mostra a preocupação com a arte manuelina num naturalismo exótico que frequentemente liga várias religiões. Há historiadores tais como Robert Smith que as conectam com a ornamentação dos maias. Outros, como Ramalho Ortigão, consideram-na de inspiração hindu. Sustentada pela força esotérica da cruz de quatro pontas iguais da ordem de Cristo, essa janela funde em si

---

<sup>5</sup> José de Azevedo Perdigão, citados por Antonio de Menezes, op.cit.

mesma o oriente e o ocidente, com se a própria energia do universo fosse feita da união de diferentes credos. Como evidência dessa fusão de estilos e inspirações precedendo a era do Barroco citamos o grande historiador português Ramalho Ortigão: “No adorno dessa janela juntamente com o sentimento mais íntimo das energias da natureza, explode, troveja em torno da ideia Cristã todo o sagrado panteísmo das velhas religiões da Índia.”<sup>6</sup>

A mente resiste à invasão do nicho de suas verdades pessoais. Mas a verdade é única, indivisível, e brilha sobre tudo como o sol do meio dia, iluminando a Terra como um todo.

As manifestações artísticas e os símbolos, transcendendo a palavra, captam de forma direta a integração dos diversos povos, fazendo sentir a sua origem comum, que é a origem do próprio ser humano sobre a terra. As ideologias separam os homens porque são conceitos mentais. A mente, de posse da verdade, resiste à invasão de seus domínios. Mas a Verdade é Una, Indivisível, e, acima de tudo, brilha, sem fronteiras, como o sol do meio dia, clareando a terra como um todo. Através da força energética da arte manuelina, os dois hemisférios conjugaram-se em gloriosa harmonia, antecipando o período do Barroco, renovador de conceitos antigos.

A influência da Índia sobre a arte portuguesa, por sua vez, veio ressoar no Brasil, alguns anos mais tarde, através do Barroco. Buscamos nossas origens, nossos pontos de semelhança com a Índia, como se pudéssemos reconstruir através dos dados históricos e das manifestações artísticas, religiosas e culturais, o Caminho das Índias, gerador de energia das grandes descobertas, da intensificação do comércio e do florescimento das artes.

8 de julho de 2011

---

<sup>6</sup> Ramalho Ortigão.

## MINAS BARROCA E TEMPLOS HINDUS



(Foto: Maurício Andrés)

Na terra brasileira floresceu nos séculos dezessete e dezoito a arte Barroca, poderosa em sua expressão, na qual, a partir dos elementos decorativos, do movimento de formas e do simbolismo mágico das figuras, o passado de descobertas e buscas é retomado.

O Barroco, que o historiador Carmo Azevedo denomina “a arte do mar e dos grandes aventureiros”, passa por uma transformação no Brasil, na região de Minas Gerais, em uma arte da terra, da busca de ouro e pedras preciosas. A mão que esculpiu e moldou a forma manteve o artesão próximo de sua própria origem. Os modelos vêm de além-mar e encontram eco na região montanhosa de Minas Gerais, nos entalhes naturais, nos arabescos das montanhas, na sinuosidade dos rios, nas encostas de pedra, seguindo os padrões desenhados no coração da terra pelos veios de ouro.

As minas de ouro construíram as cidades de Minas. Foram construídas igrejas nas quais as mãos dos artesãos e artistas que vieram da Europa e da Ásia se misturaram àquelas dos nativos, mulatos e índios. Elas expressaram a integração de culturas e o sincretismo religioso. Na Igreja de Nossa Senhora do Ó em Sabará, de inspiração oriental, dragões domesticados voam no espaço sobre pagodes chineses. Síntese oriente-ocidente alcançada por meio da arte, mãos brasileiras se juntando a povos e raças distantes, numa mesma energia.

O barroco, nascido da contrarreforma, reinstala os santos esconjurados pelo protestantismo. “O novo estilo, caracterizado pela luxúria da forma e pela pompa ornamental litúrgica, atuava como um instrumento de afirmação gloriosa do poder mundano da Igreja e de impacto numa mentalidade social que lutava entre os valores de uma tradição

católica e a filosofia renascentista que portava suas novas verdades.”<sup>7</sup>

A visão do mundo mudara. A terra não era mais o centro do universo, que admitia muitos centros, inumeráveis pontos energéticos e sistemas solares. Leibniz formulou sua teoria cósmica das monadas. Nessa filosofia, dizia Leibniz, “ tudo que existe é composto de monadas, isso é, de partículas de força, indivisíveis, privadas de comprimento, em movimento incessante que mantêm em si próprias a propriedade de todas as coisas no universo. ” <sup>8</sup>

Conceitos ancestrais estáticos eram modificados e no mundo ocidental reverberavam pensamentos muito similares aos das revelações dos rishis nos Vedas. Toda a sensualidade da arte barroca em Minas Gerais parece se originar dessa explosão de “partículas de força, indivisíveis, privadas de comprimento, em movimento incessante”. A energia parece ser a mesma que deu impulso aos templos no sul da Índia, esculpido em pedra, na beira do mar ou dentro de cavernas. Eles transmitem exuberância, sensualidade, movimento, vida, num espaço preenchido completamente com figuras e símbolos.

“ A emergência da arte”, escreve André Gide, “ não é possível exceto nos pontos de nosso mundo onde o céu toca a terra, isto é, quando os deuses se tornam homens e os homens se tornam deuses. ” <sup>9</sup>

Na grandeza das igrejas barrocas de Minas Gerais e nos templos hindus pode-se sentir que a energia divina desceu à terra, para tornar-se humana e dançar com os humanos.

A arte Islâmica do norte da Índia e os templos protestantes mostram uma feição comum, que é a ausência da figura humana. Em contraste, os templos do sul da Índia e as igrejas católicas barrocas mostram um grande número de figuras humanas, animais e plantas. O espaço é quase congestionado e a madeira entalhada canta e vibra com a riqueza de detalhes.

Sentimos essa riqueza de detalhes nas faces internas e externas dos templos Hindus, principalmente no sul. Ali, deuses dançam e tocam música, adornados com braceletes e colares mostrando que dança, música e artes em geral são caminhos para alcançar a união com o divino. Também nos tempos áureos do barroco as artes se fundiam tentando transmitir um conjunto de riqueza mundana e a religiosidade daquela época. Artistas e manifestações públicas de teatro, música e dança eram estimulados. As procissões eram na realidade coreografias seguidas pelos fiéis, tornando toda a cidade um

---

<sup>7</sup> Affonso Ávila, Pequena Iniciação ao Barroco Mineiro. In Revista Barroco, n.7, p.7, 1975.

<sup>8</sup> Leibniz, in Enciclopédia Barsa, vol.8, p.272.

<sup>9</sup> André Gide, citado por Carmo Azevedo, A influência da Índia na arte portuguesa do século XVI.

palco, adornado com flores, toalhas de mesa decoradas penduradas nas janelas, oferecendo no todo um espetáculo majestoso e espetacular. “ Pode-se dizer que tanto a música como a dança eram naqueles tempos elementos vitais para a humanidade e possuíam, com toda a evidência, não somente um charme poderoso, mas também um propósito superior, não simplesmente o princípio do lazer.”<sup>10</sup>

Na Índia, também, nos tempos antigos, a integração das artes foi alcançada dentro dos templos e festivais de dança, música, poesia, canto, eram parte de um ambiente criado por arquitetos, artistas e artesãos. Havia, então, uma integração dos vários ramos da arte para promover a união com o supremo criador do universo.

O artista mais famoso do período colonial em Minas, Antonio Francisco Lisboa, conhecido como o Aleijadinho, transmite em suas esculturas o movimento da dança e há estudos sobre sua obra comparando os profetas de Congonhas do Campo com a coreografia de um balé.

Nos três níveis do adro da igreja os profetas ordenam seus gestos simetricamente em relação ao eixo da composição, assim formando um balé”. “Poder-se ia dizer que a partir do século dezessete o próprio princípio da composição barroca é o balé. É por correspondência, oposições e compensações, de acordo com as leis do ritmo e não mais da geometria que, nas igrejas do século dezessete e mais ainda nas do século dezoito, os gestos e atributos das representações pintadas e esculpidas se ordenam. O que aparentemente e isoladamente é uma contorção responde a uma necessidade essencial, aquela do ritmo.”<sup>11</sup>

Em Antonio Francisco Lisboa a necessidade do ritmo move suas figuras para um ritmo interno, que transcende as meras influências visuais ou físicas. Movido por uma intensa necessidade de expressão, esculpindo, com suas mãos aleijadas, diretamente com a força de sua energia interior, a arte do Aleijadinho liga-se às fontes energéticas que sustentaram o momento universal do século dezoito. Sua arte é também uma arte de síntese com o mundo oriental e não pode ser analisada somente pela fusão da arte europeia com a arte africana na qual o artista tinha suas raízes ancestrais.

Germain Bazin descobre em seus profetas, principalmente nos detalhes das roupas, características orientais. As coberturas para as cabeças são “ um tipo de mitra oriental, coroada por um botão, amarrada à base, um turbante. “É necessário retornar ao século quinze para encontrar essas coberturas em mitra que foram em seu tempo aquelas do

---

<sup>10</sup> Francisco Curt Lange – As danças coletivas públicas no período colonial brasileiro, em Revista Barroco, n.1, p.14, nota IV, 1969.

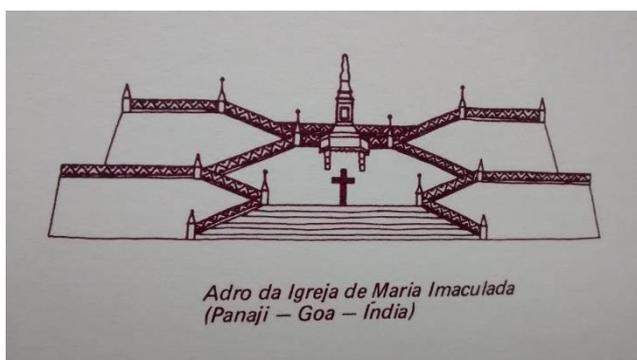
<sup>11</sup> Germain Bazin, O Aleijadinho e a escultura barroca no Brasil. distribuidora Record, Rio-São Paulo, p.231.

oriente. Elas foram introduzidas na Itália na ocasião da visita do imperador João II, um paleologista que veio de Constantinopla seguido por uma corte inteira de dignitários leigos ou eclesiásticos, filósofos ou mestres.”<sup>12</sup>

Germain Bazin descreve nos profetas influências das vestimentas da igreja oriental. Nós notamos que essas vestes, principalmente no que concerne às coberturas da cabeça, parecem com as roupas dos deuses do panteão hindu, os turbantes nas cabeças de Buda e também as torres elaboradas e superrefinadas dos templos e stupas.

Todo grande artista é uma síntese do universo. Por meio de seu trabalho ele transmite uma integração de energias universais que transcendem a influência do ambiente em que vive, para unificar e sintetizar o universo ao qual pertence.

Nos profetas de Congonhas do Campo a coreografia das figuras, seus olhos amendoados, a posição e movimento de seus corpos, trazendo similaridades formais, integram o oriente e o ocidente numa mesma expressão.



(Desenhos- Eliana Andrés)

---

<sup>12</sup> Germain Bazin, op.cit. p.285.

## ARTESANATO FAMILIAR



(Foto: Álbum: Oriente/Ocidente)

Na Índia, como a máquina não tomou a liderança nas atividades domésticas e a televisão ainda é um privilégio para poucas famílias, atividades artísticas e manuais são uma forma de unir as famílias. Elas sentam-se no chão, com tesouras espalhadas, papéis, arames, tecidos e trabalham juntas.

A feitura de bonecas é tarefa da dona de casa, envolvendo avós e avôs. Há um festival de bonecas a cada ano, que muda de acordo com o calendário Hindu. O Festival Dasara, como é chamado, dura dez dias e começa na lua de outubro. Em Mysore há uma cerimônia da boneca feita a mão em frente à deusa de 16 mãos Shakti (em Chamundi Hills, sul da Índia). Os hindus a veneram como exterminadora do orgulho. Artistas e artesãos se ajoelham com suas bonecas e humildemente imploram pela destruição do ego.

Observo numa mostra de bonecas a história da Índia revelada em cenários; numa outra mostra da vida de deuses e heróis da mitologia indiana. As pequenas bonecas coloridas fazem o espectador experimentar situações relacionadas com a cultura e a religião do país.

Esse tipo de artesanato é altamente estimulado pois constitui uma maneira de educar as pessoas. Como o número de dialetos na Índia é muito variado, há a possibilidade de aprender diretamente da fonte, sem usar palavras. Há museus como o de tecnologia de Bangalore onde, por detrás de janelas de vidro, é contada toda a história da ciência e há também museus itinerantes em ônibus nos quais as janelas servem como palco de bonecos e que são dirigidos às aldeias para a educação popular.

No vale do Jequitinhonha, no interior de Minas Gerais, o artesanato é um modo de sobrevivência para grande número de famílias. As famílias vivem juntas, como na Índia. Há uma fileira de casas formando um pequeno quarteirão e em cada casa um forno de cerâmica. O barro é moldado por mãos femininas. Ele é batido numa mesa de forma primitiva e levado ao forno para cozinhar. Lidando com terra, água e fogo, as artesãs chegam próximas da essência do ser humano, algumas vezes por meio dos mesmos símbolos e arquétipos que inspiraram artesãos em outras partes do mundo. Há liberdade para criar figuras de quatro ou cinco cabeças nos grandes vasos de cerâmica utilitária e também há, como na Índia, descrições de cenas de casamentos e procissões, hábitos dos homens do interior, suas práticas de trabalho, seus sonhos.

Há um contato íntimo com a terra, já que é da terra que os artesãos tiram a argila para seu trabalho. Sua fala é simples, mas extremamente clara: “Venha ver a argila”, um deles me chama – “Ela tem veias, como nas pessoas... Sempre que você vê essa veia é porque ela é de boa qualidade. ”

Para os artesãos do vale do Jequitinhonha a terra é uma extensão de seu corpo.

No Brasil também há o hábito de fazer cenas do nascimento de Cristo na véspera do Natal. Há presépios famosos como o de Nova Lima no qual, entre os reis magos, Nossa Senhora, São José e o menino Jesus, aparecem as mais variadas cenas de cidades modernas, com todos os seus negócios. O mais famoso presépio de Minas Gerais é o do Pípiripau, num dos bairros de Belo Horizonte, e visitado por turistas e pessoas interessadas em geral. Há um tom religioso nessas manifestações de arte popular, mas não há preocupação em situar historicamente o nascimento de Jesus Cristo. Ele está ali entre ônibus, trens, barcos, aviões, integrando o passado, o presente e o futuro num único cenário.

## MÚSICA INDIANA E MÚSICA OCIDENTAL



(Foto: Livro Pepedro nos caminhos da Índia)

A música indiana deve ter-se expandido, através da Pérsia e da Grécia, pouco a pouco, à medida que era refinada e simplificada, em direção à Europa. Há certa afinidade entre a música oriental e a música da Grécia antiga, suas escalas variando na disposição de semitons. A música oriental tem um caráter melódico e ignora a polifonia, que é uma conquista moderna da arte musical europeia.

A cultura milenar da Índia data da era dos Vedas e os livros sagrados eram cantados durante sacrifícios ao ar livre. Os livros eram as composições dos rishis, transmitidas oralmente de geração a geração.<sup>13</sup>

Há uma grande afinidade entre a música religiosa indiana e o canto gregoriano, música de forma circular e repetitiva. Em seu aspecto mais popular, a música indiana lembra os desafios cantados por violeiros nordestinos ou as cantigas do folclore brasileiro de origem africana.

Na música indiana, como nos desafios brasileiros, há sempre uma parte estrutural formando uma moldura para a improvisação criada no impulso do momento.

Na Índia, esses desafios e improvisações são feitos com instrumentos de percussão tais como tablas, uma de metal e outra de madeira. No Brasil, a percussão é feita com tambores, atabaques, cabaças, agogôs. Há um ritual completo para criar a tabla, do mesmo modo como no Brasil há um ritual e mesmo um batismo dos instrumentos com água sagrada da igreja mais próxima, na construção de um tambor sagrado.

Ao viajar no interior de Minas Gerais, observei o aquecimento de tambores num forno de lenha, para produzir um melhor som. Tambores como os atabaques africanos e a tabla indiana são soados por mãos humanas. O ritmo da percussão batida por mãos humanas é

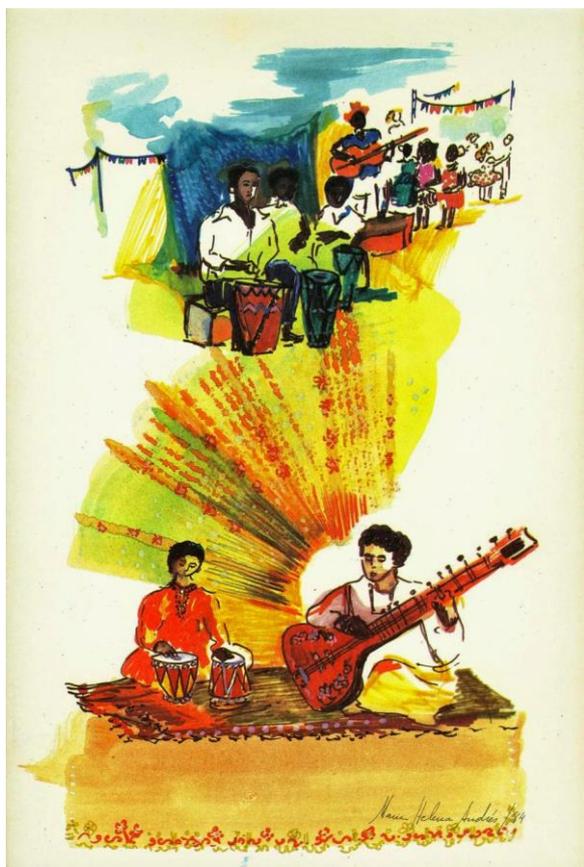
---

<sup>13</sup> Das anotações do Dr. Antonio de Menezes.

semelhante em diferentes regiões do globo.

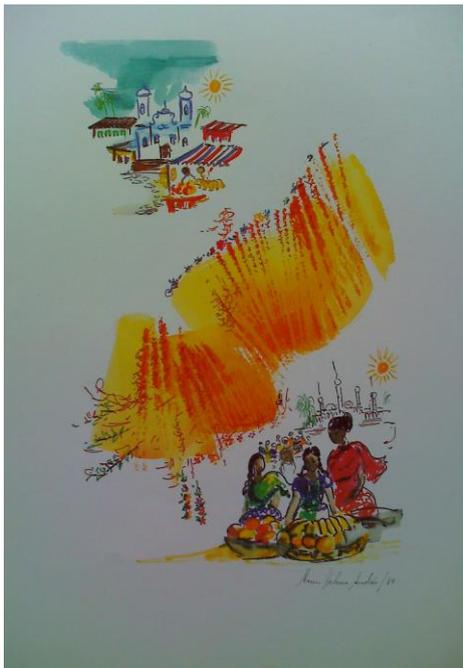
Tambores e cuícas de origem africana, constantemente presentes na música popular brasileira, deram origem ao batuque, ao samba e depois à bossa nova, já sob a influência do jazz. Foi preciso toda uma comunicação de culturas para formar a música popular no Brasil.

Há também uma troca espontânea com outros países por meio da música brasileira e sentimos que os músicos em geral são, no presente, os melhores difusores de nossa cultura na Índia, especialmente em Goa, ex-colônia de Portugal.



(Foto: Álbum- Oriente/Ocidente)

## BRASIL E ÍNDIA – FESTIVAIS E CARNAVAL



(Fotos: Álbum- Oriente/Ocidente)

As culturas se parecem umas com as outras espontaneamente, movidas por uma necessidade interior de religiosidade inerente ao ser humano. Mas a transmissão de aspectos formais por meio da dança e da música, deixando de lado conceitos e crenças, sincretiza festivais religiosos, expandindo a mesma forma de expressão para diferentes regiões do planeta. Apesar do significado ser frequentemente distinto, os aspectos formais são similares.

Procissões, com devotos transportando os santos em liteiras e parando em pequenos templos ao longo do caminho nos fizeram compreender o dualismo, isso é, que a existência de um intermediador entre o devoto e o Criador Supremo do universo traz conexões formais espontâneas entre povos. Os festivais religiosos com paradas e bandas de música são comuns em várias partes do mundo.

Na Índia, as cerimônias religiosas dos casamentos hindus trazem o noivo à rua, numa parada, montando um cavalo adornado com joias e seguido por uma banda e dançarinos. O aspecto do noivo é o de um príncipe que está indo encontrar sua princesa.

Comparecemos às festividades de Nossa Senhora do Rosário em Araçuaí, Jequitinhonha, quando, entre cânticos e rituais, um casal foi coroado dentro da igreja, como rei e rainha do festival do congado.

Há na Índia muitos festivais e manifestações populares que nos lembram os festivais brasileiros do congado, reisado, bumba meu boi e outros.

Na Escola de Arte do Kalakshetra, no sul da Índia, vimos apresentações de danças

folclóricas indianas e fomos capazes de notar as semelhanças com as danças folclóricas brasileiras que são apresentadas nas festas juninas em Minas Gerais.

Seria importante estudar mais a fundo essas manifestações populares, para estabelecer uma confrontação e descobrir as origens comuns às várias culturas, já que somente uma pequena nota é possível aqui sobre esse tema.

A respeito das influências de origem europeia, o carnaval é o festival que traz mais características comuns entre o Brasil e Goa. Vimos o carnaval em Pangim, Goa, onde a maior parte da população se movimenta nas ruas principais da cidade para ver os grupos que desfilam. Há alegria, canto, música, máscaras, senso de humor e críticas sociais, diferentemente daqueles dos carnavais brasileiros em alguns aspectos e semelhantes em outros. No Brasil, as músicas tocadas durante o carnaval são gravadas em discos para que a população possa tomar parte no seu canto. Em Goa, há canções de muitas nacionalidades, samba, tango etc. e, à noite, nos bailes, dança-se ao som da música pop americana, como nas discotecas brasileiras.

No Brasil, especialmente no Rio de Janeiro, as principais paradas e desfiles são os das escolas de samba ao longo da avenida. Cada escola traz uma diferente coreografia e ensaios são feitos durante parte do ano, com bailes e batucadas.

Em Goa o carnaval relembra as antigas festividades de carnaval do Brasil, com caráter humorístico. No Rio, o carnaval de rua mantém seu senso de humor e grupos mascarados coexistem com coreografias e roupas superrefinadas na avenida, para atrair turistas estrangeiros.

Há assim contrastes e semelhanças nessas manifestações populares.

No interior de Minas Gerais e no nordeste brasileiro, os carnavais ainda mantêm algumas características das antigas festividades mouras, semelhantes às de Goa, mas nas grandes cidades os quatro dias de carnaval são um pretexto para quatro bailes noturnos nos principais clubes.

## INFLUÊNCIAS E TROCAS ENTRE O BRASIL E A ÍNDIA



(Foto: Álbum- Oriente/Ocidente)

Observando os ornamentos florais dos oratórios em Minas Gerais e a ornamentação da capela do Taquaral, perto de Ouro Preto e Mariana, sentimos a proximidade com a Índia hindu e islâmica.

Os portugueses alcançaram na Ásia uma maior integração com seu povo do que outros europeus que se assentaram ali. No início da colonização de Goa, Alfonso de Albuquerque doou terras e privilégios para os portugueses que se casassem com mulheres mouras. “ Quando Albuquerque deixou Goa em direção a Málaca (abril de 1511) ele deu instruções a Rodrigo Rabelo (encarregado da defesa da cidade) para facilitar tais casamentos, desenvolvendo ao máximo que pudesse tal instituição e protegendo-a com o maior cuidado.<sup>14</sup>

A fácil comunicação dos portugueses e seu assentamento profundamente enraizado na terra favoreceram, em certa medida, a influência asiática nas artes portuguesas e padrões da China e da Índia se misturavam com os modelos portugueses. “ Os portugueses não somente empregaram artesãos indianos na Índia, mas também tiveram trabalhos feitos por artesãos indianos em Portugal. ”<sup>15</sup>

A influência da Índia aparece muito frequentemente nos famosos bordados portugueses, principalmente no tratamento e ocupação do espaço. Tais desenhos, nos quais o superrefinamento é uma constante, também influenciaram a ornamentação de igrejas católicas.

---

<sup>14</sup> Antonio de Menezes, op.cit. p.48.

<sup>15</sup> Lotika Varadarajan, Indian Textiles in Portuguese collections.

Os padrões portugueses, chegando ao Brasil em naus colonizadoras, trouxeram inspirações de além-mar frequentemente assimiladas na Índia ou na China.

A historiadora Maria Luiza Galeffi, numa palestra dada em Congresso do barroco em Ouro Preto, relata o seguinte fato: quando padrões de Portugal chegaram à Bahia para serem colocados como ornamentação nas colunas das igrejas barrocas, o mito do pavão foi substituído pelo do pelicano, símbolo do Cristo, que deu a vida por seus filhos.

No início da colonização, os portugueses se assentaram por algum tempo na costa leste da Índia, no golfo de Bengala e então se estabeleceram em São Tome de Mylapore, Madras, fundando ali um centro de atividade têxtil. Característica da arte daquela região são os desenhos de pavões entrelaçados com guirlandas e arabescos, na mesma disposição dos arabescos que decoram as igrejas barrocas. Eles são impressos em tecido, em cores brilhantes, da região de Madras, estado de Tâmil Nadu, sul da Índia.

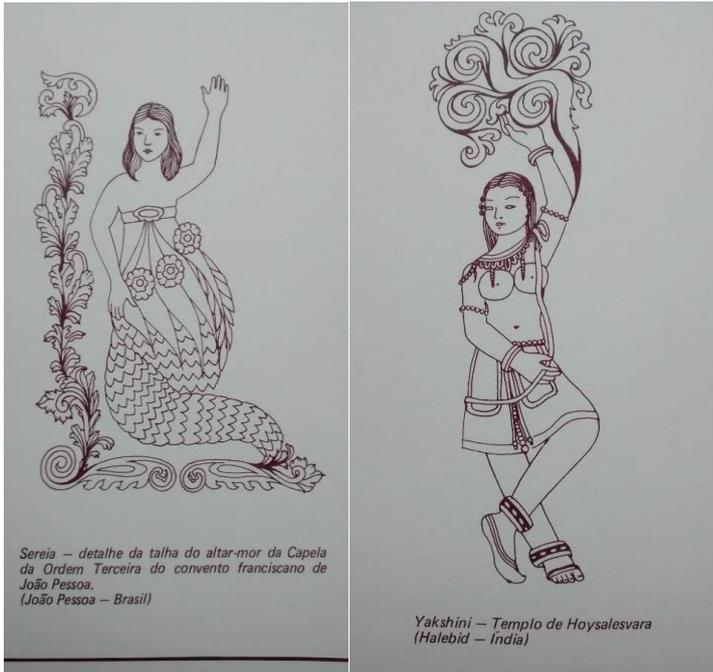
Não foram esses padrões que inspiraram Portugal e sua ornamentação barroca, chegando posteriormente ao Brasil, onde a substituição dos mitos ocorreu? Essa pergunta eu deixo para os interessados em estudos de arte, história, comunicação de culturas. Nosso trabalho é somente uma pista para um mais profundo, já que é uma síntese e assim, não adequada para uma análise mais detalhada dos dados obtidos.

Mas a sugestão fica para outros estudos que possam ser feitos no futuro por historiadores, sociólogos, antropólogos e artistas, lembrando que o caminho das Índias não se fechou com os navegadores, mas pode ir muito além no futuro, por meio de trocas culturais com as ex-colônias portuguesas.

Um primeiro passo nessa direção foi dado pelo arquiteto Maurício Andrés Ribeiro que, tendo estado na Índia em 1978, desenvolveu ali uma pesquisa sobre “Habitat e transferência de tecnologia” no Instituto Indiano de Administração em Bangalore. A pesquisa, patrocinada pelo CNPq do Brasil, teve como tema um estudo comparativo entre uma aldeia indiana e um município brasileiro. Ela estudou as principais características de aldeia de Kenchankuppe na Índia e da cidade de Juramento, perto de Montes Claros, Minas Gerais. Ele registrou o uso do solo nessas diferentes regiões, a alimentação, vestuário, habitação, saúde, energia. Analisou as taxas de educação em Kenchankuppe e as diferentes abordagens nas duas comunidades em relação à criação de gado e a hábitos alimentares. Em sua conclusão, ele escreve que “ as mudanças internas dependem fortemente de processos mais amplos, porque nem a aldeia nem o município são ilhas isoladas. Eles pertencem a estados, regiões e países historicamente diferentes e que enfrentam de seu próprio modo os problemas econômicos e sociais. Mas há também importantes semelhanças que ligam tais países: semelhanças climáticas e ecológicas,

modelo de economia mista, grandes áreas geográficas, grande expressão regional, problemas socioeconômicos similares. A comparação, as trocas e intercâmbios entre suas experiências de desenvolvimento, sucessos e fracassos, poderiam ser, assim, proveitosos.

Esse resumo do trabalho de Maurício Andrés é registrado aqui como um exemplo de iniciativa para iniciar um intercâmbio com a Índia, por meio de pessoas que estão interessadas em estudos comparativos nos campos da ciência e da tecnologia. Possa essa cooperação ser também feita nos campos da cultura, da educação, arte e história.



## A ROTA DE NAVEGAÇÃO DAS ÍNDIAS



(Foto: Álbum- Oriente/Ocidente)

No livro “A Bahia na carreira da Índia” de José de Amaral Lapa há um estudo das rotas de navegação para as Índias, do qual citamos as seguintes passagens que consideramos um complemento importante ao presente trabalho:

“A descoberta ou reconhecimento do Brasil, longe das controvérsias quanto a ter sido acidental ou não, foi, e não pode haver dúvidas quanto a isso, um episódio na Carreira da Índia. Aqui se inicia, oficialmente, nossa existência, indissolavelmente ligada ao grande itinerário que, tanto por seus antecedentes como por suas repercussões – a aventura da Índia, e, portanto, sua rota – deveria durar muito mais do que três séculos, dando a Portugal uma de suas mais agitadas e contraditórias fases históricas”.

“...nós queremos registrar também a completa ausência neste estudo de um capítulo que é possível desenvolver sobre a “presença cultural” do oriente no Brasil. Entretanto, esse tema atrativo nos levaria a um campo específico de pesquisa e reflexões no qual, por ora, não nos aventuramos.” (Da introdução)

No tema da Carreira das Índias, também gostaríamos de transcrever as palavras de Gilberto Freyre. De acordo com esse autor, navios aportavam frequentemente no Brasil: “ Desses contatos ilegais se originaria uma série de influências ou traços da presença oriental no Brasil, como o uso geral entre o povo da distinção dos “palanquins”, liteiras, parasóis, abanadores chineses com figuras em seda bordada com faces de marfim, sedas, leques indianos, porcelana chinesa, chá etc. entre outros vestígios nos ornamentos arquitetônicos e no uso das caixas chinesas e de sândalo.” (Casa Grande e Senzala, T.I. p.81)

## A EXPERIÊNCIA DA INSEGURANÇA



(Fotos da internet)

Índia, Kerala – Kaurangad, 1979. Aqui mora uma santa. Viemos vê-la. Viajamos de ônibus, trem de ferro sacudindo, o corpo doendo. Receberam-nos com carinho. Nos Ashrams sempre existem lugares. Os visitantes querem paz, rezam pela paz. Não se cobra nada aqui, paga-se o quanto se pode dar. Uma amiga foi quem primeiro indicou esse Ashram no ano passado. Veio da Alemanha buscando a paz e o reino de Deus aqui na Terra. Procura uma vida de segurança, sem conflitos, rezando e cantando. Encontrei aquele rapaz que me ajudou no ano passado. Está mais pálido, falando pouco e desfia constantemente um rosário indiano denominado Mala. Passa os dias repetindo o mantra. O mantra repetido 108 vezes traz um estado de paz. Sento-me na grande sala forrada de esteiras e ouço os mantras cantados. Homens de um lado, mulheres de outro.

A santa, denominada “Mãe” veio pessoalmente rezar pelo mundo. É velhinha, tem 80 anos e dirige o Ashram. Os devotos ficam horas rezando em conjunto. A Mãe simboliza a energia Shakti. Olhar de bondade e paz. As pessoas se inclinam e lhe beijam os pés. Sinto-me longe, tão longe desses rituais que, para não continuar representando, apronto as malas para viajar no dia seguinte. Fica a lembrança do cozinheiro bigodudo com três filhos, sempre alegre, dos sadhus comendo de graça (um deles mora na floresta, veste-se com dois panos brancos). Uma das devotas tem o cabelo cortado como homem, já foi casada, separou, superou o sexo, morou numa gruta três anos. Cada um tem um modo diferente de crescer. O dela foi assim, libertar-se do desejo de segurança. Nós agora estamos todos nos libertando também, mas de acordo com o nosso carma.

Insegurança é correr para apanhar o trem andando, o indiano na frente tampando a passagem, Beth, minha jovem amiga brasileira dentro do vagão, correndo o risco de viajar sozinha. Empurraram-me, entrei nem sei como. O maquinista do trem me disse: “Deus te protegeu”.

Estou viajando de novo. Lá fora os coqueiros passam, coqueiros e mais coqueiros. Agora estamos atrás de um hotel. Indicaram-nos o Maritani; tem até “Cabaret Hall”. Chegamos cansadas e nada de poder dormir. A música tocou a noite toda! Que diferença de situações! Primeiro o Ashram, a pura paz, a segurança, todo mundo rezando e cantando e agora o outro lado da vida. O hotel barulhento, discoteca. Foi difícil dormir apesar do cansaço. De novo num ônibus, malas nas mãos, sacudidas pela poeira dos caminhos. Beth procura uma clínica chamada “Nature Cure”, que a sua imaginação transformou numa espécie de “SPA”, onde poderíamos nos recuperar do cansaço de tantas viagens. Bem que eu não tinha fé neste programa. Andamos, chegamos e voltamos, não tinha vaga.

Aqui em Kerala o governo é comunista. Hospitais com bandeiras vermelhas, foice e martelo nas repartições públicas. Bandeiras ventilando nas sacadas. A Índia é um país democrático, considerada a maior democracia do mundo, e em alguns estados governa o partido comunista.

Kerala parece um lugar mais organizado. Calicute é porto de mar, tem cheiro de peixe. Há 500 anos, Vasco da Gama aqui esteve com suas caravelas. Em Calicute existem muitas farmácias ayurvedicas. Parece que eles estão se libertando da indústria de remédios estrangeiros e vendendo e estimulando o tratamento através de plantas. Ayurvedica é a medicina antiga ensinada nos Vedas. Muita coisa se perdeu porque não foi transmitida. Aqui quase toda farmácia é Ayurvedica e esse hospital do governo está superlotado, não há vagas. Ouvimos isso o dia todo. Não há vagas... Tudo tem que ser marcado com antecedência. Voltamos para o mesmo hotel. É difícil viver a experiência da insegurança. As viagens se transformam em crescimento quando através de experiências “de risco” percebemos o quanto somos protegidos (Diário de Viagem à Índia, 1979).

19 de agosto de 2014



(Imagem da Internet)

## VIAJANTES CONSUMISTAS



(Foto: Maria Helena Andrés)

Viajar é bom para o autoconhecimento. Ficamos sabendo como somos quando arrumamos nossas malas. Quanto maior a bagagem, maior nossa insegurança. Queremos levar tudo, carregar a proteção nas costas, cruzar o rio da vida com os pertences. São roupas, sapatos, compras, livros, remédios. Observo as pessoas em torno, como são despojadas!

“Mas sua bagagem é só isto?” Dois vestidos e uma sandália. A beleza de Patna é interior, ela não precisa variar de roupa. Veio de Israel, foi iniciada na Inglaterra, agora percorre a Índia. Permaneceu em Madras três meses, participou de palestras, conferências, danças, fazia pesquisas na biblioteca. Quando ia a um curso de bonecos no centro, voltava com os olhos brilhantes de alegria. Sua bagagem aumentou com dois bonecos feitos por ela mesma. Aqui não há a preocupação de consumir.

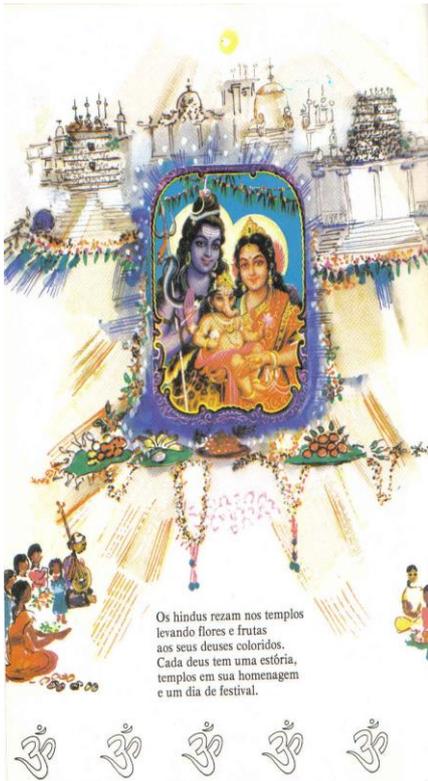
Shanta partiu para Lunawa com pouca coisa. Não tem casa, perdeu tudo e ainda espera da vida. Veio do Líbano. Encontramo-nos na enorme varanda. Passa gente lá embaixo e olha para cima com curiosidade. Os indianos são curiosos e sorriem. Nós somos brancas. Shanta, ao meu lado, pesquisa livros naturistas. “Nature cure” é o seu dharma. Às vezes a vejo cercada de pássaros. Outras vezes cuidando das plantas “Vou a Delhi para um curso especializado, mas em janeiro estarei de volta.” Há uma simplicidade em dizer “I’m a homeless lady”. Uma pessoa sem lar, sem casa, viajando com poucas coisas. O consumo não existe para essa gente, pois o consumo exige um lugar para se depositar coisas. Armários embutidos, prateleiras, armários cheios de bagulhos.

Viver o agora é despojar-se de tudo, morrer para o passado, os apegos, as coisas acumuladas. As pessoas de modo geral são “homeless” aqui. Suzy foi professora, largou tudo. Fico lembrando as palavras de Rubens, um teosofista vindo de Quênia, África. “Conhecimento adquire-se em livros, mas a sabedoria só nos chega através da experiência.” Viajar nos mostra a vida logo em seus múltiplos aspectos, chega-se à conclusão de que o acúmulo e o consumo não levam a nada. É como a serpente comendo o próprio rabo. Compra-se, satisfaz-se um desejo e ele nos envolve. O não consumo é a sabedoria. Aquela italiana com um coque amarrado no alto da cabeça só tem duas roupas. “Tive de optar, ou viajo e aprendo, ou compro e não aprendo”. As roupas já estão desbotadas, mas a filhinha de 6 anos está feliz porque está sempre com a mãe, que aprende a fazer bonecos, estuda música e pretende ensinar na Itália o que aprendeu na Índia.

Aqui nesta comunidade moramos em quartos com banheiro coletivo. Lavamos roupa no tanque, onde às vezes encontramos amigos para um bate papo internacional. Lisa nos fala da Inglaterra. Já foi chofer de taxi, agora está aqui, aprendendo na universidade da vida. Procura ajudar todo mundo. Há uma vibração intensa de amor e compaixão. Todos têm a sua história e se encontram junto ao tanque de lavar roupa.

5 de Agosto de 2014

## DESENHANDO A ÍNDIA



(Foto: Livro Pepedro nos caminhos da Índia)

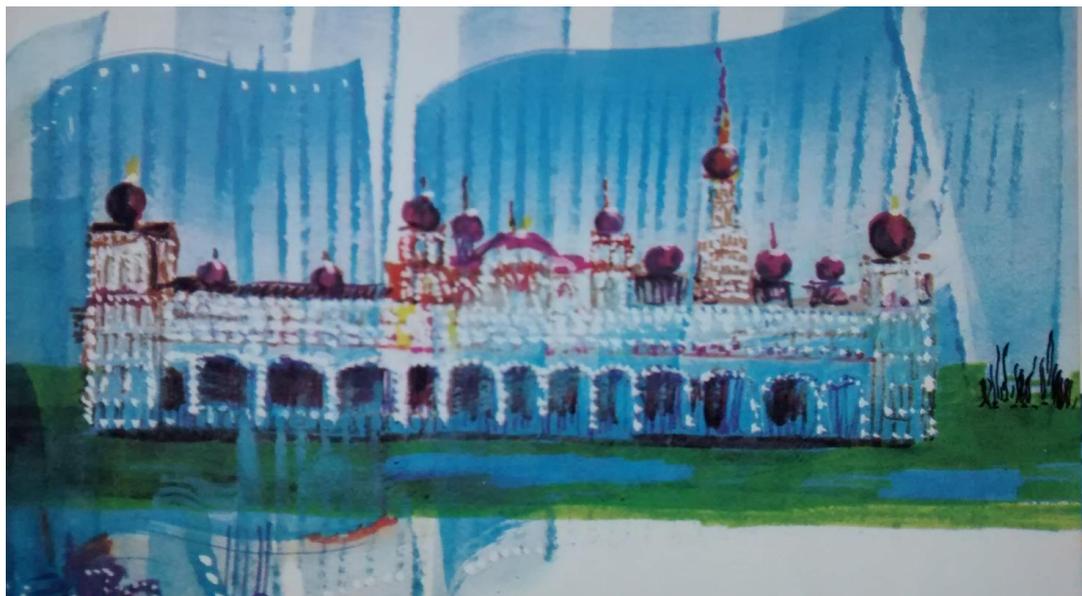
Estou desenhando na Grande Praça de Bangalore. Em toda a Índia as praças são enormes. Este palácio é o parlamento da cidade, com escadarias e varandas monumentais. O caráter monumental das construções, das praças e da arquitetura de modo geral, é um ponto de extraordinária surpresa para quem chega de fora, acostumado ao crescimento vertical das cidades, visando a especulação imobiliária. Aqui o governo impede de todos os modos essa especulação. Quem compra um lote tem de construir e não pode vender o imóvel por 10 anos. São medidas severas que impedem o drama da aglomeração nos espaços centrais das grandes cidades como acontece no Ocidente. Todo o crescimento das cidades na Índia é feito em sentido horizontal.

Enquanto desenho, uns pobres se acercam com as mãos estendidas pedindo dinheiro. Mesmo que tenhamos por eles sentimentos de amor e compaixão, o fato de dar esmolas nas ruas não resolve nada, só aumenta o número de mendigos. As crianças dão pena - são lindas, de uma ternura sem fim. Quando vêm alguém com ares de estrangeiro, se aproximam: “Mam...” e estendem as mãozinhas. E há também as velhas que se acercam estendendo os braços encarquilhados: “Mam...”

Agora estou em frente a um templo de Shiva, com meu caderno de desenho, cercada pelos pobres. Eles olham curiosos, empurram-se para ver. A velhinha me defende em

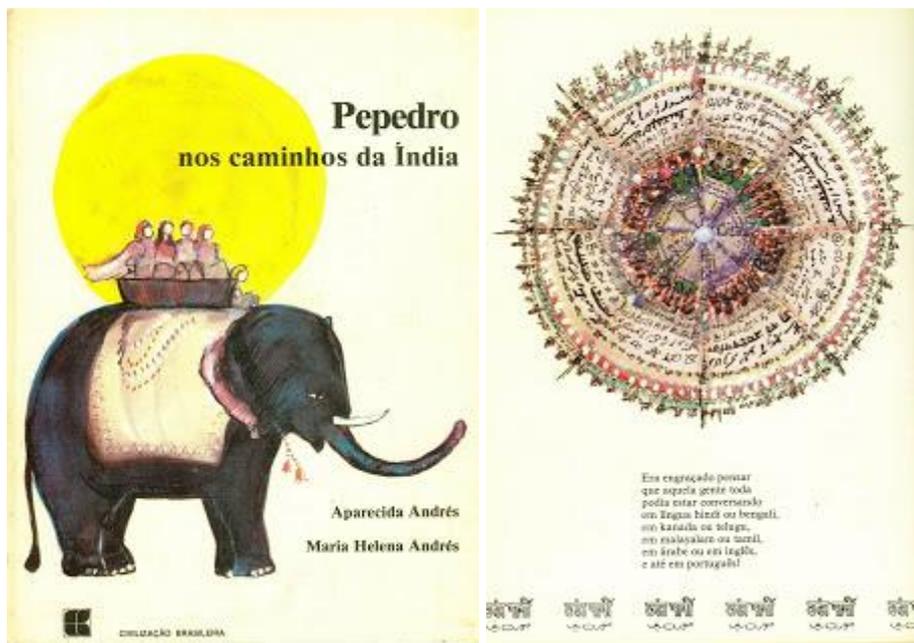
linguagem local xingando as crianças. Imagino o que ela deve estar dizendo: “Deixa a dona desenhar.” A dona, apesar de aflita, continua a desenhar. Não pode espalhar rúpias pela multidão porque senão poderia criar problemas com outros pobres. Mas, sabendo que ninguém vai ganhar, eles se conformam em olhar o papel com curiosidade. E assim vou desenhando o povo deste país, os quiosques, os palácios, praças, templos...

12 de novembro de 2009



(Foto: Livro Pepedro nos caminhos da Índia)

## A CRIAÇÃO DO LIVRO “PEPEDRO NOS CAMINHOS DA ÍNDIA”



(Foto: Livro Pepedro nos caminhos da Índia)

Às vezes me lembro de coisas que se passaram na Índia, quando da minha viagem em 1978.

Eu viajava com pouco dinheiro, não podia pagar hotéis caros e também não queria ficar em hotéis baratos que não têm o conforto necessário para a gente se sentir bem.

Foi quando minha amiga Dominique, casada com o Dr. Radhakrishnan, do Raman Research Institute, me indicou uma comunidade de irmãs cristãs na rua Infantry Road. Lembro-me das acomodações para hóspedes em pequenos chalés distribuídos por um jardim todo florido e bem cuidado. As acomodações eram simples e as irmãs me receberam com muito carinho. Pagava pouco, uma diária de 3 dólares por dia com direito a uma alimentação indiana bem apimentada. Podia fazer as refeições ou comer fora, se quisesse. A única exigência era cantar uma página da Bíblia na capela da comunidade e eu, que gosto de cantar, entoava o canto com elas.

Quando as irmãs souberam que eu precisava de um espaço adequado para ilustrar um livro infantil sobre a Índia, abriram para mim todo o andar superior, reservado aos hóspedes de congressos. Eu podia escolher qualquer quarto para ilustrar o livro do Pepedro, ficava sozinha naquele imenso salão, levava o meu aparelho cassete e podia até ouvir música e dançar.

O livro do Pepedro começou ali, à sombra das árvores. As irmãs cediam as empregadas para servirem de modelo para a artista brasileira que ali estava. Algumas

páginas ilustram os diversos personagens da comunidade.

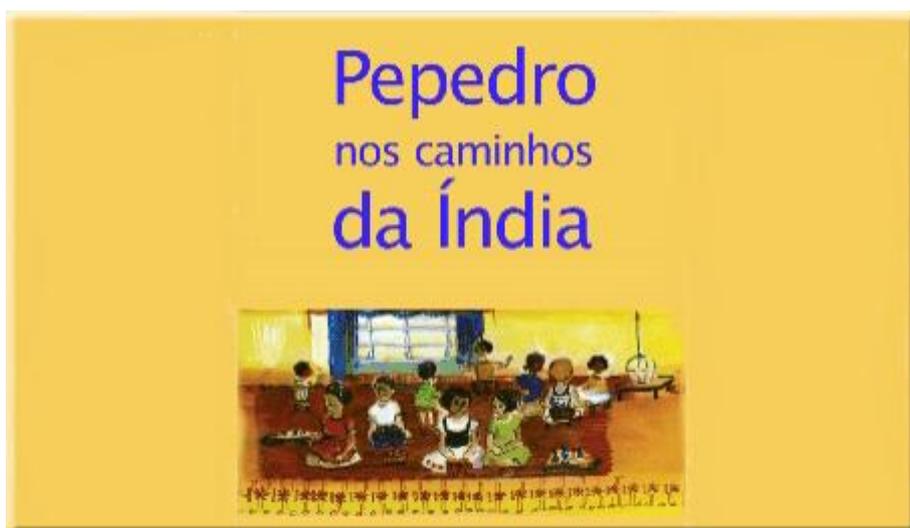
Ali fiquei três meses desenhando, escrevendo e também visitando museus e escolas da cidade de Bangalore. Aprendi muito com essa simplicidade voluntária, que me trazia tranquilidade e paz.

As irmãs me emprestavam jornais para que eu copiasse os diversos dialetos e dali tirasse ideias para uma mandala só de escrita indiana.

Decorridos três meses eu tinha de sair da Índia, e escolhi o Nepal para me abrigar. Em Katmandu o livro do Pepedro teve a sua fase final, inspirado nos Himalaias e na sabedoria dos lamas tibetanos. Também em Katmandu, o hotel Shakti me oferecia momentos de silêncio e meditação para produzir meu trabalho de arte. Abria as janelas e via as crianças brincando na rua, o que me fazia lembrar o pequeno Pepedro, Joaquim Pedro, meu neto, que ficara na Índia. O registro dessas experiências está nas ilustrações do livro “Pepedro nos caminhos da Índia” de autoria de minha nora Aparecida Andrés.

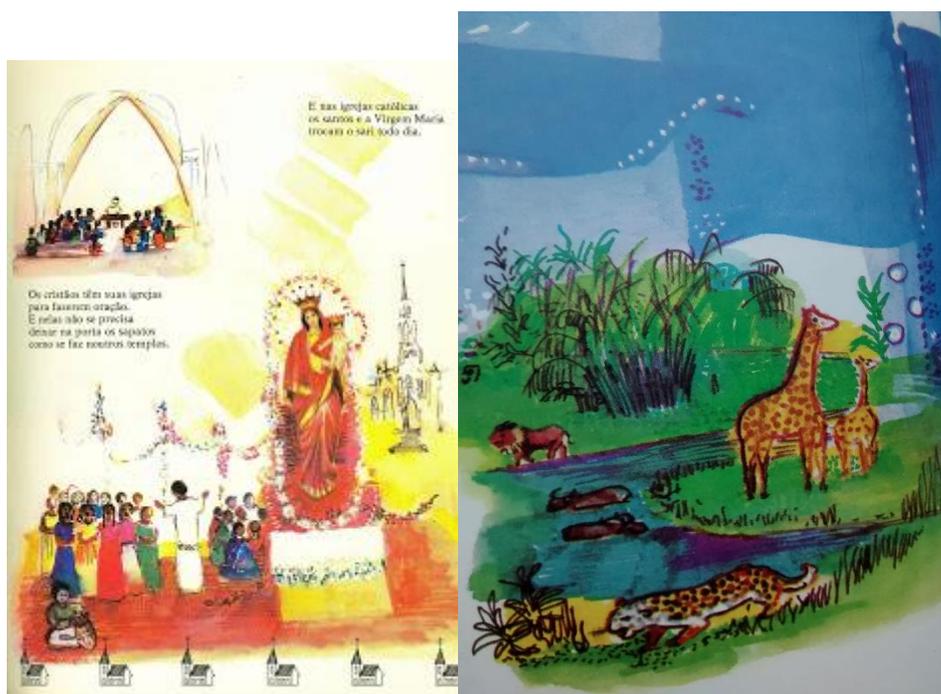
Todas as coisas têm sua história e seu momento, e todas elas passam debaixo dos céus...

10 de setembro de 2015



(Foto: Arquivo pessoal)

## PEPEDRO NOS CAMINHOS DA ÍNDIA



(Foto: Livro Pepedro nos caminhos da Índia)

Para ilustrar o livro “Pepedro nos caminhos da Índia”, viajei pela Índia durante quase um ano, em companhia de Maurício, Aparecida e do meu neto Joaquim Pedro, que para ali se deslocaram motivados por uma bolsa de estudos do Maurício no Indian Institute of Management de Bangalore.

Durante esse tempo percebi ao vivo, por experiência própria, as diferenças e semelhanças entre as duas culturas, separadas por muitos mares. Isso me possibilitou receber com muita alegria os textos do livro “Pepedro nos Caminhos da Índia”, escrito por minha nora Aparecida. Aquele roteiro me possibilitava transformar em imagens coloridas o que estava vivendo no momento. Comecei a desenhar nas praças, nos parques, nos templos, nos teatros, muitas vezes cercada por uma multidão de crianças curiosas que ambicionavam as minhas canetas hidrográficas. E muitas vezes as canetas ficavam com as crianças.

O livro do Pepedro foi um testemunho de vida de um novo mundo que se abria para mim. Naquela época (década de 70), em que não existiam computadores nem comunicação via internet, a Índia era um lugar distante, as cartas levavam às vezes dois meses para chegar ao seu destino.

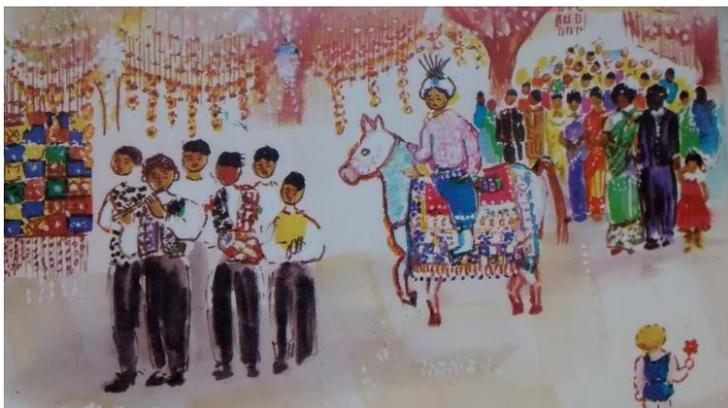
Mas assim mesmo era necessário escrever. Aqui vão alguns textos da época, recolhidos de cartas para a família:

“Queridos filhos:

Estamos neste hotel há 3 dias e já muita coisa se modificou. Cheguei amedrontada em Delhi, ainda com um pouco das tensões dos últimos tempos, mas agora já estou bem melhor. Preferi ficar sozinha para escrever, pintar se tiver vontade, ler e meditar. Visitamos os pontos turísticos da cidade, o Grande Forte, o Zoológico, mas resolvi também me virar sozinha. Procurei um templo lindíssimo que já visitara da outra vez. Está situado num bairro só de templos, contendo em grande harmonia e comunicação o templo Budista, Hinduísta e Islâmico. Assisti no templo central, todo de mármore e espelhos paralelos um concerto espontâneo de Ragas Hindus. Um velhinho tocava um instrumento pequeno, um som de harmônio. Quatro rapazes sentados o acompanhavam na tabla. O som das cordas e o ritmo das tablas ecoava por todo o imenso salão de mármore. Fiquei parada muito tempo escutando (aliás estou agora treinando a arte de ouvir em silêncio). Aqui na Índia, apesar do passaporte, não me considero turista, mas observadora ou peregrina, como diz o “I Ching”. Enquanto uma turma de turistas passa rápido absorvendo por golpes de olhar o que vêm, eu resolvi parar e sentir cada coisa que me atrai. Diante de uma imagem de Shiva em meditação, parei tanto tempo que nem cheguei a perceber um monge me coroando de flores amarelas. “Welcome, madam” soou nos meus ouvidos de repente. Ele se levantou, pegou um pouco de cinza e colocou no meu terceiro olho. Voltei mais animada para casa. As cinzas de Shiva me deram coragem para sair sozinha, encontrar pessoas, confiar no desconhecido.”

8 de junho de 2009

## CASAMENTOS NA ÍNDIA



(Foto: Livro Pepedro nos caminhos da Índia)

Nas ruas de Varanasi, cidade santa, as festas se sucedem. Ali as coisas acontecem simultaneamente e a vida se movimenta em mil cenas, desfilando como um filme diante dos nossos olhos.

Chegamos no dia 19 de abril, dia dos casamentos. Nas ruas, elefantes enfeitados desfilavam, seguidos de carruagens deslumbrantes, iluminadas, o noivo sentado no alto do andor com flores cobrindo o rosto. A cena acontecia entre fogos de artifício, ao som de tambores e banda de música. Parecia um conto de mil e uma noites.

Passamos por um pátio enfeitado de pinturas. Dentro de uma casa humilde celebrava-se o casamento de uma família pobre. Convidaram-nos a entrar e fizeram-nos sentar no chão. A noiva, uma adolescente de 14 anos, recebia os convidados com chá e salgadinhos apimentados.

Bandas de música enchem os becos de Varanasi com sons variados, fogos de artifício explodiam no espaço e andores passavam pelas ruas, como nas festividades religiosas das cidades históricas de Minas Gerais. Grandes figuras modeladas em papier-maché ou fundidas em metal prateado representavam os nobres de antigamente ou os deuses hindus. As deusas Saraswati e Parvati também acompanhavam outro cortejo, levando um jovem à casa de sua futura esposa. Tudo respirava alegria e festa.

Em Varanasi, que representa a antiga Índia, a tradição é conservada com todos os detalhes de antigamente e a força do passado é mantida pelas diversas religiões. Na Índia, os cristãos representam o Ocidente e o casamento cristão é como o nosso: a noiva entra com o pai e o noivo a espera no altar. Pelo traje de cada pessoa pode-se saber a qual religião pertence. Os cristãos usam sapatos e vestem-se de terno e gravata, os hindus usam sandálias, vestem-se de dhotis e blusões brancos. Os muçulmanos, quase sempre, estão de preto e as mulheres cobrem-se também com longos véus pretos, como irmãs de

caridade.

Nas ruas estreitas de Varanasi, com pouco mais de um metro de largura, a passagem era feita somente por pedestres. As construções antigas protegiam a cidade contra o calor do verão, e, à sombra dos becos, o sol não penetrava. Por detrás das grades, moças curiosas espiavam os transeuntes passando. Vacas, bezerros e cabritos andavam sem pedir licença, empurrando quem estava na frente.

Enquanto andávamos, a arquitetura das casas criava nos muros diversos cenários do passado com reis e rainhas, surgindo à soleira das portas, pintadas em cores vivas sobre o fundo branco. Moças com os pés pintados de vermelho seguiam as encruzilhadas, subindo os degraus e enveredando por becos. Surgiram numa réstea de sol, elefantes pintados, homens de turbante, colunas, pórticos, escadarias, vidros com os deuses hindus iluminados por lamparinas, roupas dependuradas nas janelas e sáris coloridos jogados nas varandas.

9 de setembro de 2009



(Foto de Maurício Andrés)

## O BARQUEIRO E O MACACO



(Foto: internet)

O barqueiro nos conduziu pelas ruas estreitas de Benares. Era magro, enrolado num manto vermelho – “Com a chuva não tem passagem para vocês irem até lá...” Apontou o templo, as luzinhas já brilhavam no meio da névoa. Chovera muito e as ruas estavam alagadas. Tentamos chegar até a escola de sânscrito, mas a água chegara até os degraus da escada. Agora o barqueiro descrevia em inglês oficial, entrecortado de palavras da língua local. “Não tem passagem” vão deslizar na escada – “Só de barco.”

Descemos com dificuldade para não escorregar. Lá embaixo as águas do rio Ganges traziam memórias de cerimônias, cremações, flores amareladas jogadas nos rituais, pedaços de carcaças que envolvem os defuntos. “Não entre no barco!” ele pode afundar, eu posso tropeçar... Lembrei dos dólares guardados na cintura. O caminho até o barco era estreito, depois aquela água cheia de coisas, resíduos, nem sei de quê. O barqueiro insistiu “Mama, não tem perigo, eu seguro seu braço!” – “Não, quando voltarmos já estará escuro.” Desisti de ir. Preferi subir de novo as escadarias, entrar pelos becos escuros, seguir a trilha dos devotos. Entramos num templo, cerimônia de puja, lá dentro as luzes brilhavam em cada nicho: incenso, velas, sinos tocando. A noite nesses templos antigos de mais de dois mil anos é impressionante. Velhos vestidos de alaranjado tocam sinos, rodeiam o templo, cantam mantras. O som dos sinos atravessa todos os labirintos do ouvido, estremece o corpo, retorna a alma para um passado remoto. Chocalhos, sinos reverenciam os deuses.

Benares nos remete ao passado, mas também, de maneira às vezes violenta, nos traz de volta ao presente.

O presente é aquele falso brâmane cantando mantras, colocando flores no pescoço dos estrangeiros, propiciando um momento de encantamento para depois exigir dinheiro, comercializando os momentos de devoção. “A corrupção do ótimo é o péssimo” já dizia meu marido. Agora estou vendo pela própria experiência o ótimo se transformar em péssimo. O

episódio do macaco culminou com a nossa vinda para a Fundação Krishnamurti numa decisão irrevogável. Estava exausta, queria descansar, a experiência dos falsos brâmanes me deu consciência do outro lado de Benares, aquele que explora os turistas incautos.

Quando subia as escadarias que levam a um templo junto ao Ganges, senti dor no peito, um sentimento de pesar bateu fundo dentro de mim. Não consegui seguir o caminho, parei junto a uma loja de discos, vídeos, perfumes, pós de sândalo, cassetes. “Não consigo subir, vou parar aqui!”. O jovem comerciante ofereceu-me chá, colocou uma música relaxante, tratou-me com o carinho de um filho. Estava tão exausta que não podia mais dar um passo. A lojinha parecia um templo e o comerciante era um ser humano com a mente compassiva. “A senhora pode ficar, não vou exigir dinheiro...”

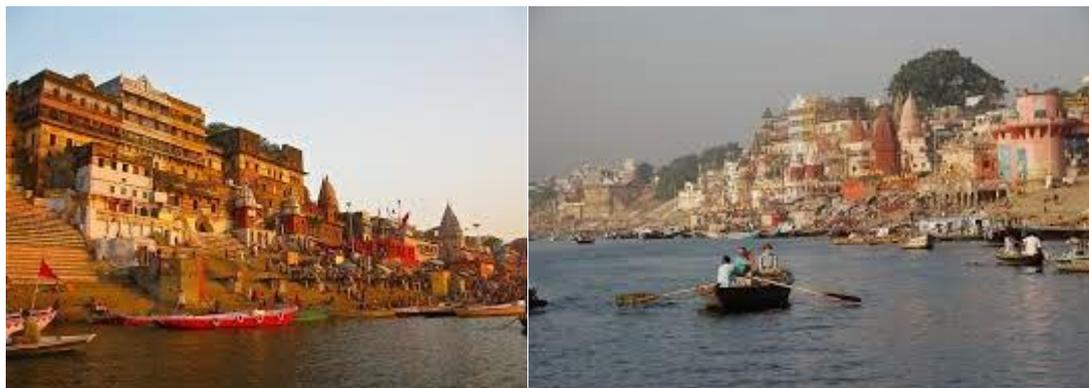
O contraste entre os falsos samurais e a compaixão do jovem comerciante me ajudou a respirar melhor. Mas, as experiências não terminaram. Neste mesmo dia, caí na escada do hotel, fui descansar em meu quarto. Dormi algum tempo, mas acordei com um barulho na janela. A cortina mexia e uma cara preta começou a surgir devagarinho pela fresta. De súbito um imenso macaco pulou no meu quarto. Havia uma bandeja com frutas e o macaco cobiçava as minhas bananas. Fiquei um instante paralisada, depois gritei com todas as forças do meu peito. “Help me, a monkey in my room!” O macaco olhou para mim com os olhinhos miúdos. De corpo inteiro com uma enorme cauda, parecia um monstro. “Help me”, gritava eu. Naquele momento eu precisava fugir mas não sabia onde estava a chave do quarto. “Help me!” Aterrorizada a minha voz ressoava pelo hotel. “There’s a monkey here!” O macaco parou e arrepiou inteirinho. Olhou para mim assustado e desistiu de roubar as bananas. Pulou pela janela, de volta aos terraços de onde viera. Os empregados do hotel vieram me ajudar, o dono do hotel se desculpou dizendo que era a segunda vez em treze anos que um macaco entrava num quarto. Eu não quis saber de nada, nem mais um dia aqui! (Trecho de diário de Viagem à Índia).

18 de novembro de 2014



(Foto Maurício Andrés)

## MEMÓRIAS DE BENARES



(Fotos: internet)

Hoje amanheceu chovendo – Benares com chuva significa barro, a poesia das ruas saindo nas enxurradas, carregando o lixo da beira das estradas. O movimento de gente diminui, as pessoas se recolhem. Também nós dedicamos mais tempo para escrever cartas e as páginas do diário vão descrevendo as impressões.

Hoje conseguimos descobrir o professor de sânscrito, da Universidade de Benares. Desde que aqui chegamos colocamos em mente esse objetivo. Agora ele está em nossa frente. Chegou envolvido num manto de lã. Foi amável e receptivo.

O professor é graduado, renomado, cheio de títulos. A casa é pobre, uma indiana veio nos receber, sem falar inglês. Passamos por roupas no varal e agora aqui estamos num espaço que é sala e quarto ao mesmo tempo. O professor de uns cinquenta anos escuta atento a uma jovem brasileira cantando de cor os mantras em sânscrito. Está admirado de alguém dedicar tanto tempo à sua cultura.

A cultura milenar da Índia pertence à humanidade, é necessário que se faça urgentemente a integração.

O professor foi-nos recomendado por um jovem médico de Delhi. As coisas se relacionam e as descobertas que fazemos na vida vêm todas do aparente acaso. Agora descobro que estão programadas. Foi preciso que eu chegasse exausta em Delhi, com dor na coluna; foi necessário me submeter à massagem Ayurvedica para curar a dor nas costas. De repente, me vejo em Delhi, três mulheres jogando um óleo quente no meu corpo, como se eu fosse um sorvete com calda de chocolate. Uma hora todos os dias para curar a dor na coluna. Enquanto isto, minha filha lá fora conversava com o jovem médico. Foi aquele médico que nos apresentou a este professor de Benares.

Volto novamente para o presente. O professor vai viajar amanhã, mas reservou a

tarde de hoje para nos ajudar. Meu pensamento voou para longe, lembrando a integração Oriente-Occidente, mas um ratinho me puxou para o agora. Passou com aquela rapidez própria dos ratos, por debaixo dos meus pés. Meu corpo arrepiou todo, dei gritos irreprimíveis enquanto o professor dava risadas. “Amigo de Ganesh”, minha filha disse. Olhei para o quadro de Ganesh na parede. De fato, na Índia, ninguém gosta de fazer maldade com os animais. O ratinho parecia familiarizado com o quarto, subiu até na cama do professor! (trecho do diário de viagem à Índia, 1996)

12 de novembro de 2014

## KRISHNAMURTI FOUNDATION VARANASI



(Foto: internet)

Vimos para este lugar maravilhoso, um oásis no meio da confusão de Benares. Estamos alojadas numa cottage, com uma varanda dando para um bosque. Lá embaixo o rio Ganges continua trazendo as memórias dos conflitos das cidades e banhando de paz as encostas, as praias e os diversos “Ghats” onde os devotos de banham. Em suas águas deposito as experiências, sejam elas boas ou más. O presente só me fala de paz, compaixão, amor. Lembro-me do Dalai Lama – “os nossos inimigos são os nossos maiores amigos, pois nos trazem problemas” e, sem problemas não podemos crescer.

Os problemas de Benares me trouxeram a Ragport, onde está situada a sede do Krishnamurti Foundation.

Aqui a vivência do agora é tranquila, cheia de beleza. Aqui é o ponto de encontro de viajantes, daqueles que caminham sozinhos, não pertencem a organizações. Vêm de todas as partes do mundo. Krishnamurti foi realmente o mestre internacional. Para ele não existiam fronteiras; viajava do Oriente para o Ocidente espalhando sua mensagem. Derrubava as divisões que separam os homens. “You are the world”, dizia. Não existe separatividade entre o observador e a coisa observada. Se entrarmos em união com o canto dos pássaros, com o verde da natureza, o rolar das águas, o barulho das cidades, a massa humana passando nas ruas nas horas do “rush” nos sentimos parte deste todo como participantes incógnitos da música coletiva.

Uma indiana simpática nos recebeu. Chegamos cheias de malas e pacotes. Conteí o episódio do macaco e a decisão rápida de vir para aqui.

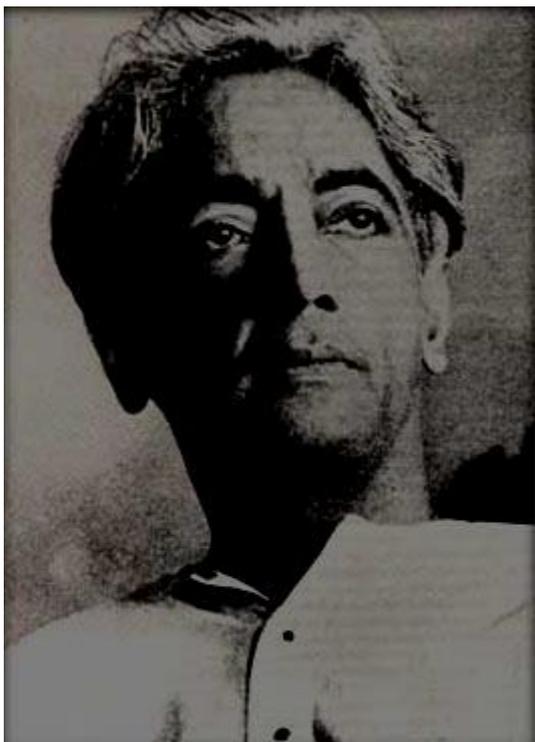
Krishnamurti sempre tem sido o meu refúgio nas longas viagens. Ele foi o primeiro que teve a coragem de romper com todos os “ismos”. Em 1974, comprei um livro de Krishnamurti “A Primeira e Última Liberdade”. Achei-o no aeroporto de Belo Horizonte e fui

lendo o livro sem parar até Brasília. Continuei lendo pela madrugada até o dia amanhecer. Quando o sol foi surgindo, rompendo as névoas da madrugada, abri a janela do quarto. Minha cabeça mudara, a minha percepção sensorial aumentara.

A partir desse dia a minha ligação com Krishnamurti se manifesta de forma independente, sem pertencer a nenhum grupo, mas sempre encontrando por acaso os meus irmãos espirituais, seja no Brasil ou na Índia. Eles me recebem com a maior cordialidade. As portas se abrem, as divisões não existem. Nossa chegada a Rajgath, a permanência nesta cottage toda pintada de cores claras, com uma varanda de onde escrevo ou desenho, o silêncio do bosque somente cortado pela música da natureza, o vento, os pássaros cantando, as trepadeiras, os vasos de flores e um pavão tranquilamente circulando por entre as árvores, tudo isto constitui no momento o meu oásis. Aqui tenho possibilidade de estar só e refletir.

1 de dezembro de 2014

## VISITANDO ESCOLAS DE KRISHNAMURTI



(Fotos da internet)

Nas escolas de Krishnamurti, onde fui convidada a proferir palestras sobre cultura brasileira, encontramos um programa educacional que visa a preparar o jovem para atuar no seu meio de forma consciente. O aprendizado envolve tarefas do dia-a-dia, feitas com plena atenção e responsabilidade, aliadas ao esporte, caminhadas e toda a sorte de artesanato.

“O propósito, o objetivo e o direcionamento destas escolas é o de preparar a criança, com a maior competência tecnológica, para que ela possa atuar com clareza e eficiência no mundo moderno, e, o mais importante, criar um ambiente adequado para ela se desenvolver como um ser humano total” (Krishnamurti)

As principais características da filosofia educacional das escolas de Krishnamurti podem se resumir nos seguintes princípios.

- 1) Educar o ser humano como um todo;
- 2) Despertar o amor pela natureza e respeito por todas as formas de vida;
- 3) Criar uma atmosfera de amor e ordem sem medo ou falta de limite;
- 4) Não condicionar a criança a nenhuma crença particular, seja ela religiosa política ou social. Sua mente deverá estar livre para indagar sobre as questões fundamentais da vida, aprendendo por si mesma;
- 5) Ensinar sem o objetivo de recompensa, punição ou comparação.

Krishnamurti enfatizava em suas palestras a importância de manter a mente em constante estado de aprendizado, sempre receptiva, para perceber o novo que surge a cada instante, e não cristalizada no passado. O incentivo dado a essa atenção ao momento presente conduz o aluno a uma curiosidade de aprender de forma direta e se interessar por tudo o que vem acontecendo no planeta.

Krishnamurti sempre ressaltou a importância do autoconhecimento em todas as situações do dia-a-dia, tanto do aluno como do professor. É de dentro de si mesmo que a criança vai buscar o seu caminho para atuar no mundo com plena consciência. O professor deixa de ser aquela figura autoritária, para compartilhar com o aluno suas descobertas, estimulando-o a chegar às suas próprias conclusões.

Durante minhas viagens, sempre permanecia algum tempo no KFI (Krishnamurti Foundation Índia), em diferentes cidades como Madras (atualmente Chennai), Benares e Uttar Kashi. Nesses centros de divulgação de livros e vídeos de Krishnamurti, qualquer pessoa encontra receptividade, desde que esteja seriamente interessada no aprendizado de suas ideias. Existem vários centros de divulgação da obra de Krishnamurti espalhados pelo mundo, na Índia, EUA, Inglaterra, Suíça e em Tiradentes, no Brasil.

Jiddu Krishnamurti nasceu na Índia, mas foi educado na Inglaterra. Seus ensinamentos destinam-se ao mundo e podem ser apreendidos por qualquer pessoa que já esteja preparada para ser seu próprio mestre.

Falando ao ar livre para um grupo de jovens, Krishnamurti se assemelhava ao filósofo grego Sócrates, nascido 470 anos antes de Cristo. Ambos tiveram a mesma atitude corajosa para apontar os erros do apego às tradições religiosas e aos costumes da sociedade.

De Sócrates recolhemos algumas citações:

Sábio é aquele que conhece os limites de sua própria ignorância.

Todo o meu saber consiste em saber que nada sei.

Conhece-te a ti mesmo e conheceréis o universo de Deus.

Sócrates estudava a essência da alma humana, seu método de transmitir sabedoria era o diálogo. Os ensinamentos de Sócrates, dirigidos sempre para o autoconhecimento se aproximam de forma direta dos ensinamentos de Krishnamurti. Tanto Sócrates como Krishnamurti amavam a natureza e suas aulas eram administradas debaixo de árvores.

1 de julho de 2010

## ENCONTROS NA ÍNDIA



Nas minhas viagens à Índia costumava me hospedar em Adyar, onde está situada a Fundação Krishnamurti. Ali estive várias vezes estudando os ensinamentos do grande mestre indiano.

Em 1993 conheci o médico de Krishnamurti.

Sentou-se ao meu lado no refeitório, queria saber sobre o Brasil, nosso povo, o governo (as notícias de Collor atravessaram as fronteiras através da BBC). Interessou-se por minha pesquisa de aproximação Oriente- Ocidente, estava aberto a me escutar.

Não precisei marcar consulta. Ele me atendeu ali mesmo, debaixo da árvore, deu-me exercícios para a coluna. Eu estava viajando o tempo todo com um problema no ombro esquerdo devido a um acidente no Brasil (frozen-shoulder). O Dr. Parchure acompanhou Krishnamurti em suas viagens, aliviando-lhe as tensões da coluna com massagens e exercícios corporais. As pessoas que conviveram pessoalmente com Krishnamurti conseguiram alcançar um plano de intuição bem desenvolvido e aquele médico estava me dando conselhos importantes para seguir viagem.

Mais tarde o secretário da Fundação Krishnamurti me procurou. Organizou, a meu pedido, uma dinâmica de grupo, e, sentados no grande salão central do edifício, discutimos sobre a violência. A violência não é uma coisa à parte, exterior a nós, ela está dentro de cada ser humano, vem à tona sempre que o ego é atingido por algum desafio, seja uma palavra ou uma ideologia contrária à nossa. Reagimos violentamente quando nossas estruturas de segurança se sentem atingidas. A violência está na raiz de nossa própria mente e a única forma de não compartilhar com a violência do mundo é observar seus movimentos dentro de nós mesmos, sentir o sangue esquentando nas veias quando a pessoa ao lado atinge o nosso ego.

Esses exercícios de dinâmica de grupo eram feitos periodicamente entre jovens e

adultos, afim de facilitar o relacionamento humano.

Em seguida, um artista de Kerala que estava me fazendo massagens, convidou-me para fazer palestras sobre arte em sua escola em Cochim, cujo tema seria a integração cultural entre os ensinamentos dos mestres orientais e o desenvolvimento artístico do mundo ocidental.

“Cada um de nós foi chamado para desenvolver um trabalho em determinado raio”, nos diz ele. “Ninguém é perfeito. Somos seres humanos diferentes e a iluminação não é privilégio nem do Oriente nem do Ocidente. O importante é estar aberto para a intuição, o chamado interno que nos chega a cada instante”.

Realmente, é preciso ultrapassar os limites do pensamento lógico para que a mente compassiva possa se manifestar. Quando alcançamos a mente compassiva, os apegos e aversões se diluem.

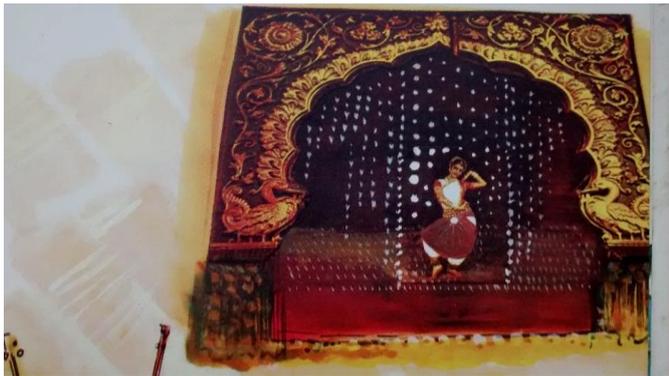
“Estou sentindo uma vibração muito boa, vinda de você, deve ser de outras vidas”, me disse ele. A lei do Carma promove o encontro com alguém ligado ao nosso passado, apenas para nos dizer uma palavra e nos olhar de forma compreensiva e amiga. Neste momento, não existe separação de raça, credo ou sexo. Não existe Oriente-Occidente, norte ou sul. Somos habitantes do mesmo planeta e estamos sendo tocados pelo mesmo chamado interno...

19 de outubro de 2015



(Foto: autor desconhecido)

## KALAKSHETRA, UMA ESCOLA DE DANÇA



(Foto: autor desconhecido)

Em Madras, sul da Índia, entramos em contato com a famosa escola de dança, Kalakshetra.

A dança na Índia expressa simbolicamente o desejo da alma individual de alcançar a Unidade com o infinito, ou a Alma do Universo. Através da música e da dança esse objetivo é alcançado e o estado de Ananda, ou Bem-aventurança, vivenciado pelo dançarino ou o músico, é transmitido à plateia. Os yogues se tornam Um com o universo através da meditação. Os músicos e dançarinos também realizam essa união, conjugando o movimento do corpo com a vibração do som.

Antigamente os espetáculos de dança não se realizavam em teatro, mas nos templos, porque a dança era a mais bela forma de reverência aos deuses. Rukmini Devi, criando a Kalakshetra, buscou reviver o espírito dos antigos rituais onde as cenas do Mahabharata eram interpretadas em forma de dança e música no interior dos templos.

O Kalakshetra foi criado para expandir essa energia e todo ambiente dessa famosa escola de dança convidava o visitante a penetrar no universo mágico da arte. O impacto dos cânticos matinais debaixo da Banyan tree, com a presença iluminada de Shankar Menon, já nos dava o primeiro toque. Shankar Menon, por muitos anos, acompanhou Rukmini Devi, dando ao Kalakshetra a orientação espiritual necessária à compreensão da síntese Arte-Yoga.

Moças com sáris coloridos, tranças nos cabelos e rapazes vestidos de dhotis brancos cantavam juntos em homenagem a todos os mestres e todas as religiões.

Kalakshetra significa lugar sagrado de arte e a reverência pelo sagrado é sempre lembrada pelos professores.

Nas diversas cabanas cobertas de sapé com chão de cimento, os jovens iniciavam-se nas artes da dança e da música.

“Deixem do lado de fora os sapatos e com eles todas as suas tensões”, advertia o professor aos alunos.

Enquanto percorríamos as alamedas do Kalakshetra escutávamos batidas de percussão dentro de uma cabana de palha. Dez alunos buscavam interpretar os personagens mitológicos. O corpo teria de se afinar como um instrumento de música e responder aos sons com precisão e disciplina. Noutra cabana, um velho professor ensinava flauta para um pequeno grupo de jovens. Assentados à moda indiana, em cima de esteiras, eles escutavam atentamente os ensinamentos do músico.

A pessoa idosa na Índia é reverenciada como alguém que já encontrou a sabedoria.

O Kalakshetra foi criado para atender pessoas desde o jardim de infância até a mais avançada idade. Crianças, adolescentes, jovens e velhos convivem no mesmo espaço e são instruídos ou dão instruções, de acordo com a idade.

Há o momento de estudar, de seguir a rígida disciplina do músico e do dançarino; há o momento de interpretar, participar das coreografias, viajar, correr o mundo e se tornar um profissional da dança. De acordo com a idade, aquele que foi dançarino torna-se professor ou acompanha os grupos para o exterior. Mais tarde, de acordo com suas tendências naturais, ele ainda continua atuante e prestando serviços como relações públicas, recebendo os visitantes, dando entrevistas e informações sobre a história da escola. Rukmini Devi não descuidou de nada na criação de sua escola de arte e hoje, após sua morte ocorrida em 1986, sua obra continua viva na memória daqueles que tiveram a possibilidade de conhecê-la pessoalmente. O teatro criado por ela tem forma de templo e lá dentro o espectador participa dos eventos e penetra na verdadeira essência da arte, que é a de libertar a mente das tensões e conflitos e penetrar no recinto do sagrado.



26 de agosto de 2009

(Foto: autor desconhecido)

## VISITA AO ASHRAM DE RAMANA MAHARISHI



(Foto: Livro Pepedro nos caminhos da Índia)

O ashram de Ramana Maharishi, um dos maiores mestres da Índia, foi construído aos pés da montanha de Arunachala, deixando uma área central para as salas de meditação, o templo, as celebrações e os cânticos dos Vedas. As acomodações reservadas aos hóspedes são cabanas com dois quartos, banheiro e varanda. O refeitório fica junto da área central, e quando chegamos já era hora do jantar. Comemos assentados no chão de lajota, arroz muito apimentado servido em folhas costuradas em forma de prato. Usamos a mão direita para comer, segundo antigos costumes da Índia. Ali não existiam garfos nem colheres. Do lado de fora da sala de refeições, um grupo de macacos disputava os pedaços de chapati que sobravam dos pratos. Agarravam-se às grades das janelas e ficavam esperando que sobrasse alguma coisa para eles.

As construções na Índia dão muito valor ao espaço aberto. Há sempre jardins com árvores ladeando os templos, as escolas ou os edifícios públicos.

Recuando para um pequeno muro de pedra podíamos ver o ashram com suas palmeiras, o lago onde os indianos vinham banhar-se e os pavões coloridos, tranquilamente pousados sobre os telhados. As vacas atravessavam as ruas em passos vagarosos e os carros paravam para deixá-las passar. “Please horn” (por favor, buzine). A buzina também fazia parte do burburinho da Índia. Dentro do ashram, pés descalços, fizemos silêncio. Esse silêncio era necessário para entrarmos em nosso espaço interno.

Os swamis passavam espontaneamente os ensinamentos de Ramana para o visitante. Levaram-me à presença de um swami de 80 anos de idade. Sentei-me em frente a um homem de pele morena e cabelos brancos. Durante uma hora ele não disse uma só palavra, mas a sua Luz irradiava Paz e Sabedoria. O silêncio ensina mais do que as palavras. Os monges trapistas cristãos fazem voto de silêncio e as carmelitas também. Lembrei-me da mensagem de uma carmelita francesa transmitida em seu pequeno livro intitulado “Os doze graus do Silêncio”:

“A vida interior poderia constituir nesta única palavra: Silêncio”. Essa mensagem me fez refletir sobre a Unidade existente entre os monges cristãos, mergulhados na contemplação e os yogues, recolhidos em meditação. Dentro de nós há uma energia, uma Luz que independe da forma externa. Quando nos ligamos a ela, ou nos perdemos nela, saímos fora do tempo e do espaço. Ela simplesmente existe. A Paz, a Beleza e o Amor, estão dentro e fora de nós.

Ramana estimulava o autoconhecimento e dava como mantra a ser repetido a indagação:

QUEM SOU EU?

Extraído do livro “Encontro com Mestres no Oriente” de Maria Helena Andrés, Editora Luz Azul, BH, 1993

15 de junho de 2009

## SRI AUROBINDO, ARTE E EDUCAÇÃO NA ÍNDIA



(Foto de Maurício Andrés)

As praias de Pondichery, Índia Francesa, assemelham-se ao nordeste brasileiro, com seus pescadores recolhendo redes. Auroville, cidade Aurora, situada perto de Pondichery e construída sob a orientação da UNESCO, reúne oriente e ocidente dentro da filosofia de Sri Aurobindo. Foi inaugurada como símbolo da Unidade Humana e Fraternidade Universal.

Em 1978, levando comigo uma carta de apresentação do secretário de Educação de Belo Horizonte, tive acesso às escolas do ashram, ou comunidade espiritual, de Pondichery onde, em 1951, foi inaugurado o Sri Aurobindo International Center of Education. Essa escola visa antes de tudo uma educação para a vida, dando às crianças a possibilidade de opções, de autoconhecimento e auto realização. O professor tem como princípio fundamental não ensinar, mas despertar aquilo que já existe na criança em estado latente. Ele não traz normas de fora, nem impõe conhecimentos, mas é apenas um guia que orienta e conduz.

O sistema de educação é livre, respeitando a vocação e a individualidade da criança. Parte-se do princípio de que as crianças não são iguais e, portanto, têm de ser guiadas individualmente. Para cada personalidade há um meio de orientação. O professor não se coloca como autoridade, mas convive de modo amigável com os alunos como um companheiro deles

As aulas começam com música para o relaxamento do corpo e da mente. As artes ocupam o lugar de destaque no crescimento da criança, para ajudá-la espontaneamente ao encontro consigo mesma. Aprende-se dança, música, pintura construção. A finalidade da educação é o encontro com as raízes mais profundas de ser, preparando a criança para o futuro.

Há professores para as matérias e outros para guiá-las nos deveres de casa. A

ênfase maior está na concentração, que varia de acordo com a necessidade de cada um. É preciso saber o que interessa a cada aluno para manter a mente concentrada. As matérias são dadas com jogos criativos, com a experiência direta ou através da compreensão da vida, conforme nos explicaram. Algumas crianças precisam ver plantas e animais ao vivo para se interessarem, outras se concentram apenas com a explicação teórica. O importante é manter sempre a concentração, e essa só pode vir quando a criança está interessada no assunto.

No quadro negro do ashram, estava escrito um poema de Sri Aurobindo, mostrando a importância da libertação da mente dançarina para entrar no silêncio do coração. O silêncio é necessário para o aprendizado de vida das crianças daquele ashram.

“Sri Aurobindo inspirou, com sua vida e suas ideias, tanto a criação de Auroville, como o movimento do Federalismo Mundial, que dissemina o ideal da unificação política da humanidade. Nascido em 1872 em Calcutá, Aurobindo passou dos 7 aos 21 anos na Inglaterra, onde tomou contato com a cultura e as ciências ocidentais. Na primeira década do século XX, participou ativamente dos movimentos políticos nacionalistas indianos pela independência; ficou preso durante um ano, ocasião em que teve a oportunidade de aprofundar sua prática de ioga. Em 1910, partiu para Pondichery, na Índia Francesa, onde produziu a maior parte de sua obra. Ali, passou por experiências espirituais com ioga e a superconsciência. Em 15 de agosto de 1947 data de seu aniversário, a Índia alcançou a independência. Segundo Sri Aurobindo, as escalas de organização coletiva humana vão se ampliando: a família, a nação que ainda hoje é imperfeitamente realizada e, por último, a união mundial, na qual se desenvolvem trabalhos pioneiros.” (Maurício Andrés Ribeiro, Tesouros da Índia para a civilização sustentável, Editora Rona/Santa Rosa Bureau Cultural, 2003; disponível para download em <http://www.ecologizar.com.br/>).

10 de dezembro de 2010

## ARTE E EVOLUÇÃO HUMANA NO ASHRAM DE SRI AUROBINDO



(Foto: autor desconhecido)

Em 1979, visitei uma comunidade na Índia cujo modo de viver tem atraído pessoas de todo o mundo. Seu fundador, Sri Aurobindo, foi o pensador oriental que mais se aproximou de nossa civilização. Procurava um entrosamento das ideias espiritualistas do Oriente com o dinamismo progressista do ocidente. Sua filosofia, baseada na evolução, prevê a transformação do homem acreditando que “por detrás da inteligência existe em todo o ser humano outra ordem de consciência ainda oculta, que espera o momento de surgir.”

A insatisfação do homem, seu desejo de progredir, é uma prova disto. Essa sede de progresso que nos impulsiona para a evolução não se prende apenas ao raciocínio lógico, mas o ultrapassa. A evolução, processada anteriormente pelas forças da natureza, seria realizada agora conscientemente, no próprio homem, através de práticas, exercícios e o desenvolvimento de suas energias internas.

Tendo sido educado na Europa e conhecendo bem a civilização ocidental, Sri Aurobindo considerava impossível dominarmos as conquistas da ciência e da técnica sem a ajuda de um poder maior do que a inteligência. O desenvolvimento interior através da ioga integral viria despertar nossas potencialidades adormecidas, conduzindo-as à ação. A busca e a educação dessas energias existentes em todo ser humano são formas de atividade que identificam a filosofia do mestre. Tornar consciente o que está inativo e forçá-lo a atuar, despertar, discernir, desapegar-se, agir, purificar-se e evoluir. A transformação se realizaria inicialmente em cada pessoa que já estivesse preparada, mais tarde atingindo a todos. Essa evolução para um plano mais alto de existência se efetuaria normalmente através do desenvolvimento das aptidões de cada um, considerando-se que o trabalho feito com amor conduz ao aperfeiçoamento da pessoa. Qualquer forma de atividade pode ser

considerada veículo de evolução. O trabalho assim realizado prevê a ajuda mútua e o espírito comunitário. O trabalho feito com idealismo transforma e purifica o homem. A vocação já é o chamado para a evolução. Bloqueá-la significa atraso.

A criatividade também ajuda a despertar as energias interiores. Através dela, usamos a intuição que nos conduzirá à descoberta da realidade interna. O exercício da criatividade, em todos os seus aspectos - científicos, filosóficos, artísticos - ajuda em nossa integração, conduzindo-nos a planos mais altos. É necessário despertá-la por meio da arte na educação e do incentivo aos artistas e pesquisadores. Mas a evolução exige o aperfeiçoamento total do homem. Baseado nisso, Sri Aurobindo incentivou o esporte, acreditando que o corpo deveria se fortalecer para ajudar na transformação espiritual que se processaria através dele. Suas ideias unificam matéria e espírito. O progresso tecnológico avança, impulsionado por outras forças que ultrapassam as dimensões da inteligência e do raciocínio lógico. Dentro desse impulso totalizante e unificador, o homem crescerá em direção à sua evolução.

A experiência comunitária de Sri Aurobindo apoiada pela UNESCO traz-nos a mensagem de esperança. Suas ideias, aliando a agudeza do ocidente com a iluminação do oriente, conduzem-nos à reflexão. Nossas forças também poderão ser dirigidas e transformadas para que o homem do futuro possa encontrar uma humanidade melhor.

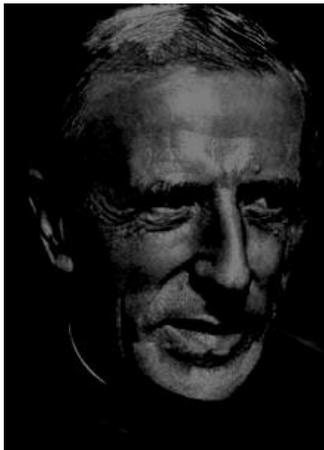
A partir de suas ideias de Unidade Planetária, foi construída a cidade de Auroville (Cidade Aurora) sob o patrocínio da UNESCO. No Brasil as ideias de Sri Aurobindo foram propagadas em Belo Horizonte e Salvador, na década de 70, por Rolf Gelewski, que ensinava através da dança, um despertar do Yoga Integral.

29 de junho de 2011



(Foto de Maurício Andrés)

## TEILHARD DE CHARDIN, UM CAMINHO PELO ESPAÇO



(Foto: internet)

As ideias evolucionistas de Sri Aurobindo encontram ressonância no grande filósofo católico Teilhard de Chardin. O diálogo entre o Oriente e o Ocidente abre-se a um plano espiritual único. Buscando o conhecimento da Verdade surgiram ao mesmo tempo, em lugares diferentes, dois pensadores cujas ideias contêm a mesma previsão para o futuro da humanidade. Esses dois homens não tiveram contato entre si, viveram em mundos separados, herdeiros de tradições diversas, mas receberam ao mesmo tempo a mesma intuição.

A evolução cósmica, que se processa no universo em movimento à procura de maior consciência e organização, a evolução da vida, do pensamento e do homem é o princípio básico da filosofia de Sri Aurobindo e Teilhard de Chardin.

Um núcleo da Verdade Universal está em nós e é despertado quando o procuramos. É ele que nos faz achar, em meio à multiplicidade de costumes, de línguas, de tradições, de raças e pensamentos, a Unidade do Ser. Do Oriente ao Ocidente, o mesmo núcleo impulsiona uma só voz.

Teilhard fala do advento de uma super-reflexão que levaria o homem a uma plataforma superior. Essa evolução não estaria distante de nós, mas se realiza num futuro próximo. A evolução seria acelerada dentro de pouco tempo, até atingir o ponto Ômega. Então a humanidade formaria um todo consciente de si mesmo, englobando as conquistas materiais da técnica e da ciência. Elas não seriam recusadas nesse plano evolutivo, mas seriam integradas e espiritualizadas. Teilhard não considera o ser humano como o ponto final da evolução, mas ela continua seu processo através do homem, conscientizada e engrandecida por ele.

Segundo o pensamento de Teilhard de Chardin, o homem é o encarregado de irradiar e projetar a evolução. Esse homem novo, que os dois grandes pensadores do Ocidente e

do Oriente assinalaram em suas reflexões, não está longe de nós, mas já começa a existir. Há uma onda de consciência que nos impulsiona para o alto. Sentimos o despertar da intuição na busca dos valores espirituais.

O Eu Superior revela-se, não somente para os orientais mergulhados em meditação, mas já começa a ser uma realidade para o Ocidente. Há uma inquietação agitando a juventude, a necessidade de quebrar tabus, ultrapassar situações e superar o cotidiano. Muitos, angustiados na escuridão da procura, entregam-se às drogas, procurando através delas alcançar a transformação. Mas a evolução não se processará artificialmente. A ascensão do homem para um plano mais elevado será feita, conscientemente, com seus próprios recursos interiores. Um impulso de dentro nos conduzirá, aceleradamente, como uma flecha para o alto.

A conquista do espaço e a consciência da existência de outros mundos habitados, significa um imperativo na escala evolucionista, um salto para o futuro e já constitui, de certo modo, o início do movimento acelerado que nos está atingindo.

O caminho das estrelas só poderá ser conquistado pelo homem realmente integrado e evoluído. Incentivado em sua criatividade, iluminado espiritualmente, ele avançará em sua totalidade de corpo e alma para os planos mais elevados. Estamos sendo conduzidos ao testemunho de que energias unificadoras formarão um só caminho, o do homem terrestre chamado a agir, dentro de seu plano e com seus recursos criadores.

Desenvolvendo sua própria criatividade, o homem se elevará do caos para a harmonia, da violência para a serenidade, da competição para a compreensão, da diversificação para a Unidade e do individualismo para a Totalidade.

17 de dezembro de 2010



(Foto da internet - telescópio Hubble)

## MUSEU SHANKAR



(Foto: autor desconhecido)

Hoje, comemorando o dia da criança, resolvi postar uma parte do meu diário de viagens à Índia, que relata a minha visita ao Museu Shankar, voltado para o público infantil.

“O museu Shankar é um prédio enorme, situado numa das avenidas de N. Delhi. Salões, bibliotecas, imprensa, publicações, tudo dedicado à criança, num intercâmbio com todos os países do mundo.

Os indianos procuram estudar através da criança os costumes dos outros povos, promovendo exposições internacionais. O diretor do museu nos leva às diversas salas e percorre conosco o interessantíssimo museu de bonecos. Há bonecos de todas as raças, de todas as cores, vestidos de acordo com as características de cada nação. Holandeses de tamancos, russos calçados de botinhas de couro, japonesinhas ricamente adornadas.

Percorremos o imenso salão onde a criança pode ver uma síntese do planeta em que vivemos e de seus costumes tão diferentes. A indumentária revela de certo modo tradições e costumes, o requinte ou a sobriedade, as condições de clima, o adiantamento ou primitivismo de cada região da terra. Alguns bonecos mexem-se, outros sorriem, alguns são pobres, despojados, outros se cobrem de jóias. O interesse da criança pelos bonecos é fenômeno comum, mas os bonecos variam e as crianças do globo também. No Museu Shankar eles se encontram. Uma espécie de liga das nações. Se pudessem falar, contariam histórias pitorescas e divertidas, mas assim mesmo, em silêncio, testemunham os contrastes de cada pedaço da terra. No setor indiano, Ghandi é rememorado em tamanho reduzido, liderando uma multidão de indianos vestidos de branco. Sem cartazes alusivos nem discursos históricos, o conjunto de Ghandi revive as pregações do grande líder em torno da não violência.

Num dos salões, bonecos mostram uma das danças tradicionais do sul da Índia,

Kathakali, com seus trajes esplêndidos. Outras bonecas mostram crianças japonesas, e um grupo mostra a coleção da rainha (Reino Unido). Há bonecas da Hungria, de Kabuki e de Samurai no Japão, da dança flamenga na Espanha, da orquestra de mulheres da Tailândia, etc. O museu começou com mil bonecas. Entre 1965 e 1987, 5.000 foram adicionados. Atualmente o número de bonecas chega a 6.500, provenientes de 85 países.”

12 de outubro de 2015



(Foto: autor desconhecido)

## ESCOLA DOS OLHOS PERFEITOS



(Ilustrações de Maria Helena Andrés)

Encontrei entre os meus guardados essa carta para os meus filhos quando estava na Índia. Resolvi divulgá-la, porque tem informações importantes.

“Queridos filhos, querida mamãe,

O nome do lugar: “School of the perfect eye”. Em português: “Escola dos olhos perfeitos”.

Sim, o olho é uma coisa que precisa ser perfeita. Há tanto o que se ver no mundo e, com o olho imperfeito, a gente começa a ver tudo sem colorido, meio embaçado. Assim estava eu. Entrei na tal escola em Pondichery. Estou fazendo um curso de relax nos olhos. Já ouvira falar a respeito. A gente fecha os olhos, balança o corpo feito relógio, encarando o sol da manhã com as pálpebras cerradas. Depois colocam algo meio amarelado dentro dos olhos, retirado do mel das abelhas. Colocam a gente recebendo vapor e piscando sem parar. Depois, relax com os olhos umedecidos por compressas durante 10 minutos.

O mundo está mudando, ficando tecnicolor... Como as árvores de Pondichery são verdes e o mar colorido! Saí sorrindo de lá, achando tudo bonito. Também meus olhos estavam tensos há tanto tempo! Não conseguia relaxá-los. Estou usando os mesmos óculos do Dr. Hilton mas, depois da morte do Luiz e das tensões e dos choques seguidos, passei a ver o mundo quase em preto e branco, por dentro e por fora. Agora, com este

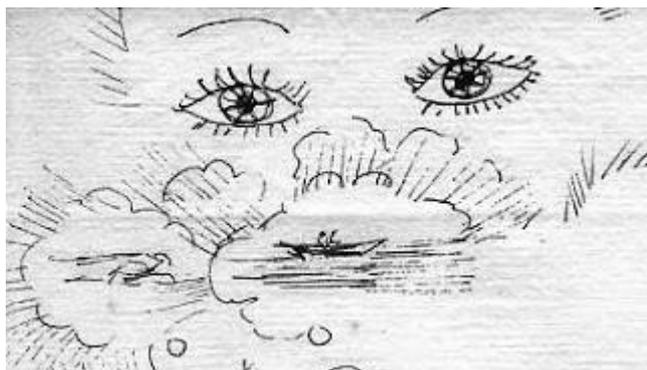
tratamento, mudei de televisão. Faz gosto olhar o mundo com olhos relaxados, é outra coisa. Há gente nesta escola que faz treino para tirar definitivamente os óculos. Pedi muito para não modificar o grau dos meus, para não ter problemas. Quero conservar meus óculos, mas ver tudo mais bonito... Estou começando agora, talvez volte aqui para continuar o tratamento. Vale a pena.

Lembro de uma trova que a mamãe ensinava para a gente: “Quem sofrer dos olhos, comer formiga aos molhos...”

Aqui não é formiga não, é relax e mel de abelhas.

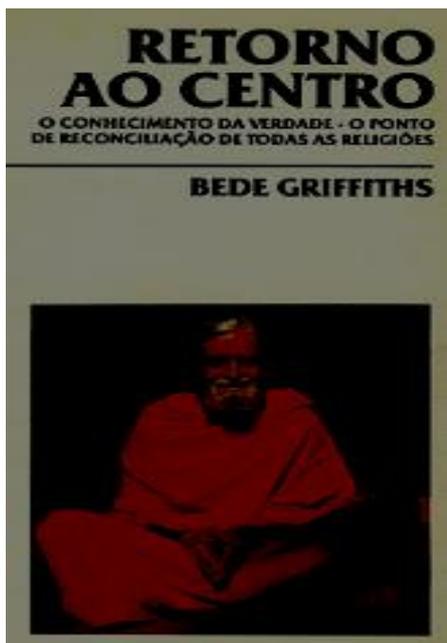
Abraços,  
Helena”

1 de setembro de 2015



(Ilustrações de Maria Helena Andrés)

## MEU ENCONTRO COM O MONGE BENEDITINO BEDE GRIFFITHS



(Foto: internet)

Saí de Bangalore para Mysore, sul da Índia, com meu filho Maurício, com intenção de parar no caminho para conhecer o ashram (mosteiro) fundado por Bede Griffiths.

Foi uma tarde memorável que passamos em sua companhia. Ele me pareceu um ser humano fora do comum. Ali pudemos escutar um pouco da sua história e de seus ensinamentos holísticos.

Já à tardinha, quando nos preparávamos para tomar chá, avistamos no horizonte o ônibus que deveríamos tomar. Apressamo-nos nas despedidas.

A grande surpresa foi quando já estávamos assentados para partir, Bede Griffiths acenou para o motorista aguardar. Vinha com duas xícaras do chá que acabara de preparar para nos oferecer.

O motorista, pacientemente, esperou...”

Seguimos viagem pensando na possível integração do Oriente com o Ocidente, fruto da nossa conversa com Bede Griffiths.

Nascido perto de Londres, numa típica família inglesa de classe média, Bede Griffiths foi educado dentro da Igreja Anglicana.

Mais tarde, ao cursar a Universidade de Oxford, perdeu a fé religiosa inicial e tornou-se um agnóstico. Como tantos de sua geração, desiludiu-se com a sociedade industrial capitalista da época e, em 1930, lançou-se com um grupo de colegas numa experiência de vida comunitária numa aldeia inglesa, abandonando luxos e confortos.

Foi então que começou a ler a Bíblia e outros livros religiosos e voltou à oração,

assentando sua fé em bases novas e mais profundas. Redescobriu o cristianismo, depois de longo conflito interior; vencendo os preconceitos anticatólicos que ainda existiam na Inglaterra, entrou para a comunidade beneditina da Abadia de Prinknash e chegou a ser prior da Abadia de St. Michael.

Foi pioneiro em sentir a atração da filosofia da Índia, muito antes da onda de orientalismo que levou tantos jovens a buscar e seguir gurus.

Em 1955, partiu para a Índia onde contribuiu para a fundação do ashram de Kurisumala, que tinha sido iniciado por dois monges franceses.

Criou depois o Ashram de Sachidananda, uma experiência bem-sucedida de combinar o culto e tradições católicas com as práticas e filosofia da Yoga indiana.

Seu trabalho pioneiro tem sido seguido por muitos. Em Londres há um grupo ecumênico (Inter-Faith) promovido pelo Arcebispo de Westminster, que estimula a prática da meditação por vários caminhos e a cooperação com religiosos hindus, budistas e de outras religiões. Lá existem freiras católicas que praticam Yoga e há toda espécie de combinações inspiradoras entre os vários caminhos espirituais.

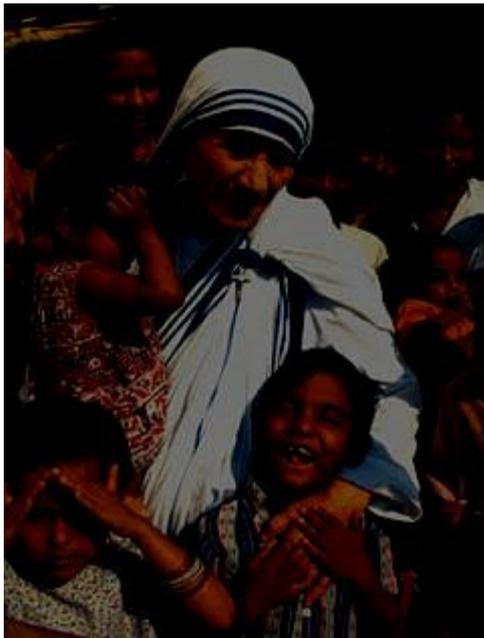
Anos depois, participei de uma meditação nesse ambiente, onde repetíamos o mantra “Maranata”, que significa em aramaico, Jesus Cristo.

Em seu livro “O Coração de Ouro” (1954), Griffiths conta a história de sua vida e conversão. Em seu outro livro “Retorno ao Centro: o conhecimento da verdade, o ponto de reconciliação de todas as religiões” (1992), considerado um clássico moderno da espiritualidade, ele nos oferece uma visão ecumênica, que leva até as últimas consequências a abertura às outras religiões. Esta visão ecumênica foi aprovada pelo Vaticano II em “Nostra Aetate”:

“Além de ser cristão, eu preciso ser um hindu, um budista, jainista, sikh, muçulmano e judeu. Só assim poderei conhecer a Verdade e encontrar o ponto de reconciliação de todas as religiões... É esta revolução que tem de se processar na mente ocidental. Há séculos ela se volta para fora, para o mundo dos sentidos e perde-se no espaço exterior. Precisa agora aprender a voltar-se para dentro e descobrir seu ser: empreender aquela jornada longa e difícil para o CENTRO, a profundidade interior do SER”.

(Resumo editado e extraído do livro Retorno ao Centro, IBRASA, S.P,1992 por Cecília Caram após depoimento de viagem de Maria Helena Andrés).

## MOTHER TERESA DE CALCUTÁ



(Foto da internet)

Teresa de Calcutá foi sem dúvida a grande presença cristã na Índia. “Mother Teresa”, como é conhecida, nasceu em Skopje, na Iugoslávia, em 1910. Desde cedo sua vocação religiosa manifestou-se através de um chamado interno para o serviço e a dedicação aos semelhantes. Tendo sido enviada para a Índia a fim de fazer o noviciado na congregação de Nossa Senhora de Loreto, a jovem irmã fez os votos de pobreza, castidade e obediência, em caráter de prova. Dedicou-se no início do magistério como professora do St. Mary’s High School de Calcutá. Um dia, viajando de trem de Calcutá para Darjeeling, irmã Teresa impressionou-se vivamente com a pobreza da Índia. Através das janelas do trem as cenas de pobreza desfilavam diante de seus olhos. Aspirando dedicar-se totalmente ao serviço social, irmã Teresa deixou suas atividades de educadora, para entregar-se de corpo e alma aos humildes. Ela cuidou daqueles que não tiveram teto para se abrigarem do frio, da chuva e das adversidades.

Nas ruas de Calcutá sentimos muito fortemente a sua presença, recolhendo crianças, leprosos e moribundos. Os mais pobres entre os pobres, são também os que sofrem o desprezo da sociedade. A fama de Mother Teresa estendeu-se pelo mundo. Agraciada com o Prêmio Nobel, ela destinou o dinheiro recebido às suas instituições de caridade.

Ultrapassando todos os preconceitos de casta ou qualquer fanatismo religioso, as missionárias de caridade, lideradas por Teresa, enxergaram no pobre o próprio Cristo. “O que fizerdes a um destes pobres e pequenos, a mim o fareis.”

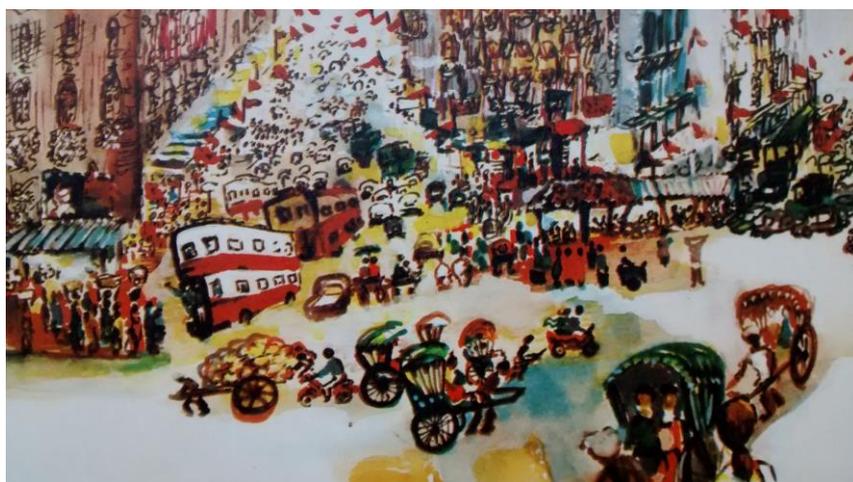
Mother Teresa tem grande respeito pelas crenças alheias. Sua tolerância religiosa é sustentada pela certeza de que Deus é o mesmo e pode ser encontrado através de qualquer religião.

A grandeza de atuação das missionárias de caridade alcança uma dimensão mais alta e mais abrangente, onde a separatividade dos conceitos mentais não tem entrada. Nesse espaço sem limites do Amor, as diferenças religiosas não existem. Todos são acolhidos como seres humanos na casa do Pai.

Há alguns anos atrás, quando um vendaval desceu sobre Bangladesh e matou centenas de pessoas, as missionárias de caridade, como um pequeno exército de anjos, vieram ajudar a enterrar os mortos.

Em 1979, quando estivemos em Calcutá, procuramos conhecer de perto o trabalho de Mother Teresa. As irmãs nos receberam com simpatia e as crianças da creche se acercaram de nós pedindo colo. Fomos ver o berçário. Havia 100 crianças, algumas encontradas nas ruas, outras filhas de mães solteiras. Ali chegavam crianças com problemas de alimentação, desnutridas. As jovens noviças substituíam o carinho materno que faltou a essas criancinhas. Havia uma alegria contagiante na fisionomia das irmãs e era justamente essa alegria que irradiava e enchia de Luz o ambiente. À tarde, quando as luzes da cidade começavam a se acender, elas reuniam-se para cantar Vésperas. Entramos por corredores enormes em direção à capela, onde as irmãs cantavam. Oitenta moças sentadas no chão, em cima de tapetes rústicos, vestidas com sáris brancos, fizeram-nos sentir de perto as nossas origens cristãs. O verdadeiro espírito cristão ali estava e uma força invisível preenchia o ambiente de Energia e Luz.

26 de janeiro de 2011



(Ilustração de Maria Helena Andrés)

## RAMAKRISHNA



As cores do poente destacam a silhueta do templo de Ramakrishna, em Bangalore, enquanto vozes masculinas e femininas entoam o cântico vespertino.

Um jovem sannyasin roda o turíbulo com o fogo sagrado, em atitude de reverencia.

Ramakrishna também foi um desses jovens. Viveu na Índia nos fins do século passado, era um devoto da divina Mãe Kali e com ela conversava diariamente.

Reconhecido pelo povo como Encarnação Divina, Ramakrishna fundou uma ordem para propagar seus ensinamentos e a unidade de todas as religiões.

Na Índia, a pessoa iluminada entra em contato com energias superiores e se torna Um com o Deus Pessoal e Impessoal. Ramakrishna teve a mesma experiência em todas as religiões, tornando-se Um com Cristo, Buda, Maomé, a Divina Mãe e outros Avatares. Falou com a autoridade de quem realmente se elevou acima da densidade da terra e entrou na imensidão da energia Divina.

Através dos ensinamentos de Ramakrishna e Vivekananda, comecei a me interessar por Yoga, na década de 70, e senti desde o início uma ligação muito forte com esse mestre indiano e seu discípulo Vivekananda. A minha busca holística encontrava ressonância na atitude do mestre em não aceitar nada sobre autoridade de segunda mão. Ele sempre quis conhecer a Verdade diretamente.

Praticou como investigador científico todas as grandes religiões do mundo, obedecendo seus rituais e realizou o estado de comunhão com Deus em todas elas.

Ramakrishna abriu caminho para o encontro ecumênico de todas as religiões. A realização de Deus, ou o encontro com o Absoluto, depende unicamente de uma sincera busca espiritual.

“Revela-te em meu coração” é o mantra a ser repetido para se alcançar a revelação

do Deus pessoal, seja ele Cristo, Buda, Maomé, Krishna, Ramakrishna ou a Divina Mãe. O encontro com o arquétipo da Divindade gravado no coração do Ser é o primeiro passo para a Realização do Deus Impessoal sem forma, sem nome. Mas, se a pessoa se apegar à experiência do Deus pessoal é impedida de alcançar a Consciência Universal. Ramakrishna era profundamente ligado à Divina Mãe Kali. “Tome a espada do discernimento e me corte ao meio”, ordenou-lhe a deusa. Assim fez Ramakrishna para alcançar a realização do Imensurável que existe além de todas as formas.

Ramakrishna alertava seus discípulos que os poderes psíquicos e o poder de curar são obstáculos na senda da conquista da Consciência Divina. A realização de Deus é um caminho direto, sem desvios.

Um dos grandes discípulos de Ramakrishna, Swami Vivekananda, introduziu o Vedanta para o mundo ocidental, quando participou em 1893 de um congresso de religiões em Chicago, nos Estados Unidos.

A clareza de sua palavra causou a mais profunda admiração entre os presentes.

26 de setembro de 2012

## TEATRO COMO EXTENSÃO DE VIDA



(Foto: Livro Pepedro nos caminhos da Índia)

Em 1979, vimos um grupo de teatro amador em Bangalore, no sul da Índia. Os ensaios eram sempre à noite, pois os artistas trabalhavam durante o dia.

No pequeno teatro de Bangalore os atores realizavam a arte como extensão de sua própria vida. Entrevistamos um dos participantes do grupo, Vijay Padaki. Ele trabalhava durante o dia como psicólogo do Instituto de Administração, e durante a noite, invariavelmente, podíamos encontrá-lo colaborando com seu grupo de artistas dentro e fora do palco.

- “Hoje estou de baby sitter”, nos disse ele.

Enquanto os pais da criança ensaiavam uma cena, ele mostrava as vitrines coloridas a uma garotinha de uns 4 anos.

- “Nós nos revezamos em todas as atividades. Quando não estamos participando do espetáculo atuamos fora de outra maneira. Nossa atividade artística é o teatro, mas ela se estende também para a vida. Vivemos de forma comunitária sem a necessidade de morar dentro do mesmo espaço. Organizamos uma espécie de cooperativa constituída por um pequeno grupo de artistas. A arte para nós é um complemento indispensável à vida. Durante o dia somos profissionais liberais, engenheiros, advogados, médicos ou psicólogos. Trabalhamos normalmente como qualquer indiano de classe média, em repartições públicas ou em firma particulares. Das 6 horas da tarde em diante nos reunimos para o trabalho comunitário em torno do teatro. Na Índia nosso grupo é um dos mais antigos. Somos amadores porque temos ocupações diferentes durante o dia, mas no final, acabamos sendo considerados do mesmo nível dos grupos profissionais, levando até certa vantagem sobre eles. Não temos os problemas que enfrentam esses grupos: preocupações com o ganho material, o sucesso, os intermediários, com a competição e o estrelismo.

Somos livres e sentimos que uma comunidade só pode ser forte quando mantém com clareza certos princípios. Ao iniciar nossas atividades, há 18 anos atrás, estabelecemos como princípio que cada pessoa tem o seu próprio valor e este deve ser respeitado e estimulado. Não existe uma hierarquia dentro do grupo, nem alguém que se sobressaia sobre os outros. Ninguém se torna a estrela principal do grupo. Algumas vezes representamos o papel principal e noutras peças fazemos o papel secundário. Isso nos ajuda a quebrar o ego. Nosso grupo tem por princípio quebrar o estrelismo. Entendemos que todos os papéis tem igual valor. Representamos diversos papéis artísticos e burocráticos e experimentamos uma variedade de situações. Consideramos as atividades técnicas tão importantes quanto as artísticas. Até mesmo os eletricitas e os cenógrafos participam de nosso grupo e muitas vezes são artistas também. Temos 150 membros, desde jovens até idosos...”

- “Nossos estudantes são treinados por nós mesmos. Às vezes, assumimos o papel de professores de acordo com a nossa capacidade individual. Cada um contribui com aquilo que sabe. Temos um membro que mora numa aldeia próxima e costuma fazer algumas cenas em seu próprio meio ambiente. Fazemos experiências denominadas trabalho de laboratório para um pequeno público mais íntimo e apresentamos ao grande público umas três ou quatro peças ao ano. Temos um comitê com presidente, secretário, dentre outros, composto por dez pessoas, que decidem o que será apresentado”.

Terminamos a entrevista com um almoço apimentado, à moda indiana, ouvindo música ocidental. A mãe servia a mesa e as crianças comiam sentadas no chão. O teatro para essa família era uma forma de crescimento e equilíbrio psíquico, mas não perdia o seu valor artístico.

Tive também a oportunidade de assistir a uma representação do grupo no palácio do governo de Bangalore, com a presença das autoridades e da sociedade local. Há um grande incentivo da parte do governo em torno das atividades artísticas nas diversas áreas. O teatro no final é a própria vida, com seus contrastes e suas mutações, estabelecendo o equilíbrio entre o trabalho e o lazer.

26 de agosto de 2009

## RAMAN RESEARCH INSTITUTE - ENCONTRO COM A CIÊNCIA



(Foto: autor desconhecido)

No meio da confusão da Índia, o Raman Research Institute é um espaço de paz. Há árvores abrigando bangalôs onde os jovens cientistas se recolhem por algum tempo buscando um aprofundamento de seus estudos. Há grandes pavilhões, entre eles o museu Raman relatando em fotos a vida de seu fundador; há o museu de pedras preciosas e uma enorme biblioteca.

O professor Raman foi um famoso cientista indiano que, por meio de sua inteligência, dedicação e incessante interesse em pesquisa, trouxe para a Índia um prêmio Nobel em física. O Efeito Raman é conhecido no mundo inteiro. Podemos estudar sua vida através de livros, pôsteres e informações fotográficas colocadas nas paredes do museu. Visitei o museu e recebi informações do grande mestre que foi o professor Raman. Há pesquisas maravilhosas no campo das vibrações. Ele era muito interessado em música e também em cores. A partir de suas descobertas nesses dois campos podemos refletir sobre a relação entre cores e sons.

Como artista, que sempre gostou de pintar ouvindo música, fiquei fascinada com essas experiências relatadas por um grande físico.

O Professor Raman era também interessado em pedras. Ali há salas reservadas a pedras semi preciosas, guardadas cuidadosamente dentro de vitrines. O Professor Raman foi sucedido por seu filho Radhakrishnan, também dedicado aos estudos científicos. O Professor Radhakrishnan continuou a obra de seu pai, numa outra dimensão.

Raman pesquisou a terra, Radhakrishnan pesquisa as estrelas. Há alguns anos, durante uma conjunção planetária, eu estava na Índia, hospedada no Raman Institute e tive a oportunidade de observar num grande telescópio o brilho de milhões de estrelas. O Dr. Radhakrishnan e sua esposa Dominique são grandes amigos que tive a sorte de conhecer na Índia e que me ofereceram hospitalidade e carinho nas minhas longas viagens. Ambos

são interessados em arte e dão estímulo a vários artistas não somente vindos da Índia como de vários países do mundo.

O Instituto é um recanto aprazível, cercado de jardins floridos e árvores frondosas, lugar ideal para reflexão. Interessei-me sobretudo num livro de sua biblioteca: *Poussières d'étoiles* de Hubert Reeves e transcrevo um texto que me permitiu viajar no espaço: “Quando as estrelas morrem, espalham sua matéria no espaço. Esses filamentos coloridos espalhados sobre milhares de quilômetros são as poeiras de um astro que agoniza. Nesses pedaços de matéria, os átomos se encontram e formam moléculas e grãos de poeira. Dessa poeira nascerão mais tarde os planetas e de suas moléculas talvez as plantas e os animais. É no céu estrelado que poderemos encontrar as origens da vida.”

O livro *Poussières d'étoiles* nos faz refletir sobre unidade do universo a partir da morte das estrelas e a sua transformação em novos planetas. É uma viagem fantástica às origens da vida e um retorno à essência de onde viemos. No silêncio do Instituto Raman refletimos sobre a nossa unidade com o infinito espaço cósmico do universo.

16 de setembro de 2015

## MUSEU DE TECNOLOGIA DE BANGALORE



(Fotos de Maurício Andrés)

O museu de indústria e tecnologia de Bangalore pode ser considerado como um dos mais importantes exemplos de educação livre na Índia. Diariamente é visitado por colégios e pelo povo em geral. Paga-se cinquenta centavos de entrada para permanecer lá o dia inteiro, percorrendo as galerias e estudando a evolução do homem através da ciência. Há filmes instrutivos às duas horas da tarde, sessões cinematográficas mostrando o caminho feito pelos astronautas ou as conquistas da arte cinética de algum pintor moderno ocidental. Na entrada, uma frase de Nehru: “O verdadeiro cientista é o sábio desapegado da vida e dos frutos da ação, sempre buscando a verdade e sendo conduzido por ela”.

O diretor do museu é jovem e entusiasta do sistema de educação livre. “Aqui as pessoas aprendem sem a compulsão de passarem por exames. Aprendem brincando, participando. Levamos a história da ciência e tecnologia às vilas, pois na Índia, a maioria da população está nas vilas”. Há dois ônibus especiais enormes, conduzindo os ensinamentos para o interior do país, em sistema de teatros de marionetes. Bonequinhos que se movimentam e mostram como todas as coisas vivas contem água, como se tira água do solo, a purificação da água potável e a composição da água. O ônibus é intitulado “Água, fonte de vida” e as diversas cenas são mostradas pelas janelas à população.

Arte e ciência se completam nas salas do museu e a forma estética é posta a serviço do conteúdo científico. A apresentação de um museu de ciência e tecnologia exige a presença de um artista para dispor as salas, arranjar as vitrines, imaginar painéis de forma agradável e interessante. A participação do espectador, hoje tão comum nas propostas de arte do ocidente, é usada para despertar maior interesse lúdico e criativo. Apertamos botões e estamos diante do homem das cavernas descobrindo e transformando os elementos naturais: vemos a energia solar sendo transformada em fogo através do uso de lentes

especiais, as chuvas caindo sobre a terra e produzindo vegetação e alimento, o vento tocando os moinhos, a água transmutada em energia nas represas e usinas, o uso do vapor, o trem de ferro e o foguete para a lua. Num só painel o resumo da história da ciência e física. Mocinhas param em frente ao painel que mostra o sistema de pesos e medidas dos egípcios. Crianças apertam botões e veem os moinhos rodarem. Velhinhas acompanhadas dos filhos, noras, netos e toda a “joint family” aprendem brincando, de forma lúdica. Paramos em frente às câmaras de uma tevê mostrando como a imagem é transmitida e como é recebida.

Há outro painel com duas enormes figuras falando ao telefone. Ao lado, um telefone de verdade, onde podemos discar e ver o movimento das ondas sonoras, do transmissor ao receptor. “Veja sua própria voz” é o anúncio da próxima atração. Um olho dentro de uma caixa tendo ao lado um microfone. Podemos ver o gráfico de nossa própria voz, do sussurro ao grito e a intensidade do som produzindo vibrações sutis ou violentas. As formas variam de acordo com a voz, tornam-se lentas, suaves, quando emitimos sons harmoniosos, nervosas e agressivas quando a voz se altera. Noutra sala as rodas giram como fantásticas mandalas. “A roda é o símbolo do desenvolvimento técnico do homem. Ela existe em toda a parte na natureza. Sua invenção foi a primeira explosão técnica”. O homem percorre distâncias com a roda, ela está em todas as máquinas e em todos os meios de transporte. Na Índia, a roda é usada de formas variadas no transporte da população. Rodas de bicicleta, rodas de riquixá, rodas de carro de boi, de trem de ferro, rodinhas, rodas enormes, a energia conjugada, homem, animal, roda.

O museu está situado dentro de um parque. Ele oferece cursos, seminários e bolsas de estudo de três meses para as pessoas interessadas.

14 de julho de 2009



(Fotos de Maurício Andrés)

## SUBINDO OS HIMALAIAS



(Foto: Maurício Andrés)

### **Diário de viagem à Índia - década de 80**

Estávamos em Sarnath, perto de Benares, lugar onde Buda fez o primeiro sermão. Entramos no templo mais próximo, sete velas acesas, três de cada lado e uma no meio, iluminavam uma enorme estátua de Buda. No silêncio do templo nos concentramos sem perceber que lá fora se armava um temporal. A chuva violenta e o vento penetrando pelas janelas apagou todas as velas, uma por uma. Restou a do meio que iluminava o Buda. Naquele momento uma mudança aconteceu dentro de nós. Estávamos com passagem para seguir viagem no dia seguinte para Calcutá, mas a vela acesa de Buda chamou-nos para os Himalaias.

Começamos a peregrinação sem programa definido, amontoadas num ônibus velho cheio de hippies. Os europeus invadem a Índia. Trabalham na Europa quatro meses e passam oito viajando pelo oriente. Naquele dia, subimos juntos a mesma montanha. Chegamos à noite na fronteira com o Nepal e tiramos visto para entrar no país ali mesmo. Lâmpadas acesas, no meio do vozerio de gente que disputava e oferecia hospedarias.

- “Perdão madame, meu hotel não tem nenhuma estrela!...”

- “Não tem importância, você tem um céu todo estrelado por cima do seu hotel”, respondi.

Seguimos o guia e nos acomodamos num hotel pequenino.

Os Europeus são práticos, dormem dentro de sacos de viagem, armam cortinados e acomodam-se da melhor maneira possível, livres dos mosquitos.

No dia seguinte o agente do hotel procurou-nos e disse: “Se vocês quiserem viajar

até Lumbini, onde nasceu Buda, tem que ser de carona. Eu mesmo posso arranjar para vocês uma carona de caminhão.”

Fomos na carroceria de um caminhão, sentindo a paisagem embaixo desfilando diante de nós. O guia aconselhou-nos também a viajar de carro de boi e seguimos sentadas em cima da palha até Lumbini, uma aldeia situada na fronteira com a Índia. Lumbini não tinha turismo organizado, parecia uma cidade abandonada com muitas ruínas. Andamos a pé pelos lugares santos. Um conjunto de templos de diversas religiões na mesma praça fizeram-nos lembrar de uma das características do budismo, que é a tolerância e o respeito a todas as crenças. Segundo o budismo, a verdade não tem rótulos, nem é propriedade de ninguém. Entrando em um templo budista sentei-me no chão, no centro de uma imensa mandala. Devia ter ficado algum tempo de olhos fechados quando senti alguém na minha frente. Era um monge vestido de alaranjado.

- “Siga-me”, disse-me ele.

Fomos até uma salinha modesta com pilhas de livros.

Vou lhe dar uma prática muito simples para você chegar ao estado de vazio:-  
***“Relaxe. Respire fundo e comece a observar o seu corpo, de fora para dentro. Tome consciência de sua pele, dos músculos, dos ossos, dos seus órgãos internos, da circulação do sangue em suas veias. Lembre-se de tudo que constitui o seu corpo até chegar à consciência de que você é uma célula, um átomo, um núcleo e depois o vazio.”***

O budismo não é baseado na crença incondicional, mas na experiência direta de cada um. Senti naquele monge desconhecido o exemplo vivo de um ser que alcançou o caminho do meio. O caminho do meio é o caminho do equilíbrio, é a ausência do ascetismo exagerado e também da constante e insaciável busca de prazeres. Esse foi o tema do primeiro sermão de Buda.

26 de março de 2011



(Foto: Internet)

## VISITA A UM ASHRAM EM RISHIKESH



(Foto de Maurício Andrés)

No início dos anos 90 tive a oportunidade de viajar com minha filha Eliana a Rishikesh, no norte da Índia. Fomos introduzidas ao ashram de Swami Dayananda, situado às margens do Rio Ganges, por uma amiga brasileira que residia em Nova Delhi.

Swami Dayananda aprofundou seus estudos de Vedanta e atualmente transmite seus ensinamentos para grupos não somente na Índia, mas em várias partes do mundo.

Fomos convidadas a assistir uma de suas aulas sobre a Bhagavad Gita.

Ao nascer do sol, o grupo de alunos, na sua maioria indianos, iniciara seus estudos com a prática de uma meditação. Frente a uma cortina azul, o alaranjado das vestes do Swami formava um quadro vivo. Meus ouvidos também escutavam: “É necessário estar atento ao presente, perceber através de todos os sentidos as coisas que nos rodeiam. Estar consciente das formas, cores, sons, cheiros e toques. Temos de afastar os obstáculos que nos impedem de realizar o Todo, a Unidade”.

Enquanto ele falava, percebia, através dos meus sentidos, o ambiente em torno, sua voz pausada, o canto dos pássaros, o barulho das águas do rio Ganges. O Swami lia textos sobre Vedanta e as palavras em sânscrito não eram compreendidas por meu intelecto, mas sua própria vibração ressuscitava em mim essa reflexão: Se a verdade está gravada dentro de cada ser humano, as palavras são meros instrumentos para despertá-la. O céu pode

estar encoberto, mas o sol existe por detrás das nuvens, e a Verdade dentro de cada um de nós, está quase sempre encoberta pelas nuvens da ignorância.

Quando terminou a palestra o Swami atravessou o corredor, chegou até nós e segurou minhas mãos dizendo: “Estou muito feliz porque você veio até aqui”.

A grande afinidade que sentimos com as propostas daquele centro de estudos determinou a nossa estadia em Rishikesh por um tempo maior do que o previsto.

Alguns meses mais tarde, no Brasil, recebi de Swami Dayananda um presente precioso: registros de seu extenso estudo sobre a Bhagavad Gita.

O contato com esse grande mestre da filosofia Vedanta, que transmite de forma clara e acessível, também para nós ocidentais, os ensinamentos dos antigos sábios da Índia, nos estimulou a formar um grupo de estudos tendo como referência um de seus livros.

Transcrevo aqui o depoimento de Eliana sobre a importância dessa filosofia nos dias atuais: “O conjunto das filosofias da Índia, que inclui inúmeras práticas milenares de autoconhecimento, é a grande contribuição que aquele país tem a oferecer à humanidade.

A sabedoria dos antigos rishis da Índia, transmitida de geração para geração há milênios, revela aspectos inerentes a todos os seres humanos de qualquer nacionalidade, raça, religião ou época da história da humanidade.

O estudo da filosofia Vedanta é como um espelho que reflete os diversos aspectos de nossa própria natureza. As verdades transmitidas naqueles textos podem ser descobertas por qualquer ser humano em qualquer época e região deste planeta. O estudo dos textos antigos é uma referência que nos impulsiona no processo de autoconhecimento, na medida em que nos faz refletir sobre a forma como conduzimos a vida no dia a dia.

Diferentemente dos depoimentos de muitos intelectuais ocidentais, que não encontram sentido para a existência, o estudo aprofundado dessa filosofia tem uma aplicação prática: nos transforma como seres humanos, nos desperta para novos valores e nos conduz para ter uma compreensão cada vez mais clara do nosso papel no mundo”.

12 de junho de 2011

## UM RETIRO NOS HIMALAIAS



(Foto: Rishikesh, à margens Ganges, 2007. Maurício Andrés)

O acaso nos conduziu a Uttar Kashi, lugar de reflexão e paz no alto dos Himalaias, reservado aos estudiosos de Krishnamurti. Foi preciso percorrer a Índia vários anos, observar com atenção os diversos caminhos elaborados pela mente humana, para compreender a necessidade dessa parada para reflexão. Ali passamos muitos dias recolhidos no silêncio, cada um de nós numa cabana particular. Havia tempo para meditar e tempo para contemplar a natureza. Aos poucos, começamos a sentir a beleza de estar só, de não ter opinião formada sobre as coisas, nem desejar modificá-las. A mente humana está sempre buscando algo diferente do que é, e nesse desejo, a beleza do agora se perde.

O nosso agora era o rio Ganges correndo, lá embaixo, junto à cordilheira dos Himalaias. Havia uma distância de muitos metros da região onde estávamos até o rio, mas resolvemos descer o barranco, escorregando sobre as pedras. As pedras eram redondas como se tivessem sido modeladas por mãos de artistas. Muitas vezes elas se assemelham ao Lingam dos hindus. Ali estavam empilhadas, distribuídas sobre a areia, uma infinidade de pedras buriladas pelo movimento das águas. A proximidade da nascente do Ganges, brotando do seio dos Himalaias, simbolizava a vida nascendo e crescendo em constante movimento. O rio passava por cidades, florestas, campos, encontrava pessoas, vivenciava novas experiências até se jogar no mar. Cada um de nós, seres humanos, também temos o tempo e espaço necessários para compreender o nosso retorno à Essência. As pedras maiores, no meio da correnteza, criavam ondas circulares ao redor. Também no homem, todas as manifestações do ego: o apego, o medo, a competição e a ignorância vão criando ondas, espumas, movimentos circulares, cachoeiras. Mas a vida continua o seu percurso, apesar de tudo. A história do rio é a história da nossa própria vida.

24 de fevereiro de 2015

## O GURU



(Foto: Internet)

Perto de Rajgath existe um vilarejo. Fomos visitá-lo depois do jantar acompanhando aquela americana alta que está no Krishnamurti Foundation. Ela só aparece nas horas das refeições, quase não assiste aos vídeos – sai misteriosamente para a aldeia. Tem um jovem amigo lá.

Tivemos de usar lanterna pois a estrada era escura, cheia de buracos; passamos por uma ponte de madeira sobre um rio, até chegarmos à aldeia. Não se enxergava nada, a escuridão da noite, cercava o ambiente de mistério. A ponte era estreita e vários ciclistas queriam passar carregando enormes vasilhas de leite. Só conseguíamos distinguir na escuridão as lanternas das bicicletas, nada mais. Acompanhamos a americana de quase dois metros de altura, ela era a nossa segurança. Guiou-nos até um templo iluminado onde uma multidão de devotos cantava.

Retratos de gurus sorrindo dentro de molduras em forma de flores, um teatro de marionetes por todos os lados. Fizeram-nos sentar no chão, junto a um grupo de mulheres, depois me levaram a um aglomerado de homens, crianças, mulheres. Tentei enxergar o que acontecia colocando-me na ponta dos pés. Um indiano alto percebeu a minha curiosidade, abriu alas no grupo para que eu pudesse ver de frente.

Ali estava sentado, em pose de meditação um homem de meia idade, coberto de guirlandas de flores. Os devotos se ajoelhavam diante dele beijando-lhe os pés. “Curve-se diante dele”, disse-me o homem alto atrás de mim. Hesitei, a postura crítica de uma ocidental veio à tona, mas a força da tradição, a inocência e a devoção dos fiéis quebrou a minha barreira. Curvei-me diante dele como todos os outros e senti que era isto que deveria fazer naquele momento.

Voltamos novamente à nossa cottage no Krishnamurti Foundation. Paramos num barzinho pobre, construção de bambu, recoberto de folhas de palmeiras. Jovens camponeses da região assistiam a um programa de TV.

Voltei sem saber o nome daquele guru, ficou na lembrança a postura devota dos indianos.

Krishnamurti recusava qualquer ato de reverência. Ele nunca se julgou um guru, nem aceitou ser o Cristo do futuro conforme os teosofistas esperavam. Sua missão foi de abrir a consciência das pessoas, e fazê-las perceber a vida por elas mesmas, sem apoios externos. “Seja seu próprio mestre”, nos dizia ele em suas palestras. Tendo estudado por muito tempo o pensamento de Krishnamurti, através de seus livros “Liberte-se do passado”, “A primeira e a última liberdade” e vários outros, eu pude percorrer a Índia sem me envolver com nenhuma tradição religiosa.

15 de dezembro de 2014

## PROBLEMAS DE VIAGENS I



(Foto: Maurício Andrés)

Viajar pela Índia não é fácil. As coisas aqui só acontecem a partir do inesperado, e, para as cabeças acostumadas a planejar roteiros fixos, isso constitui o primeiro choque. Chegamos ao aeroporto com as passagens marcadas, tudo ok.

- “Madam, este voo acabou, não tem mais.”
- “Mas reservamos ontem pela Indian Airlines.”
- “Sim, ontem foi janeiro, a partir de fevereiro cortamos este voo.”

Este simples corte de voo significaria uma permanência no aeroporto, o dia inteiro, para seguir à noite. Se não fosse Dominique, nosso anjo protetor que nos acolheu em sua casa, estaríamos perdidas. Viemos à noite sem hotel marcado, Madras superlotada por causa de uma feira de artefatos de couro. Aqui existe uma feira atrás da outra. Da última vez corremos uma feira de livros que no dia seguinte pegou fogo. Agora esta feira superlota a cidade. Esvaziei minha mente para saber o que deveria fazer e confiei no destino. Alguma coisa aconteceria, tinha certeza. No aeroporto dois agentes de viagem disputavam passageiros. Um deles oferecia 70 dólares por uma noite num hotel de 5 estrelas, perto do aeroporto. Já estava disposta a pagar, quando um outro ofereceu uma chance mais modesta. Hotel de 2 estrelas, num bairro pobre, limpo, ventilador em cima das nossas cabeças: “Mars Hotel”. Foi a salvação, e aqui estamos, dispostas a alugar um taxi no dia seguinte e procurar outro espaço, talvez o Krishnamurti Foundation, quem sabe?

Agora, enquanto escuto os mantras, vou recordando outros desencontros de viagem. Aquela chegada em Delhi com uma jovem francesa, vinda do

Nepal. A menina precisava de ir à embaixada francesa e à companhia aérea russa,

não falava inglês, dispus-me a ajudá-la. Eu também teria de renovar meu visa. Chegamos a Delhi, 48 graus, calor insuportável, a cabeça fervia, a água das torneiras saía fervendo, a eletricidade acabou e o hotel não tinha gerador próprio. Reclamei na recepção.

- “Não consigo aguentar este calor, acho que vou morrer.”

No verão, a capital indiana é um caldeirão de calor, por isso é aconselhável viajar no inverno.

-“ Por favor, arranje-nos algum lugar menos quente para dormir.”

No pátio central, os indianos colocavam suas camas do lado de fora, mas o dono do hotel levou-nos até a “boite”, onde o ar refrigerado ainda conservava baixa temperatura. Tivemos de dormir no chão, frente a um imenso painel fosforescente representando um dragão chinês. Chegamos tateando no escuro, velas acesas. O importante nestas viagens é não esquentar a cabeça.

Nessa mesma viagem o avião não conseguiu decolar devido ao calor. Ficamos parados em Agra, a aeromoça gentilmente distribuindo balas e um lençinho úmido para limpar o rosto e o pescoço. Ao meu lado um indiano reclamava: “Não estou acostumado a este calor, trabalho com ar condicionado!” Aquela reclamação só servia para aumentar o calor. Resolvi dar uma de conselheira: “Também eu não estou acostumada, moro nas montanhas, gosto do frio. Mas por quê o senhor não muda este pensamento negativo? Na minha terra, tem pessoas que pagam caro para entrar numa sauna, imagine-se numa sauna por livre e espontânea vontade e as coisas mudarão. O simples fato de ser por livre e espontânea vontade é decisivo para mudar situações.” O indiano parou de reclamar, aceitou o inesperado e a sua vibração mudou. (Diário de viagem, 1993)

23 de setembro de 2015



(Foto: autor desconhecido)

## PROBLEMAS DE VIAGEM II



(Foto: Internet)

Numa de minhas viagens, desta vez com Beth Cavalcanti, fomos detidas em Bombaim por seis dias. Beth não havia tomado a vacina contra febre amarela, e a Índia não permite a entrada de pessoas ligadas aos países que oferecem possibilidades à doença. Um mapa na parede do aeroporto e o Brasil coberto com uma faixa amarela. Os guardas verificaram o passaporte. Se o passageiro não fosse vacinado, teria de ficar de quarentena num hospital de isolamento.

Beth me olhou horrorizada e eu não tive dúvidas, ficaria com ela no hospital. A passagem por aquele hospital, onde uma liga das nações do terceiro mundo se misturava no mesmo infortúnio, foi decisiva para um aprendizado de vida. Diante do irremediável, o melhor caminho é a aceitação. Se cairmos em depressão as coisas pioram. No fim da temporada, estávamos amigas de todos os reclusos, dando aulas de criatividade para o grupo. Até os guardas participaram das aulas, imitando bichos, elefantes, macacos, cachorros. Aulas de criatividade ajudam a mudar situações e são necessárias quando a vida nos coloca confinadas num ambiente estranho, sem possibilidade de saída.

Em outra de minhas viagens, fomos parar num hotel humilde em Madras.

O cansaço da viagem, a entrada naquele hotel nos fez enxergar fantasmas à noite. As janelas davam para um pátio escuro e, devido ao fato de estarmos no segundo andar, a possibilidade de um assalto era uma temeridade. As sombras projetavam vultos na parede em frente e, quando nos recolhemos para dormir, a cama trepidava e fazia barulho.

“Minha filha, minha cama está mexendo. Estou quieta, sem fazer nada e a cama não para de mexer.”

Comecei a ficar aflita. A cama da minha filha também mexia. Dei um pulo no escuro e fui acender a luz.

“Não fico mais neste quarto, deve ser alguma entidade do astral!”

O medo criava possíveis demônios nos perseguindo. Cantamos mantras, rezamos.

Depois, observando com atenção, percebemos que as duas camas eram ligadas por duas pranchas de madeira. Quando uma de nós virava de lado, a cama ao lado balançava e fazia ruído, como se fosse uma caixa de ressonância.

A experiência foi boa para se constatar o fato de que nossa mente é a maior responsável por todos os nossos momentos de terror. A mente cria fantasias e nos arrasta para os mais descontraídos espaços da imaginação...

5 de outubro de 2015



(Foto: Internet)

## ENSINAMENTOS TIBETANOS



(Foto de Maurício Andrés)

“Leva-se vinte anos para estudar o Budismo, mas se a pessoa estiver preparada aprende em dois dias”. Quem estava falando era um jovem lama, de uns trinta anos, ladeado por dois discípulos canadenses. Estava na varanda de um mosteiro, a paisagem embaixo descortinava-se numa grande planície plantada, a terra dividida em espaços retangulares, preparada com cuidado para as chuvas que se aproximavam. Varas de bambu com panos coloridos, graficamente preparados com mantras, balançavam ao sopro do vento, espalhando paz no campo. Podiam-se ver as mesmas bandeiras em redor da grande *stupa*, ou templo budista, onde os devotos realizavam suas preces. As comunidades tibetanas se espalharam pelos Himalaias e é comum se ver bandeiras coloridas em toda essa região, incluindo o Butão. Os lamas viajam pela região levando os ensinamentos de Buda. Numa das palestras a que assisti, o lama se despediu dizendo: “Amanhã estarei dando aulas no Butão.” Os tibetanos falam pouco, não se ouve vozerio como na Índia, são discretos, e quando aprendem o inglês, resumem-se ao essencial.

A meta é o encontro com o estado de Vazio, onde as preocupações, conflitos e ansiedades não têm vez. É o encontro do homem com ele mesmo, com a sua própria interioridade, além do bem e do mal, do prazer e da dor, na busca do equilíbrio perfeito entre o corpo, a emoção e a mente. Procuram viver nesse estado de não envolvimento emocional, ou melhor, de não permanência nas conseqüências da emoção e nos embaraços criados pela mente. Todos explicam a mesma coisa de forma diferente, mas sempre estão prontos a ajudar as pessoas interessadas. Vem gente de longe para participar dos cursos e entrar em contato com os lamas.

Há várias técnicas de meditação, variando de acordo com as necessidades dos discípulos, mas todas levam ao mesmo ponto: o estado de atenção necessário a uma plena

consciência das coisas. Todas insistem no não pensamento. Sentir, olhar e perceber o presente sem interferências do passado ou do futuro. Os nossos sofrimentos vêm de nós mesmos, dos nossos conflitos mentais e do acúmulo de imagens conflitivas na mente. Quando aprendemos a olhar a mente de forma direta, quando a esvaziamos por completo, percebemos um estado de Serenidade e Paz, que seria o estado natural do ser humano.

O caminho do meio, pregado por Buda há 2.500 anos, conduz a um estado de alegria sem excessos e à Felicidade a que tem direito a pessoa durante o seu curto tempo de permanência na terra. Mas, de um modo geral, esse tempo é gasto em várias atividades e somente uns poucos se aproximam da beleza desses momentos como um privilégio especial. Os ensinamentos dos lamas, quando se referem à observação dos próprios pensamentos, assemelham-se às instruções de Krishnamurti. “Olhe dentro de você mesmo, observe os movimentos de seu ego, suas reações à vida diária.”

Quando tomamos consciência de que tudo está na nossa própria mente, quando compreendemos como surgem, permanecem e acabam os nossos pensamentos, sentimos que eles são realmente os geradores de todos os nossos altos e baixos. O momento presente é sempre belo e cheio de luz. Somos nós que criamos a nossa própria dor.

11 de abril de 2011

## THRANGU RIMPOCHE



(Foto de Maurício Andrés)

Tenho anotados em meu diário de 1978 os ensinamentos que Thrangu Rinpoche me passou.

Thrangu Rinpoche nasceu no Tibete em 1933. Reconhecido aos quatro anos como a reencarnação de um dos grandes lamas (ou monges do budismo tibetano), foi preparado, através de estudos, meditações e retiros, para ser um dos maiores instrutores do Budismo. Encontrei-o em 1978, em um mosteiro tibetano situado em Bouddhanath, em Kathmandu, no Nepal. Nessa ocasião, foi-me possível receber os seus ensinamentos e participar de um curso especialmente preparado para os ocidentais.

A doutrina de Sunyata ou do vazio torna-se fácil de ser compreendida através de seu livro: *The open door to emptiness*, ou *A porta aberta para o vazio*. O Vazio, segundo Rinpoche, não é um nada branco ou uma ausência de qualidades. Apesar de ser um estado de ser indescritível, o Vazio é a potencialidade total, que dá nascimento a todas as formas. Esse campo supremo do insight ou o espaço básico de todos os dharmas, é frequentemente referido como a mãe de todos os Budas e Bodhisattvas (pessoa que alcançou a iluminação para benefício de todos), pois, assim como a mãe dá nascimento às crianças, também o insight dentro da natureza fundamental produz todas as ações iluminadas do passado, do presente e do futuro. Todas as aparências têm o vazio como qualidade essencial. Quando esvaziamos o sofrimento, percebendo-o na essência de onde vem, ele imediatamente desaparece. Muitas vezes estamos presos às nossas preocupações, e somente abrindo as portas da compreensão tomamos consciência de que tudo nasce do vazio e desaparece no vazio.

A lição do lama começava com a concentração em uma pedrinha. No dia seguinte, concentrávamos no retrato de Buda ou numa paisagem, até que pudéssemos perceber que não existe a separação entre o observador e a coisa observada. A recomendação era

concentrar por muito pouco tempo, sem forçar. Ela podia ser feita três vezes ao dia, mas não devia ultrapassar cinco minutos. Quando nossa concentração já estivesse treinada, então poderíamos entrar em meditação. A meditação começava com a observação de nossa respiração entrando e saindo de nossas narinas. Não devíamos interferir no seu ritmo natural, mas apenas observá-la.

A quarta lição referia-se à observação de nossos pensamentos. Sentávamos em silêncio, o corpo relaxado, os olhos semicerrados. Se viesse algum pensamento, apenas observávamos sem nos identificarmos com ele.

Thrangu Rinpoche orientava os alunos de forma simples, e ao final do curso recebíamos um pequeno xale branco, um rosário de contas de madeira e um mantra para ser repetido diariamente como forma de meditação.

“OM MANI PADME HUM”. Esse mantra é muito conhecido nas comunidades tibetanas. OM é a vibração da qual todo o universo emana, estando na origem de todos os mantras. MANI PADME ou “a joia no lótus” é a Sabedoria Eterna contida em nossos corações. HUM, representa a Realidade Ilimitada, contida dentro do ser humano, que une os objetos separados ao OM universal.

“Quando um mantra nos é transmitido por um mestre qualificado, a integração da sabedoria desse mantra em nossa consciência é muitíssimo facilitada. Através do poder da sabedoria do mantra, haverá facilidade para nos comunicarmos com a nossa verdadeira sabedoria interior, permanecendo contudo livres das distrações externas.” Através da recitação de mantras podemos transcender os sons e as palavras externas, para escutarmos um sutil som interior que já existe em nós.

27 de abril de 2011

## NEPAL



(Foto: internet)

Estou no Nepal. O céu muito azul, montanhas circundando a cidade, lembrando Minas Gerais, Belo Horizonte, Ouro Preto, Retiro das Pedras. O mesmo céu, a mesma situação geográfica. 4000 pés acima do nível do mar. No inverno há neve e gelo, estamos no verão na Índia, 40 ° em Madras de onde saí. Aqui a temperatura é agradável e a altitude me pôs de cama o primeiro dia. Há hippies nos bairros da cidade, na zona comercial. Aqui é o bairro dos grandes hotéis, do palácio real. Meu hotel é modesto, parece uma fazendinha. Acordo com os passarinhos cantando, com os galos anunciando um novo dia. Tenho de sair de casa para almoçar e jantar. Desço as ruas até o restaurante chinês. No caminho observo as casas, as varandinhas de madeira, as janelas de grade, antigas, os compartimentos pequeninos onde os nepaleses fazem seu comércio, seus negócios. Lembra Ouro Preto, mas também a China, o Japão. Os pagodes chineses vieram daqui e do Tibet. O estilo arquitetônico dos pagodes começou nos Himalaias, berço da arte, cultura, civilização, costumes, religião. As caras dos nepaleses lembram os peruanos, bolivianos, mas também aquele olhinho puxado dos chineses. O mundo é realmente uma unidade e o planeta terra neste universo de estrelas não pode ter a pretensão de se dividir. Somos na realidade uma só e única família. Sentimos isto nas fisionomias, no jeito de ser; os nepaleses residem em lugares montanhosos, os peruanos também. Carregam seus filhos nas costas, enrolam panos na cintura para carregar pertences (nada de bolsas ocidentais). Os sáris não têm a graça dos indianos, são sóbrios, sem bordados. As comidas têm influência chinesa e tibetana. Vejo os costumes chineses de carregar mercadoria – muito prático – um pedaço de bambu e dois cestos, cada um de um lado, presos nas pontas por cordas. A ideia é ótima, porque o corpo não carrega o peso todo, não traz problemas de coluna. Seria uma ótima ideia se fosse adotado nas fazendas brasileiras. Como tudo nasceu nas montanhas, fico achando que muitos dos costumes chineses não são chineses, mas nepaleses. Às vezes vejo carinhas de brasileiros, do Paixão, do Juscelino... Meu

dentista (tive de arrumar um) é a cara do Juscelino. Deve ser bom, pois é o dentista do Rei. Estudou em Londres e não acredita em homeopatia. Fui dizendo “Tive um problema, um abscesso, cuidei com homeopatia”. “Para abscesso? Só antibiótico!”

No dia seguinte cheguei com as radiografias, antes e depois. Ele examinou, olhou... “Sarou, não tem nada.”

Hoje vou correr os mosteiros. A paz de Buda é diferente, Buda é um estado de consciência que os ocidentais chamam de intuição. Para entrar nele só transcendendo o ego e o intelecto, os conceitos, teorias, fórmulas. Sair da forma e entrar na essência – sabedoria, caminho do meio, equilíbrio corpo, mente, espírito. Somos uma só unidade. Enquanto nos dividimos, sofremos. Para crescer é preciso estar só, sentir-se só... Até que a gente percebe que não está só. Que o mundo inteiro é irmão, não existem fronteiras, divisões, separações. As caras são iguais, um sorriso, quando sorrimos estamos felizes. Por que não sorrir sempre para tudo e todos? Buda recomenda sorrir na meditação.

A rua está cheia de gente passando. Estou em Anapurna, bairro hippie. Há gente de toda parte do mundo.

13 de novembro de 2013



(Foto de Maurício Andrés)

## MEMÓRIAS DO NEPAL



(Foto da Internet)

Fiquei muito sensibilizada com os terremotos no Nepal, pois ali estive algumas vezes, nas minhas viagens ao oriente.

Guardo do Nepal lembranças muito importantes, que influenciaram a minha vida. Ali estão algumas comunidades tibetanas que fugiram de seu próprio país, após a invasão do Tibete pela China.

Transcrevo abaixo trechos de meu diário no Nepal em 1979:

“O Nepal sempre foi para mim um lugar de repouso e reflexão. Aprendi muito neste país, cada dia uma nova experiência. Os ensinamentos do lama tibetano Thrangu Rimpoche me conduziram à concentração e à meditação. A técnica é estar sempre no presente. Viajei de Pokara para Katmandu fazendo comigo mesma um treinamento que ele me ensinou. Vim de mini bus, suportando um calor terrível, criança chorando o tempo todo. Subimos morros, vendo paisagens, fazendas, terra cortada em forma de escadaria, gente cultivando. O calor é desumano. Resolvi não me por contra, mas a favor do momento. Ficar contra aumenta o mal estar. Tudo é novo, a família em frente, o bebê chorando e a paisagem mudando, mudando. Não existe um só momento que não seja perfeito, nossa mente é que cria a imperfeição. Desejamos que o momento seja diferente do que é, mais alegre, mais calmo, mais fresco... Mas o que existe é a realidade do momento presente. Olhando com atenção, tudo tem graça. Lá fora as coisas se movem, nada é parado.

Não existe um minuto igual ao outro. A riqueza do agora é que ele é sempre novo. Passei a viagem treinando: presente – passado; presente – passado.

Viajar é bom para sentir a impermanência das coisas. Li um livro do Rajneesh sobre a impermanência – ele deve ter assimilado o Budismo, Krishnamurti, Taoísmo. Somos

realmente passageiros. Agora eu sou passageira de um ônibus, amanhã de um avião. Agora, meu momento é a despedida do hotel. Meus conhecidos se foram, outras pessoas chegaram, onde andarão neste momento os amigos de ontem? Foram-se. Ocuparam estes quartos, dormiram debaixo do mesmo teto

Estou em Katmandu, no Shakti Hotel. Desenhei aqui todo o livro do Pepedro, fiz curso de meditação com os lamas tibetanos. À noite, sozinha, olhei a imagem dourada do Buda e me concentrei na luz que sai da sua cabeça. Buda falou sobre impermanência, desapego.

Aqui no hotel eu fico pensando que a vida é também ligeira, impermanente como os hóspedes de um hotel. Se nos apegarmos a eles, estamos perdidos. Não adianta, cada um tem um destino. Em certo sentido este hotel Shakti está sendo meu guru. Parece uma fazendinha quieta, sossegada, o dono lá em baixo é gentil, os meninos são educados.

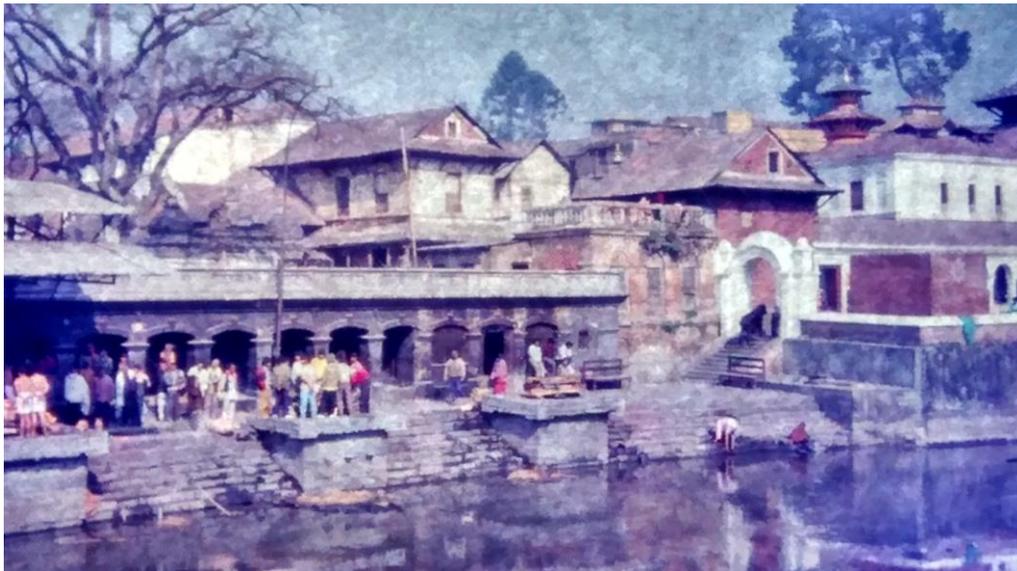
As coisas são móveis, transformam-se, mudam como a vida. Desapego, impermanência, vida simples, despojamento do supérfluo. A mocinha canadense que encontrei no Guest House ficou minha amiga. Viaja sozinha há 4 anos, já foi hippie, agora segue os lamas tibetanos. Vai para as montanhas passar 2 meses, levando uma sacola com todos os pertences... Você não tem bagagem? Não, tudo o que eu tenho está aqui...

Largou mãe e pai no Canadá, vive aqui na maior pobreza. Os jovens estão cada vez mais despojados. Aquele alemão de cabelos cacheados passa o dia lendo os tibetanos. Os dois jovens canadenses vão para o Kashmir estudar Budismo. Usam um cordão vermelho no pescoço como proteção.” (Trecho do diário de viagem, 1979)

Agora, 36 anos depois, lendo as notícias que nos chegam pela mídia, relembro a beleza e o aconchego de Katmandu, cidade escolhida pelos jovens ocidentais, vindos de todas as partes do mundo, para encontrar momentos de paz.

13 de maio de 2015

## LIÇÕES DE VIDA E MORTE



(Foto de Maurício Andrés)

O retorno a Kathmandu, depois de seis anos, significou para mim um toque de consciência. A invasão ocidental trouxe o consumo e a aglomeração nas ruas estreitas da cidade. No meio da poeira das demolições, tive saudades daqueles becos pequeninos onde a memória do passado estava guardada nos entalhes, nas sacadas e nos portais de madeira trabalhada. Hoje a especulação imobiliária, insensivelmente, derruba o passado.

Voltei a Pashupatinath, onde se realizam rituais de cremação. Ali a realidade conduziu-me, de forma violenta, à conscientização do destino comum de todos os seres vivos. As cerimônias de cremação proporcionaram-me um momento de silêncio. Pessoas de idade para ali se dirigem a fim de esperar a morte. Havia alojamentos especiais para os velhinhos e à tardinha entoavam mantras. Alegrementemente preparavam-se para a mudança de plano ou a despedida da terra. Os orientais encaram com naturalidade essa passagem.

O fogo consumia os restos mortais de pobres e ricos, que em poucos minutos se transformavam em cinzas. As famílias despediam-se de um parente e a insensibilidade das lentes fotográficas registrava a cena. A fumaça elevava-se para os céus nublados da cidade, misturando-se à poeira das demolições.

Nada é permanente, nem as construções, nem os seres vivos. “Tu és pó e ao pó hás de tornar”. Essas palavras bíblicas ressoavam em meus ouvidos.

Nessa mesma tarde, assisti a uma procissão de casamento. Os noivos atravessavam as ruas dentro de um carro corado de flores, acompanhados de uma banda de música e muita alegria. Andando pelos becos escuros da cidade, eu olhava algumas mulheres lavando os cabelos nos pátios centrais, uma outra massageando o filhinho recém-nascido

do lado de fora da casa e grupos de artesãos modelando potes nas calçadas.

As cenas do Nepal desenrolavam-se como um filme diante dos meus olhos. Uma só manhã em Kathmandu permitiu-me refletir sobre o nascimento e a morte, a alegria e a tristeza, o trabalho interno e externo. Demolição, construção, cremação, casamento, meditação e trabalho, esses vários acontecimentos da vida significavam para mim as diversas experiências que temos que viver nesta terra a fim de nos preparar para o retorno à casa do Pai.

Somos parte integrante desse movimento de mutação e personagens desse filme que é a nossa própria vida. Não existe nada fixo. De momento em momento estamos mudando. Quando tentamos segurar um minuto, ele já desapareceu para dar lugar a outro. A compreensão da impermanência ajuda-nos a superar apegos e a transcender o sofrimento e a morte.

11 de abril de 2011

## O ZEN E A ARTE DE VIAJAR



(Foto de Maurício Andrés)

“O Zen e a arte de viajar”, foi tema de uma palestra no Centro de Budismo Ocidental, em Kathmandu, no Nepal.

Sentados no chão, vinte alunos ocidentais vindos da Europa, da Austrália, dos Estados Unidos e do Brasil escutavam atentos as explicações do jovem instrutor.

“Somos todos viajantes, estamos aprendendo na grande universidade da vida, sem currículos e diplomas. Viajar é um grande aprendizado. A viagem nos possibilita a vivência do agora, o desapego e a aceitação das mudanças da vida. Somos viajantes e temos que nos submeter às diferenças climáticas e culturais, também aos espaços sem conforto”.

- “As mudanças são necessárias para o nosso crescimento”, nos diz o jovem inglês. A partir das mudanças externas, uma outra viagem descortina-se para nós, a viagem para dentro de nós mesmos. Viajar com disposição de aprender acelera o nosso processo de autoconhecimento. Em busca do Conhecimento, os sábios antigos andavam a pé pelo país, peregrinando de cidade em cidade.

Só o fato de sair da rotina coloca-nos mais atentos ao momento presente, ao novo que surge a cada instante. Compreender a impermanência é um aprendizado de vida. Quando estamos viajando mudamos de cenário a cada momento e isso nos ajuda a aceitar a impermanência física, psicológica e mental. As coisas que aconteceram ontem não existem mais, cada minuto que passa desaparece no vazio.

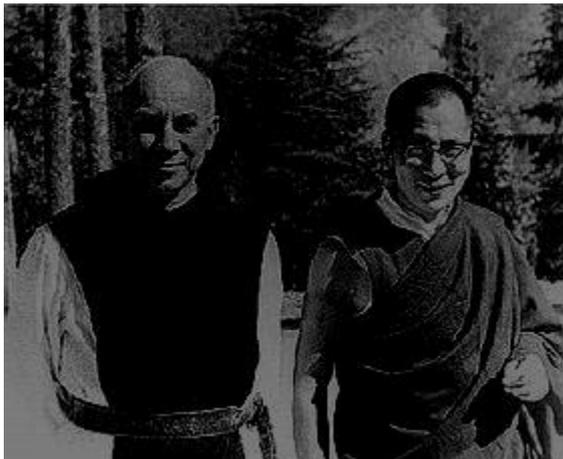
Viajar é bom para autodescoberta. Ficamos sabendo como somos quando arrumamos nossas malas. Quanto maior for a nossa bagagem, maior é a nossa insegurança. Queremos levar tudo, carregar a proteção nas costas e cruzar o rio da vida com nossos pertences. São eles, roupas, sapatos, compras, livros, remédios... Eu observava o despojamento das pessoas em torno e ficava admirada.

- “Mas, a sua bagagem é só isso? Um cobre leito, dois vestidos e uma sandália?”

Ali não havia preocupação com o consumo. As pessoas querem aprender a viver e a conscientizar-se da vida, sem ilusão de acumular coisas. O despojamento traz sempre grande liberdade. A simplicidade é a tônica. O não consumismo é a grande sabedoria.

18 de outubro de 2012

## THOMAS MERTON, CRISTIANISMO E BUDISMO



(Foto da internet)

Os inúmeros templos de Bangkok são famosos no mundo inteiro. A experiência de vê-los de perto, em seu deslumbrante lirismo, despertou-nos uma emoção quase musical. A mesma motivação que em um país inspira a sobriedade, em outros manifesta-se como uma explosão colorida. A arquitetura dos templos de Bangkok parece uma festa de cores. Há unidade comovente dentro da multiplicidade de enfeites e formas rebuscadas. As torres são apelos para o estado supremo de iluminação pretendido pelo Budismo. Subimos escadas estreitas que lembram os degraus da difícil ascese do homem em direção ao desapego, à paciência e a renúncia. Lá embaixo, monges budistas com cabeças raspadas, vestidos de túnicas alaranjadas, seguiam o exemplo de Buda, o príncipe Sidarta, que renunciou à vida de conforto e riqueza para realizar o seu propósito. A renúncia para eles significa a busca pela libertação e o encontro com o Nirvana. É o dissipar da ilusão, a permanente vigilância e a plena atenção ao momento presente.

A suntuosidade dos tempos, as flores de porcelana incrustadas nas torres, formavam um contraste com a humildade dos monges.

As escadas dos templos de Bangkok fizeram-me refletir sobre a ascese das diversas doutrinas, consideradas como degraus para se alcançar o infinito. Lá embaixo, os pequenos sinos vendidos nas barracas tocavam festivos ao sabor do vento. Tinham a mesma configuração das torres. Eram leves e pareciam querer levantar voo. As escadas circundando o templo, a forma de sino de algumas torres, a hierarquia das religiões, lembraram-me um outro monge cujos passos ressoaram nessas pedras. Vestia-se como os trapistas cristãos ocidentais e trazia ao oriente a mensagem de Cristo. Veio em missão de paz, buscando, naquelas terras distantes, a harmonia com seus ideais de perfeição. Descobriu que os diversos caminhos eram apenas linguagens diferentes, mas em suas

camadas mais profundas, continham a mesma verdade. Esteve no oriente procurando nos mosteiros o entrosamento com suas inspirações ocidentais.

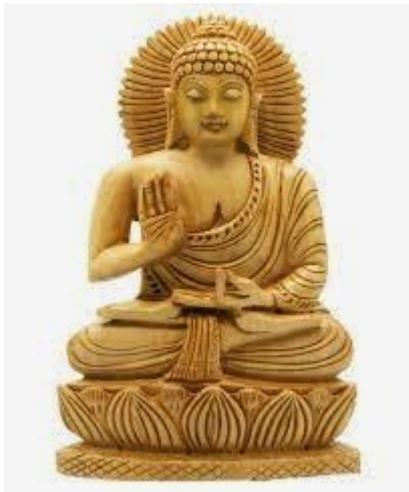
Thomas Merton, conhecido monge cristão, autor dos livros: Homem algum é uma ilha, Montanha dos sete patamares e Zen e as aves de Rapina, morreu subitamente em Bangkok. Sua visita aos mosteiros orientais, seus estudos sobre o Taoísmo apresentando ao ocidente A Via de Chuang Tzu, revelaram-nos o Thomas Merton interessado profundamente na aproximação de diversos caminhos.

O grande pensador cristão sentiu-se atraído pela profundidade do pensamento oriental e de certo modo precedeu a atual busca da unidade de todas as religiões. Ele nos mostrou que o simples fato de nos apegarmos a uma visão parcial e tentarmos colocar nossos condicionamentos como a única verdade significa obscurecer a verdade. As considerações de Thomas Merton para o livro taoísta De Chuang Tzu estão acima das limitações impostas pelo radicalismo religioso. Não existem regras matemáticas para a vida. Dentro de nós há uma energia que é comum a todos os nossos irmãos. No entanto as buscas diferem como diferem as situações e a intensidade dos impulsos.

Thomas Merton, através de seus livros buscou uma aproximação com seus irmãos orientais, sem querer modificá-los ou converte-los ao cristianismo.

17 de janeiro de 2011

## CELEBRAÇÃO BUDISTA AOS MORTOS



(Foto da Internet)

Meu primeiro encontro com o oriente e com a visão budista da vida e da morte ocorreu em Honolulu, quando ali estive em 1970, de passagem para o Japão.

À noite, num bairro distante de Honolulu, celebrava-se uma cerimônia budista. O templo era semelhante aos nossos cristãos, com um grande altar central rebuscado de ornamentações de ouro. Embaixo, sob o incenso e defumadores, os devotos acendiam velas e curvavam-se respeitosamente diante da imagem dourada de um santo com os olhos semicerrados. Era Gautama, o Buda, nascido na Índia há dois mil e quinhentos anos atrás, e que, através de jejuns e meditações, conseguiu atingir o estado mais perfeito que um ser humano pode alcançar. Todo o Extremo-Oriente procura seguir os seus passos, e ali, no meio da Polinésia, sua voz continuava a ser ouvida. A cerimônia dos mortos reunia japoneses de todas as ilhas era celebrada, em forma de rodízio, em diferentes templos. Tivemos a oportunidade de nos misturar aos budistas, como espectadores silenciosos das cenas, que se desenrolavam.

A cerimônia atravessava a noite, ao ar livre, no pátio em frente à igreja, e um sacerdote ao centro, no interior de um púlpito, comandava as danças e os cantos. Vestidos a caráter, quimonos apertados na cintura em faixas e laços, sandálias por cima de meias brancas, os japoneses dançavam.

Levavam os filhos pequenos que também batiam palmas e acompanhavam o lento caminhar do círculo. Cantavam, em ritmo cadenciado, lembrando os mortos e alegrando-se porque eles continuavam vivos na memória dos que ficaram.

No culto aos mortos não existe tristeza, e sim, um sentimento de paz e de quietude interior. Para nós ocidentais chegava a ser monótono o ritmo sem transbordamentos do

povo que cantava. Sentada nas escadas de pedra do templo budista, assisti a uma cerimônia estranha, ponto de partida para novas experiências a serem vividas mais adiante no continente asiático. Mais tarde, nas minhas caminhadas pelo Nepal e nos estudos feitos com os lamas tibetanos, pude completar essa primeira impressão de viagem: “Morrer é natural”, dizia o Lama, “o importante é morrer com alegria.”

16 de outubro de 2014

## REFLEXÕES SOBRE O JAPÃO



(Foto da internet)

Em 1945 quando terminou a segunda grande guerra mundial, um momento de silêncio pairou sobre a terra. Do outro lado do mundo duas cidades japonesas haviam sido devastadas pela bomba atômica. Naquele tempo não havia televisão, internet e celulares, tínhamos notícias pelo rádio e os jornais. A guerra terminara, com o sacrifício de milhares de inocentes.

Hoje, com os avanços dos meios de comunicação, imagens impressionantes de destruição chegam até nós. O tsunami negro, ameaçador, vai engolindo tudo em sua passagem: barcos, casas, pontes, estradas, o chão vai se abrindo, crateras surgem no meio do caminho e uma população heroica obedece a ordem que a situação de calamidade começa a exigir. O japonês supera as dificuldades com muita dignidade, inerente ao seu caráter. São impressionantes as manchetes:

“Uma falha na crosta terrestre, devido ao encontro de duas placas tectônicas, provoca um terremoto e tsunami no Japão.”

“O terremoto e o tsunami no Japão foram os maiores na história do país.”

“Toda a costa do Pacífico está em estado de alerta.”

“Japão confirma explosão e vazamento radioativo na zona nuclear.”

Enquanto escuto as notícias pela internet e televisão, dando detalhes impressionantes da energia da natureza e o seu terrível poder de destruição, vou refletindo sobre os perigos de nossa era tecnológica e os avanços do mundo explorando energias ameaçadoras. De minha casa eu posso ver as ogivas nucleares sendo ameaçadas e a bomba de Hiroshima volta à minha memória. As bombas trouxeram a morte e a destruição para duas cidades japonesas hoje reconstruídas pelo poder e a coragem de um povo heroico no sofrimento.

Revejo também a minha viagem ao Japão em 1970, quando aderi a um grupo de

assistentes sociais que se dirigiam à Expo- 70.

O Japão assimilou a civilização ocidental e, apesar da conservação de hábitos tradicionais, houve simultaneamente uma aceleração de seu progresso. Perdura o culto às imagens na tradição dos templos budistas: águas jorrando das fontes sagradas, nuvens de incenso e velas acesas.

O artista japonês não se despersonaliza quando assume o Ocidente, porque o espírito oriental é revelado através da sensibilidade, da inventividade e da intuição, que supera a razão. Talvez, por isso mesmo, suas pinturas emocionem tanto o homem receptivo à Realidade Espiritual.

Enquanto o mundo ocidental preocupava-se com o homem, e o renascimento rendia-lhe verdadeiro culto como centro do universo, o oriente silenciosamente engrandecia a natureza. As grandes paisagens, em rolos enormes, dos museus de Kyoto e Tóquio, são testemunhas de uma arte sempre renovadora. De sua influência sobre o Ocidente nasceu a pintura informal.

Nikko é uma espécie de Teresópolis do Japão. Situada no alto de uma montanha com hotéis pitorescos é um local de férias. Ao longo da estrada observávamos palácios e castelos japoneses de vários andares, torres superpostas entre a exuberante vegetação. Atravessamos um túnel que nos levava ao outro lado da montanha, aos terraços onde podíamos ver as cachoeiras. Máquinas a tiracolo levantavam-se e ouvia-se um repetido bater de fotos.

O japonês preserva cuidadosamente seus recantos de meditação. Esses são templos, onde a natureza é o altar para o encontro com a eternidade. Na tranquilidade desses jardins a alma recebe como benção o mistério nascido da terra.

A pedra em seu silêncio nos conta histórias do passado.

Ela não se reproduz como a planta. Existe. Quando foi criada? Ninguém sabe. E neste sentido de eternidade a pedra é mística e tem significado profundo.

Em Kyoto, os jardins de pedras sem plantas, são despojados como a doutrina Zen. O Zen- budismo foi a alma da arte japonesa.

Essas lembranças continuam vivas em minha memória e é com imenso pesar que vejo um povo com tanta espiritualidade e sensibilidade para a arte, passar por uma prova tão difícil.

18 de março de 2011